REVISTA

DE

PORTUGAL

EÇA DE QUEIROZ

DIRECTOR

1.º DE OUTUBRO, 1889

Pag. 389 — As minas de Salomão, romance de Ridder Haggard, traduzido do inglez..... E. Q.

» 429 — A Cavallaria portugueza na Edade Média..... Christovam Ayres.

» 440 — *Vorrei morire*..... Medeiros e Albuquerque.

» 442 — Um economista portuguez..... Rodrigues de Freitas.

» 467 — Destinos politicos do Brazil..... Eduardo Prado.

» 492 — Os filhos de D. João I..... Oliveira Martins.

» 512 — Chronica financeira.

LUGAN & GENELIOUX

EDITORES

PORTO

Volume I. **Numero 4.**

Summario do numero do 1.º de setembro

Cartas de Fradique Mendes..... Eça de Queiroz.
Os filhos de D. João I..... Oliveira Martins.
Á memoria do insigne historiador e poeta portuguez Alexandre Herculano... Fernando Leal.
A Epopêa da Humanidade..... Theophilo Braga.
Um economista portuguez..... Rodrigues de Freitas.
A cavallaria portugueza na Edade média. Christovão Ayres.
Boletim bibliographico.

Collaboradores brazileiros da REVISTA DE PORTUGAL

Alberto d'Oliveira.
Aureliano de Campos.
Barão de Rio Branco.
Capistrano d'Abreu.
Domicio da Gama.
Eduardo Prado.
Ferreira d'Araujo.
João Ribeiro.
Machado d'Assis.
Medeiros e Albuquerque.
Olavo Bilac.
Raul Pompeia.
Raymundo Correia.
Tancredo de Mello.
Dr. Teixeira de Mello.

A lista completa dos collaboradores brazileiros da **Revista de Portugal** será dada n'um numero subsequente.

THE J. PAUL GETTY CENTER LIBRARY

AS MINAS DE SALOMÃO [1]

(Romance de RIDER HAGGARD, traduzido do Inglez)

Agora que este livro está impresso, e em vesperas de correr o mundo largo, começa a pesar fortemente sobre mim a desconfiança de que, para elle ser aceitavel, muito lhe falta como Estylo e como Historia.

Emquanto á Historia, realmente, não pretendi, nem tentei, metter n'estas paginas tudo o que fizemos e tudo o que vimos na nossa viagem á terra dos Kakuanas. Ha todavia n'esse estranho povo coisas que mereciam exame detalhado e lento:

[1] Apresentando hoje, em conformidade com o Programma da *Revista* (que, através de difficuldades, vamos lenta e progressivamente realisando), a traducção d'uma obra de Litteratura Estrangeira, e escolhendo-a na Litteratura Ingleza, tão rica e tão desconhecida entre nós, démos a preferencia, por motivos muito comprehensiveis, a uma obra de Imaginação, a um Romance que, n'estes ultimos cinco annos, tem em Inglaterra obtido a mais larga e mais duradoura popularidade. Sem ser um d'esses trabalhos de alta litteratura, que se impõem pela elevação das tendencias, pela profundidade e delicadeza da observação, pelo forte e fino estudo da natureza e da vida, e pelo brilho d'uma fórma superior, as *Minas de Salomão,* de Rider Haggard, tiveram centenas de edições, provocaram commentarios sem fim, foram traduzidas nas linguas mais cultas da Europa, e crearam um genero, de que todavia, pela espantosa invenção e pela excellencia da factura, as *Minas* permanecem o inegualavel modelo. A popularidade das *Minas* provém sem duvida de que Rider Haggard, comprehendendo que o meio em que se move o Romance moderno está demasiada e fatigantemente explorado, arrasta o Leitor

— a sua Fauna, a sua Flora, os seus costumes, o seu dialecto (tão aparentado com a lingua dos Zulús), o magnifico systema da sua organisação militar, a sua arte subtil em trabalhar os metaes... Que interessante estudo se faria, além d'isso, com as lendas que ouvi e colleccionei áccrea das armaduras de malha que nos salvaram na batalha de Loo! Que curiosa, tambem, a tradição que entre elles se tem perpetuado sobre os *Silenciosos*, os dois colossos que jazem á entrada das cavernas de Salomão! No emtanto pareceu-me (e assim pensaram o barão Curtis e o Capitão John) que seria mais efficaz contar a historia a direito, e sêccamente, deixando todas estas particularidades sobre a região e sobre os homens para serem tratadas mais tarde, n'um tomo especial, com minudencia e largueza.

Resta-me pois implorar benevolencia para a minha tosca maneira de escrever. Estou mais habituado a manejar a carabina do que a penna — e sempre me foi alheia a fina arte dos arrebiques e floreios litterarios. Talvez os livros necessitem esses floreios e ornatos: não sei, nem possuo auctoridade para o decidir: mas, na minha barbara idéa, as coisas simples são as mais impressionadoras — e mais facilmente se deve acreditar e estimar o livro, que venha escripto com séria e honesta singe-

para muito longe da sua civilisação, dos seus habitos, das suas paixões, do seu scenario habitual, — e lança-o na Africa, na *Africa portentosa*, n'esse secreto e escuro continente, onde, como diz um dos seus exploradores, tudo succede, *o impossivel, e até mesmo o que é possivel!* A Africa todavia com as suas regiões e os seus povos, já em parte popularisados por narrações de viagens, não seria sufficiente para prender o Leitor, se Rider Haggard não tivesse collocado n'esse meio — a acção mais nova e mais estranha, já pelos extraordinarios episodios, já pelas inesperadas revelações da vida negra, já pelas singulares paizagens, já pelo fim a que toda essa acção se dirige, fim tão cheio de mysterio e de irresistivel fascinação. A maioria dos Leitores procura na mera obra de ficção, que serve para encher e encantar as horas livres, alguma coisa *nova e emovente*. Essa *emoção* e essa *novidade* dá-as Rider Haggard — e n'uma fórma litteraria excellente, graciosa, cheia de relevo. Isto decerto trará ás *Minas de Salomão*, em Portugal e no Brazil, o vasto numero de leitores, que por toda a Europa tem grangeado este raro e originalissimo livro.

leza. *Lança aguda não precisa brilho,* diz um proverbio dos Kakuanas: e, movido por este conselho da sabedoria negra, arrisco-me a apresentar a minha historia, núa, lisa, nas suas linhas verdadeiras, sem lhe pendurar por cima, para a tornar mais vistosa, os dourados galões da Eloquencia.

Allão Quartelmar.

CAPITULO I

ENCONTRO COM OS MEUS CAMARADAS

É bem estranho que n'esta minha edade, aos cincoenta e seis annos feitos, esteja eu aqui, de penna na mão, preparando-me a redigir uma historia!

Nunca imaginei que tão prodigiosa occorrencia se pudesse dar na minha vida — vida que me parece bem cheia, e vida que me parece bem longa... Sem duvida, por a ter começado tão cedo! Com effeito, na edade em que os outros rapazes ainda soletram nos bancos da escóla, já eu andava agenciando o meu pão por esta velha colonia do Cabo. E por aqui fiquei desde então, mettido em negocios, em serviços, em travessias, em guerras, em trabalhos — e n'essa dura profissão, que é a minha, a caça ao elephante e ao marfim. Pois, com toda esta diligencia, só ultimamente, ha oito mezes, *arredondei o meu sacco.* É um bom sacco. É um sacco graúdo, louvado Deus. Creio mesmo que é um tremendo sacco! E apesar d'isso, juro, que para o sentir assim, redondo e soante entre as mãos, não me arriscava a passar outra vez os transes d'este terrivel anno que lá vai. Não! Nem tendo a certeza de chegar ao fim com a pelle intacta e com o sacco cheio. Mas eu no fundo sou um timido, detesto violencias, e ando farto, refarto de aventuras!

Como dizia pois, é coisa estranhissima que assim me lan-

ce a escrever um livro. Não está nada no meu feitio ser homem de prosa e de letras — ainda que, como outro qualquer, aprecio as bellezas da Santa Biblia e gózo com a *Historia do Rei Arthur e da sua Tavola Redonda.* No emtanto tenho razões, e razões consideraveis, para tomar a penna com esta mão inhabil que ha quasi cincoenta annos maneja a carabina. Em primeiro logar, os meus companheiros, o barão Curtis e o digno Capitão da Armada Real John Good (a quem chamo por habito « o Capitão John ») pediram-me para relatar e publicar a nossa jornada ao Reino dos Kakuanas. Em segundo logar, estou aqui em Durban, estirado n'uma cadeira, inutilisado para umas semanas, com os meus achaques na perna. (Desde que aquelle infernal leão me traçou a côxa de lado a lado, fiquei sujeito a estas crises, todos os annos, ordinariamente pelos fins do outono. Foi em fins de outono que apanhei a trincadella. É duro que depois de um homem matar, no decurso da sua honrada carreira, quarenta e cinco leões, seja justamente o ultimo, o quadragesimo sexto que o file e use d'elle como de tabaco que se masca. É duro! Quebra a rotina, a estimavel rotina — e para mim, pessoa d'ordem, qualquer surpreza me sabe peor do que fel). Em terceiro logar, além d'encher os meus ocios, componho esta historia para meu filho Henrique, que está em Londres, interno no hospital de S. Bartholomeu, estudando Medicina. É uma maneira de lhe mandar uma longuissima carta que o entretenha e que o prenda. Serviço de doentes, n'uma enfermaria abafada e lobrega, deve pesar intoleravelmente. Mesmo o retalhar cadaveres termina por ser uma rotina, rica em monotonia e tedio: — e assim esta historia, onde tudo ha menos tedio, vai por uns dias levar ao meu rapaz uma saudavel e alegre sensação de aventuras, de viagens, de força e de vida livre. E emfim, como ultima razão, escrevo esta chronica, por ser, sem duvida, a mais extraordinaria que conheço — na Realidade ou na Fabula. Digo « extraordinaria » mesmo para os Leitores profissionaes de Romances — apesar de n'ella não haver mulheres, além da pobre Fulata. Ha Gagula, sim. Mas esse monstro tinha cem annos, pouca fórma humana, e não sen-

sibilisa. Em todas estas duzentas paginas, realmente, não passa uma *saia*. E todavia, assim escasso como é nas graças do Feminino, não creio que exista um caso mais raro e mais captivante.

A unica vez que tive de fazer publicamente uma narração foi diante dos Magistrados, no Natal, quando depuz como testemunha sobre a morte dos nossos serviçaes Khiva e Vanvogel. Por essa occasião comecei assim, muito dignamente, com approvação de todos, com louvores do periodico de Durban: — « Eu, Allão Quartelmar, residente em Durban, no Natal, *gen-* « *tleman*, declaro e juro que... » — Não me parece porém que seja esta a adequada maneira de principiar um livro. Além d'isso posso eu affirmar, em typo de imprensa, que « sou um *gentleman?* » O que é um *gentleman?* O que é ser *gentleman?* Conheço aqui Cafres nús que *o são:* e conheço cavalheiros chegados de Inglaterra, com grandiosas malas e anneis d'armas nos dedos, que *o não são*. Eu, pelo menos, nasci *gentleman* — apesar de me ter volvido depois n'um pobre e simples caçador de elephantes. Ora, se n'essa carreira e nos acasos que ella me trouxe, permaneci sempre *gentleman*, não me compete a mim avaliar. Deus sabe que com valente esforço procurei conservar-me *gentleman* — como nascera. Tenho morto, é certo, muito homem: mas estas duas mãos, bem haja a minha fortuna, estão puras de sangue inutil. Matei para que não me matassem. O Senhor deu-nos as nossas vidas, como sagrados depositos que lhe pertencem e que devemos defender. Guiei-me sempre por este principio: e conto que o bom Deus, um dia, me dirá lá em cima — « *Fizeste bem, Quartelmar!* » Este mundo, meus amigos, é aspero de atravessar: e os destinos violentos impõem-se por vezes com uma logica inexoravel. Aqui estou eu, homem ordeiro, timido, bonacheirão, que, constantemente, desde criança, me acho envolvido em carnificinas! Felizmente nunca roubei. Uma occasião, é verdade, abalei com quatro vaccas que pertenciam a um Cafre. Mas o Cafre tinha-me rapinado sordidamente — e desde então essas quatro vaccas trago-as sempre na consciencia. Só quatro vaccas. Pois têm-me pesado mais que uma manada de gado!

Foi ha dezoito mezes, pouco mais ou menos, que encontrei os dois homens que deviam ser meus companheiros n'esta aventura singular á terra dos Kakuanas. N'esse outono, eu andára n'uma grande batida aos elephantes, para lá do districto de Bamanguato. Tudo n'essa expedição me correu mal, e por fim apanhei as febres. Mal me pude ter nas pernas, larguei para as minas de Diamantes (as Diamanteiras), vendi o marfim que trazia, passei o carrão e o gado, desbandei os caçadores, e tomei a diligencia para o Cabo. Ao fim d'uma semana, no Cabo, descobri que o Hotel me roubava infamemente: além d'isso já vira todas as curiosidades, desde o novo Jardim Botanico que ha de certamente conferir grandes beneficios á cidade, até ao novo Palacio do Parlamento que, tenho a certeza, não ha de conferir beneficios nenhuns: de sorte que decidi voltar para o Natal pelo *Dunkeld*, pequeno vapor costeiro que estava nas docas á espera do paquete de Inglaterra, o *Edinburgh Castle*. Tomei passagem, e fui para bordo. N'essa tarde chegou o *Edinburgh Castle:* os passageiros que trazia para o Natal transbordaram para o *Dunkeld*, e levantámos ferro ao pôr do sol.

Entre os passageiros de Inglaterra, que mudaram para o *Dunkeld*, havia dois que me despertaram logo certo interesse. Um d'elles, um homemzarrão de perto de trinta e cinco annos, tinha os hombros mais cheios e os braços mais musculosos que eu até ahi encontrára, mesmo em estatuas. Além d'isso cabellos ondeados e côr d'ouro; barbas ondeadas e côr d'ouro; feições aquilinas e de córte altivo; olhos pardos, cheios de firmeza e de honestidade. Varão esplendido que me fez pensar nos antigos Dinamarquezes. Para dizer a verdade, Dinamarquezes só conheci um, moderno, horrivelmente moderno, que me estafou dez libras: mas lembro-me de ter admirado um quadro, os *Antigos Dinamarquezes*, em que havia homens assim, de grandes barbas amarellas e olhos claros, bebendo n'um bosque de carvalhos por grandes cornos que empinavam á bôca. Este cavalheiro

(vim a saber depois) era um Inglez, um fidalgo, um *baronet*. Chamava-se Curtis — o barão Curtis. E o que me feriu mais foi elle parecer-se extremamente com alguem, que eu encontrára no interior, para além de Bamanguato. Quem?... Não me podia lembrar.

O sujeito que vinha com elle pertencia a um typo absolutamente differente, baixo, reforçado, trigueiro, e todo rapado. Calculei logo pelas suas maneiras que tinhamos alli um official de marinha; e verifiquei depois, com effeito, que era um primeiro tenente da Armada Real, reformado em Capitão-tenente, e por nome John Good. Esse impressionou-me pelo apuro. Nunca conheci ninguem mais escarolado, mais escanhoado, mais engommado, mais envernizado! Usava no olho direito um vidro, sem aro, sem cordel, e tão fixo que parecia natural como a palpebra. Nem um só momento o surprehendi sem aquelle vidro, e cheguei mesmo a pensar que dormia com elle cravado na orbita. Só muito tarde descobri que á noite o mettia no bolso das calças — no mesmo bolso em que guardava a dentadura postiça, a mais bella, a mais perfeita dentadura que me recordo de ter contemplado, mesmo em annuncios de dentistas. E o Capitão, d'estas, possuia duas!

Apenas nos fizemos ao largo, começou o mau tempo. Brisa forte, nevoa humida e fria. Depois cada solavanco (o *Dunkeld*, barco de fundo chato, não levava carga) que não se podia arriscar uma passada confortavel na tolda. De sorte que me recolhi para junto da machina, onde fazia um calorzinho sereno, e alli fiquei olhando para o pendulo, que marcava, com desvios largos, o angulo de balanço do *Dunkeld*.

— Pendulo errado, rosnou de repente uma voz ao meu lado, na sombra da noite que cahia.

Olhei. Era o official de marinha.

— Errado, hein?... Acha? perguntei.

— Acho o que?... Se o vapor se inclinasse quanto marca o pendulo, não se tornava mais a levantar... Aqui está o que eu acho. Mas é sempre assim, com estes capitães de marinha mercante...

Felizmente, n'esse instante, tocou a sineta do jantar, com immenso allivio meu — porque se ha, sob a cupula dos céos, uma coisa temerosa, é a loquacidade d'um official da marinha de guerra, desabafando sobre a inepcia dos officiaes da marinha mercante. Peor do que essa coisa temerosa — só a coisa inversa!

O Capitão John e eu descemos juntos para o salão. O barão Curtis já lá estava, no topo da mesa, á direita do commandante do *Dunkeld*. John accommodou-se ao lado do seu companheiro: eu defronte, onde havia dois talheres desoccupados. Logo depois da sopa o commandante, com a lamentavel mania dos homens de mar, começou a fallar de caça. Primeiramente de caça miuda, de condores e de abutres. Depois passou a elephantes.

— Ah! commandante (exclamou ao lado um patricio meu, de Durban), para elephantes temos presente uma grande auctoridade... Se ha homem em Africa que entenda de elephantes é aqui o nosso companheiro e amigo Allão Quartelmar.

Por acaso, n'esse momento, eu pousára os olhos no barão Curtis; e notei que o meu nome, assim pregoado com a minha profissão, lhe causára emoção e surpreza. John cravou tambem em mim o seu vidro, com uma curiosidade que faiscava. Por fim o barão inclinou-se, através da mesa, e n'uma voz grave e funda, bem propria do robusto peito d'onde sahia:

— Peço perdão, disse, mas é porventura ao snr. Allão Quartelmar que me estou agora dirigindo?

— A elle proprio.

O homemzarrão passou a mão pelas barbas, — e distinctamente, muito distinctamente, o ouvi murmurar: «Ainda bem!»

Não se passou mais nada até ao dôce. Mas fiquei ruminando aquelle espanto e aquelle «ainda bem!»

Depois do café, enchia o meu cachimbo para subir á tolda, quando o barão, com os seus modos sérios e lentos, se adiantou para mim, e me convidou «a passar ao seu beliche, tomar um grog, e conversar...» Aceitei. O barão occupava um camarote de tolda, o melhor do *Dunkeld*, espaçoso, are-

jado, com um sofá, espelhos, e duas largas cadeiras de verga. O Capitão John viera tambem. Todos tres nos sentámos, accendendo os cachimbos, emquanto o moço corria pelos grogs.

Houve primeiramente um silencio. Outro criado entrou, a accender o candieiro. Por fim appareceram os grogs.

O barão Curtis então passou a mão pelas barbas, n'esse geito que lhe era costumado, e voltando-se bruscamente:

— Diga-me uma coisa, snr. Quartelmar... Aqui ha dois annos, por este tempo, esteve n'um sitio chamado Bamanguato, ao norte do Transwaal. Não é verdade?

— Perfeitamente, respondi eu, pasmado de que aquelle cavalheiro se achasse, no seu condado, em Inglaterra, tão bem informado das jornadas que eu fazia no sul d'Africa!

— A negocio, hein? acudiu o Capitão John.

— Sim, senhor, a negocio. Levei uma carregação de fazenda, acampei fóra da feitoria, e lá fiquei até liquidar.

O barão conservou durante um momento pregados em mim os seus olhos cinzentos e largos. Pareceu-me que havia n'elles anciedade e temor.

— E diga-me, encontrou ahi, em Bamanguato, um homem chamado Neville?

— Encontrei. Esteve acampado ao meu lado durante uns quinze dias, a descançar o gado antes de metter para o norte. Aqui ha mezes recebi eu uma carta d'um procurador, perguntando-me se sabia o que era feito d'esse sujeito... Respondi como pude...

— Bem sei! atalhou o barão. Li a sua resposta. Dizia o snr. Quartelmar que esse sujeito Neville partira de Bamanguato, no principio de maio, n'um carrão, com um serviçal e um caçador cafre chamado Jim, tencionando puxar até Inyati, ultima estação na terra dos Matabeles, para de lá seguir a pé, depois de vender o carrão. O snr. Quartel-mar acrescentava que o carrão decerto o vendera elle, porque seis mezes depois vira-o em poder d'um portuguez. Esse portuguez não se lembrava bem do nome do homem a quem o comprára. Sabia só

que era um branco, e que se mettera para o matto com um Cafre...

— É verdade, murmurei eu.

Houve outro silencio, que eu enchi com um sorvo ao grog. Por fim o barão proseguiu, com os olhos sempre cravados em mim, insistentes e anciosos:

— O snr. Quartelmar não sabe quaes fossem as razões que levavam assim esse sujeito Neville para o norte?... Não sabe qual era o fim da jornada?

— Ouvi alguma coisa a esse respeito, murmurei.

E calei-me prudentemente, porque nos iamos avisinhando d'um ponto em que, por motivos antigos e graves, eu não désejava bolir.

O barão voltou-se para o seu companheiro, como para o consultar. O outro, por entre a fumaraça do cachimbo, baixou a cabeça, n'um *sim* mudo. Então o meu homemzarrão, decidido, abriu os braços, desabafou:

— Snr. Quartelmar, vou-lhe fazer uma confidencia! Vou-lhe mesmo pedir o seu conselho, e talvez o seu auxilio... O agente que me remetteu a sua carta afiançou-me que eu podia confiar absolutamente no snr. Quartelmar, que é um homem de bem, discreto como poucos, e respeitado como nenhum em toda a colonia do Natal.

Dei um sorvo tremendo ao cognac, para esconder o meu embaraço — porque sou extremamente modesto.

— Snr. Quartelmar, concluiu o barão, esse sujeito chamado Neville era meu irmão.

— Ah! exclamei.

Com effeito! Agora, agora recordava eu bem com quem o barão se parecia! Era com esse Neville. Sómente o outro tinha menos corpo, e a barba escura. Mas nos olhos havia a mesma franqueza, e havia a mesma decisão.

— Era meu irmão, continuou o barão. Meu irmão mais novo, e unico. Até aqui ha cinco annos, vivemos sempre juntos. Depois um dia, desgraçadamente, tivemos uma questão, uma terrivel questão. E, para lhe dizer a verdade toda, snr. Quar-

telmar, eu comportei-me para com meu irmão da maneira mais injusta! Foi sob o impulso do despeito, da cólera, é certo... Mas em summa comportei-me injustamente.

— Cruelmente, murmurou do lado o Capitão John, que fumava com os olhos cerrados.

— Cruelmente, com effeito. Como o snr. Quartelmar sabe, em Inglaterra, quando um homem morre sem testamento e não tem senão bens de raiz, tudo passa para o filho mais velho. Ora succedeu que meu pai morreu exactamente quando meu irmão Jorge e eu estavamos assim de mal. Herdei tudo: e meu irmão, que não tinha profissão, nem habilitações, ficou sem real. O meu dever, está claro, era crear-lhe uma situação independente. É o que todos os dias se faz em Inglaterra, n'esses casos. Mas por esse tempo a nossa questão estava em carne viva. Eu não lhe offereci nada. Elle tambem, orgulhoso, sobretudo brioso, nada pediu. Assim ficámos, de longe, eu rico e elle pobre... Peço perdão de o fatigar com estes detalhes, snr. Quartelmar, mas preciso pôr as coisas bem claras... Não é verdade, John?

— Escrupulosamente claras! acudiu o outro. De resto o nosso amigo Quartelmar guarda para si esta historia...

— Pudera! exclamei.

— Pois bem, continuou o barão, meu irmão possuia de seu, n'essa época, umas duzentas ou trezentas libras. Um bello dia, agarra n'esta miseria, toma o nome de Neville, e abala para Africa a tentar fortuna! Eu só o soube tarde, mezes depois d'elle ter embarcado. Passaram tres annos. Noticias d'elle, nenhumas. Comecei a andar inquieto. Escrevi-lhe. Naturalmente as minhas cartas não lhe chegaram. E eu cada dia mais afflicto! Para o snr. Quartelmar comprehender tudo bem, deve saber que, desde pequeno, desde o berço, meu irmão foi a forte e grande affeição da minha vida. E por outro lado a nossa questão, assim amarga e aspera por sermos ambos muito novos e muito exaltados, nasceu de quê? D'uma mulher. D'uma mulher cujo nome já quasi me esqueceu. E meu pobre irmão, coitado, se ainda é vivo, não se lembrará mais que eu. Ora aqui tem! E já por isto o snr. Quartelmar comprehende...

— Perfeitamente, perfeitamente...

— Pois bem, descobrir meu irmão passou a ser a minha idéa constante, dia e noite. Mandei fazer aqui, no Cabo, toda a sorte de pesquizas. Um dos resultados, o mais importante, foi a sua carta, snr. Quartelmar. Importante porque me dava a certeza que, mezes antes, meu irmão estava na Africa, e vivo. Desde esse momento decidi vir eu mesmo, pessoalmente, continuar as pesquizas. Agentes, por mais dedicados, mais bem pagos, não têm o interesse de coração: é com o coração justamente que eu conto, com a perspicacia, a inspiração especial que elle ás vezes possue. De resto sempre tencionei visitar as nossas colonias d'Africa... E aqui tem o snr. Quartelmar a minha historia. O mais extraordinario, é que o tivessemos encontrado logo, a si, a pessoa justamente que viu meu irmão vivo, a pessoa justamente a quem eu me ia a dirigir apenas chegasse ao Natal. Quer que lhe diga? Acho bom agouro. Em todo o caso, aqui estou, prompto para tudo, com o meu velho amigo, o Capitão John, companheiro fiel de muitos annos, que teve a dedicação de me acompanhar.

O outro encolheu os hombros, sorrindo, com a sua esplendida dentadura.

— Não havia n'este momento nada interessante a fazer na velha Europa!... Gasta, insipidissima, a velha Europa!

Depois, reenchendo o cachimbo, acrescentou muito sério:

— E agora que o nosso amigo Quartelmar conhece os motivos que nos trazem á Africa, e o interesse que nos prende a esse homem chamado Neville, espero da sua lealdade que não terá duvida em nos dizer tudo o que sabe, ou tudo que ouviu, a respeito d'elle. Hein?

Impressionado, respondi:

— Não tenho duvida, por ser questão de sentimento.

CAPITULO II

PRIMEIRA NOTICIA DAS MINAS DE SALOMÃO

Sacudi a cinza do cachimbo na palma da mão, e comecei, muito devagar, para tudo pôr bem claro e bem exacto:

— Aqui está o que ouvi a respeito d'esse cavalheiro Neville. E isto, que me lembre, nunca, até ao dia d'hoje, o disse a ninguem. Ouvi que esse cavalheiro fôra para o interior á busca das minas de Salomão.

Os dois homens olharam para mim, com assombro:

— As minas de Salomão!? Que minas?... Onde são?

— Onde são, não sei. Sei apenas onde *dizem que estão.* Aqui ha annos vi de longe os dois picos dos montes que, segundo corre, lhes servem de muralha. Mas entre mim e os montes, meus senhores, havia duzentas milhas de deserto. E esse deserto, meus senhores, nunca houve ninguem (quero dizer, homem branco) que o atravessasse, a não ser um, n'outras eras. Porque toda esta historia vem muito de traz, de ha seculos! Eu não tenho duvida em a contar, mas com uma condição: é que os cavalheiros não a hão de transmittir sem minha auctorisação. Tenho para isso razões, e fortes. Estão os cavalheiros de accôrdo?

— Com certeza!

Narrei então longamente tudo o que sabia, historia ou fabula, sobre as minas de Salomão. Foi ha trinta annos que pela primeira vez ouvi fallar d'estas minas a um caçador d'elephantes, um homem muito sério, muito indagador, que recolhera assim, nas suas jornadas através d'Africa, tradições e lendas singularmente curiosas. Tinha-me eu encontrado com elle na terra dos Matabeles, n'uma das minhas primeiras expedições ao interior, á busca do elephante e do marfim. Chamava-se Evans. Era um dos melhores caçadores d'Africa. Foi estupidamente morto por um bufalo, e está enterrado junto ás quedas do Zambeze.

Pois uma noite, sentados á fogueira, no matto, succedeu mencionar eu a esse Evans umas construcções extraordinarias com que casualmente dera, andando á caça do *koodoo* por aquella região que fórma hoje o districto de Lydenburg no Transwaal. Essas obras foram depois encontradas, e aproveitadas até, pela gente que veio trabalhar as minas d'ouro. Mas ninguem (quero dizer, nenhum branco) as tinha visto antes de mim. Era uma estrada enorme, magnifica, cortada na rocha viva, levando a uma galeria sem fim, mettida pela terra dentro, toda de tijolo, e com grandes pedregulhos de minerio d'ouro empilhados á entrada. Obra extraordinaria! E a raça que a fizera — desappareceera, sem deixar um nome, nem outro vestigio de si, além d'aquella estrada e d'aquella galeria, que revelavam um grande saber, uma grande industria e uma grande força!

— Curioso! murmurou Evans. Mas conheço melhor!

E contou-me então que no interior, muito no interior, descobrira elle uma cidade antiquissima, toda em ruinas, que tinha a certeza de ser Ophir, a famosa Ophir da Biblia. Lembro-me bem a impressão e o assombro com que eu escutei a historia d'essa cidade phenicia perdida no sertão d'Africa, com os seus restos de palacios, de piscinas, templos, de columnas derrocadas!... Mas depois Evans ficára calado, scismando. De repente diz:

— Tu já ouviste fallar das serras de Suliman, umas grandes serras que ficam para além do territorio de Machukulumbe, a noroeste?

— Não, nunca ouvi.

— Pois, meu rapaz, ahi é que Salomão verdadeiramente tinha as suas minas, as suas minas de diamantes!

— Como se sabe?

— Como se sabe!? Tem graça! Sabe-se perfeitamente. O que é *Suliman* senão uma corrupção de *Salomão?* O nome das serras, realmente, sempre foi *serras de Salomão*. Além d'isso, uma feiticeira do districto de Manica, uma velha de mais de cem annos, contou-me tudo... Isto é, contou-me que para lá

das serras vive um povo que é da raça dos Zulús, e falla um dialecto zulú: mas como força, e corpulencia, e coragem, vale mais que os Zulús. Pois n'esse povo ha videntes, grandes feiticeiros, que de geração em geração têm trazido o segredo d'uma mina prodigiosa, que foi d'um rei branco, muito antigo, e que ainda hoje está cheia de pedras brancas que reluzem... De sorte que não ha duvida nenhuma.

Para mim havia toda a duvida. As ruinas d'Ophir interessavam-me, como da nossa crença e da Biblia: mas das minas de *pedras brancas que reluzem*, conhecidas em segredo por feiticeiros zulús, teria certamente rido se não fôra o respeito devido a um caçador tão digno comò Evans. De madrugada Evans partiu, a acabar tristemente nas pontas d'um bufalo. E não pensei mais em Salomão, nem nas suas minas de diamantes.

Aqui ha vinte annos porém, n'um encontro muito singular que tive no districto de Manica, de novo ouvi fallar das minas de Salomão, e d'um modo que para sempre me devia impressionar. Era n'um sitio chamado a «aringa de Sitanda». Não ha peor em toda a Africa. Fructa nenhuma, caça nenhuma, tudo sêcco, tudo triste — e os pretos vendem os ossos d'um frango por fazenda que vale uma vacca.

Apanhei lá um ataque de febre, e estava fraquissimo, enfastiadissimo, quando me appareceu um dia um portuguez de Lourenço Marques, acompanhado por um serviçal mestiço. Entre os portuguezes de Lourenço Marques — ha soffrivel e ha pessimo. Mas este era dos melhores que eu vira — um homem muito alto e muito magro, de bellos olhos negros, os bigodes já grisalhos todos retorcidos, e umas manciras graves que me fizeram pensar nos velhos fidalgos portuguezes que aqui vieram ha seculos e de que tanto se lê nas historias. Conversámos bastante n'essa noite, porque elle fallava um bocado de mau inglez, eu um bocado de mau portuguez; e soube que se chamava José Silveira, e que possuia uma fazenda ao pé da cidade, em Lourenço Marques.

Na manhã seguinte, cedo, antes de partir com o mestiço

acordou-me para se despedir, de chapéo na mão, cortez e grave como os antigos, os que tinham *Dom*.

— Até mais vêr, camarada!

— Boa viagem! até mais vêr!

O homem conservava, pregados em mim, os grandes olhos negros que rebrilhavam. Depois acrescentou muito sério:

— Se nos tornarmos outra vez a encontrar, hei de ser a pessoa mais rica d'este mundo! E póde contar, camarada, que não me hei de esquecer de si!

Nem ri. Estava muito debilitado para rir. Fiquei estirado na manta olhando para o estranho homem que, a grandes passadas, com a cabeça alta e cheia de esperança, se mettia pelo matto dentro.

Passou uma semana, e melhorei da febre. Uma tarde achava-me sentado no chão defronte da barraca, rilhando a ultima perna d'um d'esses frangos que os pretos me vendiam por chita do valor d'uma vacca, e pasmando para o enorme disco do sol que descia ao fundo do deserto — quando de repente avistei, escura sobre a vermelhidão do poente, n'uma elevação de terreno, a figura d'um homem que era certamente europeu porque trazia um casacão comprido. No momento mesmo em que eu dera com os olhos n'elle, o homem oscilla, cae de bruços e começa a arrastar-se pelo chão, lentamente! Com um esforço desesperado, ainda se ergueu, e tentou pelo comoro abaixo alguns passos que cambaleavam. Por fim tombou de novo, e ficou estirado, como morto, contra um tufo de tojo alto. Gritei a um dos meus caçadores que acudisse. E quando elle voltou, amparando o homem nos braços — quem hei de eu vêr? O José Silveira!

José Silveira — ou antes o seu miseravel esqueleto, com todos os ossos rompendo para fóra da pelle, mais sêcca que pergaminho e amarella como gema de ovos. Os olhos saltavam-lhe da cara, á maneira de dois bugalhos de sangue. E o cabello que eu lhe vira grisalho, vinha branco, todo branco como uma bella estriga de linho.

— Agua! gemeu elle. Agua, pelas cinco chagas de Christo!

O infeliz tinha os beiços horrivelmente estalados, e entre elles a lingua pendia-lhe, toda inchada e toda negra! Dei-lhe agua com leite, de que bebeu talvez dois quartilhos, a grandes sorvos, e sem parar. Foi necessario arrancar-lhe a vasilha. Depois cahiu de costas, rompeu a delirar. Ora gemia, ora gritava. E era sempre sobre as serras de Suliman, os diamantes e o deserto!

Levei-o para dentro da tenda: e, com o pouco que tinha, fiz o pouco que podia. O homem estava perdido. Rente da meia noite soccgou. Eu, esfalfado, adormeci. Acordei de madrugada; e, ao primeiro alvor da luz, dou com elle (fórma sinistra!) de joelhos, á porta da barraca, de olhos cravados para o longe, para o deserto! N'esse instante, um raio de sol que nascia frechou através do vasto descampado, e foi bater ao fundo, a cem milhas de nós, o pico mais alto das serras de Suliman. O homem soltou um grito, atirou desesperadamente para diante os dois braços de esqueleto:

— Lá estão ellas, Santo Deus, lá estão ellas!... E dizer que não pude lá chegar! Parecem tão perto! Logo alli, uns passos mais... E agora acabou-se, estou perdido, ninguem mais póde lá ir!

De repente emmudeceu. Depois virou para mim, muito devagar, a face livida e como esgazeada por uma idéa brusca.

— Ó camarada, onde está vossê?... Já o não distingo, vai-me a fugir a vista!

— Estou aqui; socegue, homem.

— Tenho tempo para socegar, tenho toda a eternidade! Escute. Eu estou a morrer. Vossê tem sido bom commigo, camarada... E para que havia eu de levar o segredo para debaixo da terra? Ao menos alguem se aproveita! Talvez vossê lá possa chegar, se conseguir atravessar esse deserto que matou o meu pobre criado, que me está a matar a mim...

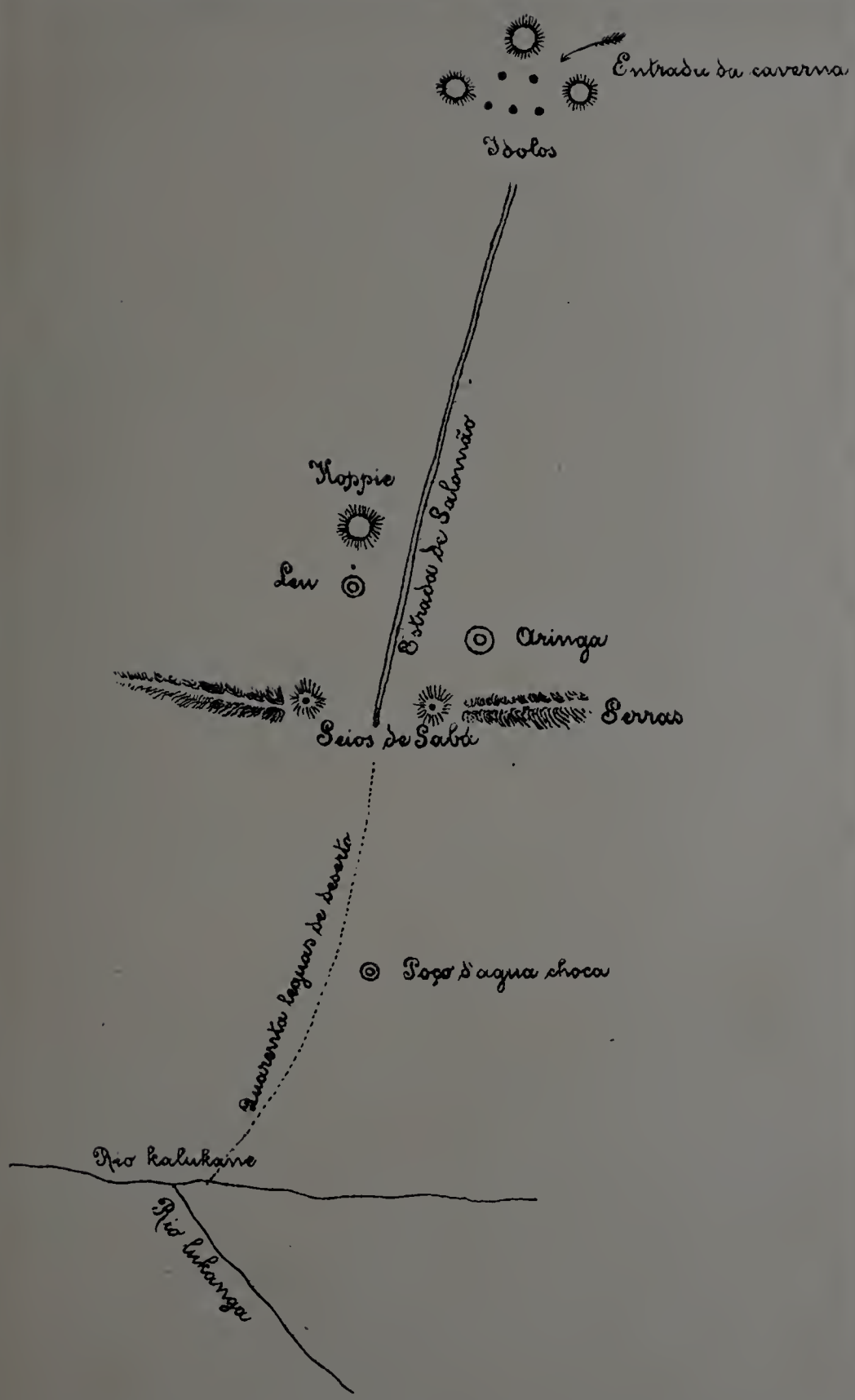
Começou então a procurar tremulamente dentro do peito da camisa. Tirou por fim uma especie de bolsa de tabaco, já velha, apertada com uma correia. Estava tão fraco que as suas pobres mãos nem puderam desfazer o nó. Fez-me um gesto, um

gesto exhausto, para que eu o desatasse. Dentro havia um farrapo de linho amarellado, com linhas escriptas, n'um tom antiquissimo, de côr de ferrugem. E dentro do farrapo estava um papel dobrado.

— O papel, murmurou elle n'uma voz que se extinguia, é a cópia do que está escripto no trapo. Levou-me annos a decifrar, a entender... Foi um antepassado meu, um dos primeiros portuguezes que viram a Lourenço Marques, que escreveu isso, quando estava para morrer acolá n'aquellas serras. Chamava-se D. José da Silveira, e já lá vão trezentos annos... Um escravo que ia com elle, e que ficára a esperar, do lado de cá do monte, vendo que o amo não voltava procurou-o, foi dar com elle morto, e trouxe para Lourenço Marques o bocado de linho que tinha letras. Desde então ficou guardado na nossa familia. Ha trezentos annos! E ninguem pensou em o decifrar até que eu me metti n'isso... Custou-me a vida. Mas talvez outro consiga. Talvez outro chegue lá, ás malditas serras! Será então o homem mais rico d'este mundo! O mais rico, o mais rico! Tente vossê, camarada... Não dê o papel a ninguem! Vá vossê!

As ultimas palavras sahiram como um debil sopro. Cahiu de costas, recomeçou a delirar. D'ahi a uma hora tudo acabou. Deus tenha a sua alma em descanço! Morreu serenamente, sem esforço e sem dôr. Por minhas mãos o enterrei, bem fundo na terra, com fortes pedregulhos por cima do peito. Ao menos assim não darão com elle os chacaes.

Foi ao pé da cova, onde o desgraçado jazia, que examinei o documento. Era, como disse, um farrapo de linho, rasgado d'uma fralda de camisa e do tamanho d'um palmo. No topo tinha os traços de um mappa, ou de um roteiro, rapidamente e toscamente lançados. Era pouco mais ou menos isto:


Entrada da caverna
Idolos
Estrada de Salomão
Kossie
Lew
Aringa
Serras
Seios de Saba
Quarenta leguas de deserto
Poço d'agua choca
Rio kalukaine
Rio lukanga

Por baixo vinham linhas escriptas, n'uma letra muito antiga e côr de ferrugem. Para mim eram inintelligiveis. Mas o papel continha a decifração, e dizia assim:

«Estou morrendo de fome, n'uma cova da banda norte «d'um d'estes montes a que dei o nome de «Seios de Sabá», «no que fica mais a sul. Sou D. José da Silveira, e escrevo «isto no anno de 1590, com um pedaço d'osso, n'um farrapo «da camisa, tendo por tinta o meu sangue. Se o meu escravo «aqui voltar, reparar n'este escripto, e o levar para Lourenço «Marques, que o meu amigo [*aqui um nome illegivel*], logo «pela primeira nau que passar para o Reino, mande estas coisas «ao conhecimento d'El-Rei, para que Elle remetta uma armada «a Lourenço Marques, com um troço de gente, que se conse-«guir atravessar o deserto, vencer os Kakuanas que são valen-«tes, e desfazer os seus feitiços (devem vir muitos missiona-«rios) tornarão Sua Alteza o mais rico Rei da Christandade. «Com meus proprios olhos vi os diamantes sem conto amontoa-«dos n'um subterraneo que era o deposito dos thesouros de «Salomão, e que fica por traz d'uma figura da Morte. Mas por «traição de Gagula, a feiticeira dos Kakuanas, nada pude tra-«zer, apenas a vida! Quem vier siga o mappa que traci, e «trepe pelas neves que cobrem o Seio de Sabá, o esquerdo, até «chegar ao cimo, d'onde verá logo, para o lado norte, a grande «calçada feita por Salomão. D'ahi siga sempre, e em tres dias de «marcha encontrará a aringa do rei. Quem quer que venha que «mate Gagula. Rezem pelo descanço da minha alma. Que El-Rei «Nosso Senhor seja logo avisado. Adeus a todos n'esta vida!»

Tal era o extraordinario documento que textualmente li ao barão Curtis e ao Capitão, porque trazia sempre commigo (e ainda trago) uma traducção d'elle, em inglez, na carteira.

Quando acabei, os dois amigos olhavam para mim, mudos de espanto. Por fim o Capitão, com o leve suspiro de quem repousa d'uma prolongada emoção, bebeu um trago de grog — e mais sereno:

— O nosso amigo o snr. Quartelmar não nos tem estado a intrujar?

*

Metti com força o papel na algibeira, e, erguendo-me, repliquei sêccamente:

— Se os cavalheiros assim pensam, não me resta mais nada senão desejar-lhes muito boas noites!

O barão acudiu, pousando-me no hombro a sua larga mão:

— Pelo amor de Deus, snr. Quartelmar! Nem John, nem eu duvidamos da sua veracidade. Mas, emfim, tenho ouvido dizer que aqui na colonia é coisa corrente e bem aceita troçar um pouco os que chegam, os *novatos* d'Africa... E depois essa historia é tão extraordinaria!

Insisti, ainda offendido:

— O original escripto pelo velho fidalgo no farrapo de camisa, tenho-o em Durban! Será a primeira coisa que lhes hei de mostrar em chegando!... Não ha uma palavra...

O barão atalhou gravemente:

— Toda a palavra do snr. Quartelmar é coisa séria, e como tal a tomamos.

Durante um momento ficámos calados. Eu serenei. Por fim o barão, que dera sobre o tapete do beliche alguns passos pensativos, parou diante de mim:

— E meu irmão? Como soube o snr. Quartelmar que meu irmão tentou tambem essa jornada ás minas?

Narrei então o que me succedera com esse sujeito Neville, quando estavamos acampando, lado a lado, em Bamanguato. Eu não o conhecia; nem então começámos relações, apesar de termos o gado junto. Mas conhecia perfeitamente o serviçal que o acompanhava, um chamado Jim. Era um Bechuana, excellente caçador — e, para Bechuana, esperto, consideravelmente esperto! Na manhã em que Neville devia metter-se para o sertão, vi Jim, ao pé do meu carrão, cortando folhas de tabaco.

— Para onde é essa jornada, Jim? perguntei eu, sem curiosidade, só para mostrar interesse ao rapaz. Ides a elephantes?

Jim mostrou os dentes todos, n'um riso vivo:

— Não, patrão. Vamos a coisa melhor que marfim.

— Melhor que marfim!? Ouro?

— Melhor que ouro! murmurou elle, arreganhando mais a dentuça.

Calei-me, porque não convinha á minha dignidade de patrão e de branco revelar curiosidade diante d'um Bechuana. Confesso, porém, que fiquei intrigado. D'ahi a pouco Jim acabou de cortar o tabaco. Mas por alli se quedou, rondando, coçando devagar os cotovêlos, á espera, com os olhos em mim. Não dei attenção.

— Ó patrão! murmurou elle, n'uma ancia de desabafar.

Permaneci indifferente, por dignidade. Elle tornou:

— Ó patrão!

— Que é, homem?

— Vamos á procura de diamantes, patrão! atirou-me elle ao ouvido.

— Diamantes!? Boa! Então ides para o lado opposto. Devieis metter direito ao sul, para as Diamanteiras.

O Bechuana baixou mais a voz:

— Ó patrão! Já ouviu fallar das serras de Suliman? Pois lá é que estão os diamantes. O patrão nunca ouviu?

— Tenho ouvido muita tolice na minha vida, Jim.

— Não é tolice, patrão. Eu conheci uma mulher que veio de lá, com um filho, e que vivia no Natal. Morreu ha annos, o filho por lá anda. E foi ella que me disse tudo. Ha lá diamantes!

— Olha, Jim, o que te digo é que teu amo vai dar de comer aos abutres, que andam por lá esfomeados. E tu, essa pouca carne que tens nos ossos tambem vai d'aqui direitinha aos abutres!

O homem teve outro riso fino:

— A gente tem de morrer, e eu não desgósto de experimentar terras novas. O elephante por aqui já não rende. O Bechuana cá vai para os diamantes, e o Bechuana vai cantando!

— Pois quando a morte te agarrar pelas guelas, veremos então se ainda canta o Bechuana!

Jim abalou. D'ahi a meia hora o carrão do snr. Neville

poz-se em marcha para o norte. Mas não rodára ainda dez jardas, quando Jim voltou para traz, a correr.

— Adeus, patrão! exclamou. Não me quiz ir de todo sem lhe dizer adeus, porque me parece que o patrão tem razão, e que nunca mais cá voltamos!

— Ouve cá, Jim, teu amo vai com effeito ás serras de Suliman, ou tudo isso é patranha?

O Bechuana jurou que não contava patranhas. O amo ia realmente em demanda das serras e das minas que estavam para além. Ainda na vespera o amo dissera que, para tentar fortuna na Africa, tanto montava ir em cata de diamantes, como de ouro ou de ferro. Tudo dependia da sorte, porque no torrão tudo havia. Assim elle ia aos diamantes, que era o mais rapido para enriquecer — ou para morrer.

Reflecti um momento.

— Escuta, Jim. Vou escrever umas palavras a teu amo. Mas has de prometter que não lh'as entregas senão em chegando a Inyati!

Inyati ficava d'ahi a umas quarentas legoas. O Bechuana prometteu.

Rasguei um bocado de papel da carteira, escrevi a lapis estas linhas: « Quem vier... trepe pelas neves que cobrem o Seio « de Sabá, o esquerdo, até chegar ao cimo, d'onde verá logo, « para o lado norte, a grande calçada feita por Salomão. »

— Bem! Ora agora, Jim, quando deres este papel a teu amo dize-lhe que lh'o manda quem sabe, e que siga bem a indicação! Mas ouviste? Só lh'o dás quando chegares a Inyati; que eu não quero que elle me volte para traz e me venha fazer perguntas! Entendeste? Então abala, madraço, que o carrão come caminho!

Jim agarrou o bilhete e largou a correr. D'ahi a pouco o carrão sumiu-se por traz das collinas. E isto, em verdade, era tudo o que eu sabia a respeito d'esse sujeito Neville.

Mal eu acabára, o barão, sem hesitar, e com perfeita simplicidade, disse:

— Snr. Quartelmar, vim á Africa procurar meu irmão.

Desde que alguem o viu pondo-se em marcha para as serras de Suliman, o que devo a mim mesmo é marchar tambem para esse lado. Póde ser que o encontre; ou que venha a saber que morreu; ou que volte sem nada saber, na antiga incerteza; ou que não volte, como o velho fidalgo. Em todo o caso o meu dever, desde que me impuz esta tarefa, é tomar o caminho que meu irmão tomou. E agora pergunto eu: quer o snr. Quartelmar vir commigo?

Tambem não hesitei. Foi logo, de golpe:

— Muitissimo obrigado, snr. barão! Se tentassemos atravessar as cordilheiras de Suliman, ficavamos lá como os dois Silveiras. Eis a minha candida convicção. Ora ha em Londres um pobre rapaz que anda nos seus estudos, que é meu filho, e que me não tem senão a mim n'este mundo. E por elle, se não já por mim, não me convém por ora morrer. Em todo o caso agradeço a sua lembrança. É de amigo!

O barão voltou-se para o seu companheiro, com um ar profundamente desconsolado, e que quasi commovia n'aquelle homem tão robusto e tão nobre. O outro murmurou: — « É pena, grande pena! »

— Snr. Quartelmar! exclamou então o barão. Quando eu me metto n'uma empresa, tudo sacrifico para a levar a cabo. Eu tenho fortuna, uma grande fortuna, e necessito do seu auxilio. O snr. Quartelmar póde portanto pedir-me o que quizer pelos seus serviços, já não digo dentro do razoavel, mas dentro do possivel. Além d'isso, apenas chegarmos a Durban, vamos a um tabellião, e eu obrigo-me por uma escriptura a continuar a educação de seu filho, no caso de lhe acontecer a si um desastre, ou a deixar-lhe uma independencia, no caso de eu estourar tambem. Vê que estou prompto a tudo. Ainda mais. Se por acaso descobrissemos os diamantes, metade d'elles ficariam pertencendo ao snr. Quartelmar, outra metade ao Capitão John. É verdade que nenhum de nós acredita nos diamantes, e portanto esta vantagem conta como zero. Mas podemos applicar a mesma regra a ouro ou marfim, qualquer fazenda que encontrarmos. Finalmente escuso de dizer que todas as despezas da

expedição correm por minha conta. Creio que não posso fazer mais.

Eu olhava para elle, deslumbrado:

— Barão, essa proposta é a mais generosa que tenho recebido na minha vida! Mas tambem, que diabo, a empresa seria a mais arriscada em que me tenho mettido... Preciso pensar. E antes de chegar a Durban eu lhe darei a resposta. Por hoje ficamos aqui.

— Ficamos aqui por hoje! acudiu o Capitão, erguendo-se, e respirando com allivio.

Com effeito era tarde. Dei as boas-noites aos dois cavalheiros; e no meu beliche, até de madrugada, sonhei com o antigo D. José da Silveira, com El-Rei Salomão, e com montões de pedras que reluziam no fundo d'uma caverna.

CAPITULO III

O HOMEM CHAMADO UMBOPA

Durante o resto da jornada pensei constantemente na proposta do barão. Mas nem eu nem elle voltamos a fallar de Neville ou da travessia para as minas. Na tolda e no beliche as nossas conversas rolavam todas sobre caça, sobre aventuras de caça na Africa. Os dois, homens de grande *sport*, não se fartavam de escutar. E eu, velho palrador, cheio de memorias e já anecdotico, não me fartava de contar.

Finalmente, n'uma esplendida tarde de janeiro (que é aqui o mez mais quente do anno) avistámos a costa de Natal — com a esperança de dobrar a ponta de Durban ao sol-posto. Toda esta costa é adoravel, com as suas longas dunas avermelhadas, os ricos tapetes de verdura clara, as alegres aringas dos Cafres espalhadas aqui e além, e a orla espumosa e alva do mar que rebenta nas rochas. Mas, justamente perto de Durban, a região toma uma incomparavel riqueza de tons. Nas ravinas, cavadas

pelas enxurradas de seculos, faiscam riachos innumeraveis: o verde do matto é mais intenso: os outros verdes de jardins entremeiam-se com as plantações d'assucar: e a espaços uma casa muito branca, sorrindo para a azul placidez do mar, põe uma linda nota, humana e domestica, na vastidão da paizagem.

Como disse, contavamos dobrar, antes do sol-posto, a ponta de Durban. Mas quando deitámos ancora já era crepusculo cerrado, tarde de mais para entrar a barra. Tinhamos ainda essa noite a bordo: e descemos ao salão, para um jantar quieto em aguas serenas, depois de vêr o salva-vidas remar para terra com as malas do correio.

Quando voltámos á tolda, a lua ia alta, e tão brilhante sobre mar e praia, que quasi offuscava os lampejos largos do pharol. De terra vinham, através do ar calmo, aquelles picantes e dôces aromas de especiarias, que, não sei por quê, me fazem sempre lembrar hymnos de egreja e missionarios. O bairro de Berea parecia em festa, com todas as varandas alumiadas. N'um grande brigue, ancorado ao lado, os marinheiros estavam cantando, ao som do *banjo*. Era uma noite d'encanto, como só as ha n'este abençoado sul d'Africa, que lançava sobre a alma uma infinita paz, infinita e suave como a luz que derramava a lua cheia. Até o bull-dog d'um passageiro irlandez, que não cessára de rosnar ferozmente durante toda a jornada, cedera emfim ás pacificadoras influencias do sul, e dormia, estirado no convés, com um ar de tregoa e de perdão aos homens.

O barão, o Capitão John e eu, estavamos sentados junto á roda do leme, olhando e fumando em silencio.

— Então, snr. Quartelmar? exclamou de repente o barão, sorrindo. Aqui estamos em Durban... Pensou nas nossas propostas?

— Vamos ou não vamos de companhia á busca do snr. Neville? echoou do lado o amigo John.

Não tugi. Mas ergui-me, e fui devagar sacudir para fóra da amurada a cinza do meu cachimbo. A verdade é que, depois de muito matutar, eu ainda não tomára uma resolução, — ou antes a minha resolução permanecia vaga, informe, mal assente,

necessitando um pequeno impulso exterior que a definisse e a fixasse. E foi justamente aquella exclamação risonha dos dois, o movimento de me erguer e de me abeirar da amurada, que tudo fixou e definiu no meu animo. Ainda a cinza não cahira na agua e já eu estava resolvido a partir.

— Pensei e vou! declarei, voltando a sentar-me. E se os cavalheiros me dão licença, direi as razões por quê, e as condições com quê.

Expuz logo as condições, muito claramente:

O barão, em primeiro logar, corria com todas as despezas; e qualquer achado de valor, diamantes, ouro ou marfim, feito durante a expedição, seria irmãmente dividido entre mim e o Capitão John. Em segundo logar, o barão pagar-me-hia em dinheiro de contado, antes de partirmos, quinhentas libras, compromettendo-me eu a acompanhal-o e fielmente servil-o até que a jornada terminasse ou por um triumpho, ou por um desastre, ou simplesmente por se reconhecer a sua inutilidade. Em terceiro logar, o barão obrigar-se-hia por uma escriptura a dar annualmente a meu filho, emquanto durassem os seus estudos, uma pensão de duzentas libras, no caso de eu morrer ou ficar inutilisado...

Ainda eu não findára, já o barão aceitára tudo, largamente, alegremente! « O que eu quero, seja por que preço fôr (dizia elle), é a sua companhia, snr. Quartelmar, é o soccorro da sua experiencia! »

— Muito bem. Pois agora, depois de dizer as condições em que vou, quero dizer as razões por que vou. É porque se nós tentarmos atravessar as serras de Suliman, não voltamos de lá vivos! O que succedeu ao velho Silveira, ao que tinha *Dom*, ha trezentos annos; o que succedeu ao outro, ao que não tinha *Dom*, aqui ha vinte; o que succedeu naturalmente ao snr. Neville, é o que nos vae succeder a nós! Não sahimos de lá vivos.

Olhei attentamente para os dois homens. O amigo John arripiou um bocado a face. O barão ficou impassivel, murmurando apenas: — « Corremos-lhe o risco! »

Eu prosegui:

— Agora dirão os cavalheiros: « Se julgas que não sahes de lá vivo, para que vaes lá? » Em primeiro logar, porque sou fatalista. Se Deus já decidiu que eu hei de morrer nas montanhas de Suliman, nas montanhas de Suliman hei de morrer ainda que lá não vá. E se Deus decidiu já o contrario, posso lá ir impunemente e de cara alegre. Isto é claro. Em segundo logar, estou velho, e já vivi tres vezes mais do que costuma viver na Africa um caçador de elephantes. De sorte que, continuando n'esta carreira, e desgraçadamente não tenho outra, que posso eu durar ainda? Uns annos. Ora se morresse agora, com as dividas que me pesam em cima, o meu pobre rapaz ficava n'uma situação má, coitado d'elle! Emquanto que assim, com quinhentas libras soantes, saldo as dividas; e se estourar, o meu rapaz tem diante de si duzentas libras por anno para acabar o curso e para se estabelecer. Ora aqui têm os cavalheiros a coisa em duas palavras.

O barão ergueu-se, excellente homem! e apertou-me as mãos com effusão.

— Essas razões, a ultima sobretudo, fazem-lhe immensa honra, snr. Quartelmar. Immensa honra! Emquanto a sahirmos vivos ou não da aventura, o tempo dirá. Eu por mim estou decidido a ir até ao cabo, seja qual fôr, triumpho ou morte! Em todo o caso se temos assim de morrer tão cedo, não me parecia mau que antes d'isso, pelo caminho, arranjassemos uma batida aos elephantes. Sempre desejei caçar o elephante, e com a perspectiva de deixar assim os ossos nas serras de Suliman, é prudente que me apresse... Não é verdade, John?

— Com certeza!... De resto, todos nós vimos já muitas vezes a morte diante dos olhos. É um detalhe; para que se ha de insistir n'elle? Viemos á Africa com certo fim. Ha perigos? Acabou-se. Deus é grande.

— Está tudo portanto decidido, conclui eu, e parece-me que chegou a occasião d'um grog.

Fomos ao grog.

No dia seguinte desembarcámos. Alojei os meus amigos

n'uma « barraca » que possuo na Berea, e que a chamo em dias d'orgulho « a minha casa ». É construida de tijolo, com um telhado de zinco que abriga tres quartos e uma cozinha. Em redor, porém, está plantado um bom jardim, com esplendidas arvores e flôres, que um dos meus caçadores, chamado Jack, traz lindamente tratadas. É um pobre homem a quem um bufalo esmigalhou a perna na terra dos Sikukunes. Já não póde seguir a caça; mas na sua qualidade de Griqua, jardina bem — coisa que um Zulú nunca faria decentemente. O Zulú tem horror ás artes da paz.

O barão e o seu amigo dormiram n'uma tenda que lhes armei no jardim (dentro de casa não havia espaço), no meio do laranjal. Aqui em Durban as laranjeiras têm ao mesmo tempo a flôr e o fructo: de sorte que com o perfume todo em torno, e o brilho das laranjas côr d'ouro, e o murmurio d'aguas correntes, o sitio era aprazivel e grato. Ha peor na Europa.

Logo no dia seguinte, sem mais tardança, começámos os preparativos. Antes de tudo fomos ao tabellião lavrar a escriptura em que o barão se obrigava a pensionar o meu rapaz: houve difficuldade por jazerem em Inglaterra as propriedades do barão: mas arranjou-se uma « tangente », e segura, graças ás artes d'um Advogado, que pelos seus serviços apresentou a conta infame de vinte libras! Depois recebi o meu cheque de quinhentas libras. Satisfeita assim a prudencia, passámos a comprar o carrão e as juntas de bois. Descobrimos um carrão excellente, com eixos de ferro, solido e leve, que já fizera uma excursão a Lourenço Marques — o que garantia a firmeza e resistencia das madeiras. Era um carrão dos que chamamos de *meia-tenda* — isto é, toldado sómente até ao meio, e aberto em frente para as bagagens. Sob o toldo tinha almofadões onde podiam dormir bem duas pessoas: além d'isso suspensões para as espingardas e bolsos de guardar roupa. Custou-nos cento e vinte e cinco libras, e sahiu barato. As juntas de bois eram dez, magnificas. Ordinariamente para uma jornada atrellam-se oito juntas: mas para uma aventura d'estas, vinte bois não vão de mais. Todos eram de raça zulú, a mais pequena d'Afri-

ca, mas a melhor; e todos elles *salgados*. Chamamos aqui *salgados* aos bois já muito jornadeados pelo sul d'Africa, e á prova portanto da « agua vermelha » — que destroe ás vezes todas as juntas d'um carrão. Além d'isso, todos tinham sido vaccinados contra a *maleita de pulmões*, fórma horrivel de pneumonia, que é n'estas terras um flagello para o gado.

Em seguida organisámos provisões e remedios. Este detalhe demandava sciencia e cuidado, porque convinha, n'uma empresa tão accidentada, que nem faltasse o necessario, nem o carrão partisse abarrotado e carregado em demasia. Para os remedios foi-nos de grande utilidade o Capitão John, que em tempos estudára para medico da Armada, e que (além de possuir, muito a proposito para nós, um estojo de cirurgia e uma pharmacia de viagem) conservára conhecimentos genericos e uma toleravel pratica. Durante a nossa estada em Durban cortou elle o dedo pollegar a um Cafre com uma maestria — que fazia appetite vêr! O que o perturbou foi o Cafre (que observára a operação em perfeita impassibilidade) pedir-lhe depois para lhe pôr *outro dedo novo*.

Restava emfim a importante questão de criados e armas. Armas tinhamos por onde as escolher — entre as que eu possuia e a collecção esplendida que o barão trouxera de Inglaterra. Sete espingardas de dois canos para differentes cargas e differentes caças, tres carabinas Winchester, tres rewolvers Colts — assim ficou constituido o nosso armamento. Emquanto a criados, depois de muita consulta e reflexão, decidimos limitar o numero a cinco — um guia, um boieiro, e tres serviçaes. Boieiro e guia achámos nós facilmente em dois Zulús, que se chamavam — um Goza e outro Tom. Mas os serviçaes eram de mais difficil e delicada escolha. Da paciencia, da fidelidade, da coragem dos serviçaes poderiam muitas vezes depender as nossas pobres vidas n'esta aventura sem igual.

Finalmente arranjei dois, um Hottentote chamado Venvogel, e um rapazito zulú, de nome Khiva, que tinha o merito (consideravel para os meus companheiros) de fallar inglez com fluencia. O Hottentote já eu conhecia. Era um dos melhores

«farejadores de caça» de toda a Africa. Ninguem mais rijo nem mais resistente. O seu defeito sério consistia na *bebida*. Mas como iamos para região onde não ha «aguas-ardentes» nem quasi aguas correntes, pouco importava esta fragilidade do digno Venvogel.

Tinhamos pois dois serviçaes. O terceiro pareeia impossivel deseortinar. Tentei, tentei — até que resolvemos partir sem elle, esperando encontrar, antes de mettermos para o deserto, algum homem aproveitavel entre Inyati e Zukanga. Na vespera porém da nossa partida estavamos jantando, quando Khiva, o rapaz zulú, veio annuneiar que um homem se viera sentar no meu portal, á minha espera. Mandei entrar. Appareceu um rapagão muito esbelto, robusto, magnifico, apparentando trinta annos, e claro de mais para Zulú. Floreou no ar o cajado á maneira de saudação, eneruzou-se sobre o soalho, a um eanto, e fieou calado eom singular dignidade. Não lhe dei logo attenção. Assim se deve proceder eom os Zulús. Se o branco lhes falla eom promptidão e agrado o Zulú conclue immediatamente que está tratando eom pessoa *de pouco commando*. Observei no emtanto que este homem era um *Keslha*, um *homem-de-annel* — isto é, que trazia na cabeça aquella especie de rodilha, feita de gomma, e toda lustrosa de sebo, que elles entremeiam na grenha e usam, quando chegam a uma *edade de respeito* ou attingem nas suas aringas uma posição superior. Tambem me pareceu reeonhecer aquella eara — realmente bella.

— Bem, disse por fim, como te ehamas?

— Umbopa, respondeu o homem n'uma voz lenta e grave.

— Estou a pensar que já te vi algures.

— Já, Makumazan!

Makumazan é o meu nome eafre — e significa aquelle que se levanta pelo meio da noite para vigiar; ou antes, aquelle que conserva sempre os olhos bem abertos.

— Makumazan, continuou o Zulú, viu-me em Izand-luana, na vespera da batalha...

Lembrei-me então completamente. Eu fui um dos guias de Lord Chelmsford, na desgraçada guerra com os Zulús. Por

acaso, na vespera da batalha de Izand-luana, que consummou o desastre das tropas inglezas, fui mandando levar para fóra do acampamento uns poucos de carrões de bagagens. Quando se estava atrellando o gado, este homem (que commandava um troço de Cafres, dos indigenas auxiliares) veio para mim, dizendo que o acampamento não estava seguro, que era certa uma surpreza, e que o vento *trazia cheiro de inimigo*. Respondi-lhe que «dobrasse a lingua», e deixasse a segurança do acampamento a melhores cabeças que a d'elle. Pois grande razão tinha o Zulú! Logo n'essa noite o acampamento foi terrivelmente assaltado... Tudo isso porém vem na Historia.

— Que queres tu? perguntei. Lembro-me perfeitamente de ti. Dize o que queres.

— Quero isto. Correu aqui voz que Makumazan vai para o norte, n'uma grande expedição, com os chefes brancos que vieram d'além do mar. É verdadeira a voz?

— Verdadeira.

— Correu aqui tambem voz que Makumazan e os chefes iam para o rio Lukanga, que fica a um bom quarto de lua de jornada do districto de Manica. É verdade?

Franzi o sobr'olho, descontente de vêr assim tão conhecido o roteiro da nossa expedição.

— Para que queres tu saber? que tens com isso?

— Tenho isto, oh brancos! Que se ides assim para tão longe, eu quereria ir comvosco.

Havia uma altivez nas maneiras d'este homem, e especialmente no seu emprego da expressão «*oh brancos*» em logar de «*oh inkosis*» (chefes), que me surprehendeu grandemente.

— Estás esquecendo a quem fallas! repliquei. As palavras sahem-te demasiadas e imprudentes. Como é o teu nome? onde é a tua aringa? É necessario saber quem temos diante de nós!

— O meu nome é Umbopa. Sou da raça dos Zulús, mas não sou Zulú. O sitio da minha tribu é muito longe, para o norte: os meus ficaram lá quando os Zulús desceram para aqui, ha muito, ha mais de mil annos, antes de Chaka ser rei.

Não tenho aringa. Muitos annos vão que ando errante. Quando vim do norte era criança. Depois fui dos homens de Cetewayo no regimento de Nomabakosi. Por fim fugi dos Zulús, e vim para o Natal para vêr as artes dos brancos. Foi então que servi na guerra contra Cetewayo, e que te encontrei, Makumazan! Agora tenho trabalhado no Natal. Mas estou farto, quero ir para o norte. O meu logar não é aqui. Não peço soldada, mas sou valente, e valho bem o pão que comer. Eis as palavras que tinha a dizer.

Este homem e a sua grande maneira de fallar — intrigavam-me singularmente. Era certo para mim que só dissera a verdade: mas na côr, nos modos, differia muito do Zulú ordinario; e a sua offerta de vir comnosco sem soldada, extraordinaria n'um Africano, enchia-me de desconfiança.

Na duvida traduzi as estranhas fallas aos meus amigos, solicitei-lhes conselho. O barão pediu-me que mandasse pôr o homem de pé. Umbopa ergueu-se, deixando escorregar ao mesmo tempo o vasto casacão militar que o envolvia, e ficou diante de nós, mudo, erecto, soberbo, todo nú, com um simples pedaço de pano em torno dos rins e um fio de garras de leão enrolado ao pescoço. Era, realmente, um esplendido homem! Tinha mais de dois metros de altura, e largo em proporção, agil, admiravel de fórmas. Na luz da sala em que estavamos, a pelle parecia apenas muito trigueira, como a d'um arabe. Aqui e além, pelo corpo, conservava cicatrizes terriveis de antigos golpes de zagaia.

O barão foi direito a elle, e cravou-lhe os olhos nos olhos, que se não baixaram, e que rebrilharam:

— Gósto de ti, Umbopa, disse em inglez, e tomo-te ao meu serviço.

Umbopa evidentemente comprehendeu, porque murmurou em zulú:

— Está bem.

Depois, atirando um olhar para a grande estatura e força do branco, acrescentou:

— Somos dois homens, tu e eu!

CAPITULO IV

OS ELEPHANTES

Sahimos de Durban no fim de janeiro, e andadas as trezentas leguas que vão d'aqui ao sitio em que se juntam os rios Lukanga e Kalukue, chegámos, pelos meados de maio, á aringa de Sitanda, onde acampámos. Durante a jornada tivemos aventuras varias, mas d'aquellas que são usuaes em todas as travessias d'Africa e já muito contadas nos livros. Depois em Inyati, ultima estação mercante da terra dos Matabeles, onde Lobengula (esse atroz velhaco!) é rei, separámo-nos, com fundas saudades, do nosso confortavel carrão. Dos vinte bois que trouxeramos de Durban, só vinte restavam. Um morrera da mordedura da cobra, tres da falta d'agua; um perdeu-se; os outros tres comeram uma herva venenosa, chamada *tulipa*. Os restantes deixámol-os com o wagon ao cuidado de Goza e de Tom (o boieiro e o guia), pedindo a um digno Missionario escossez que habita aquelle desterro, que caridosamente nos vigiasse o carrão, o gado e os homens. E no dia seguinte, acompanhados por Umbopa, Khiva, Venvogel, e meia duzia de carregadores que arranjámos em Inyati, largámos para o deserto, a pé, em seguimento da nossa temeraria aventura.

Era de madrugada; e lembrei-me que no momento de nos pôrmos em marcha estavamos todos tres bem commovidos! Cada um perguntava a si mesmo, decerto, se jámais tornaria a vêr o carrão, os bois e o Missionario. Eu por mim levava a certeza *que não*. Os primeiros passos foram lentos, dados em grave silencio. Mas de repente Umbopa, que marchava na frente, rompeu n'um grande canto — uma canção zulú, dizendo d'uns homens que, cansados da vida e da monotonia das coisas, se tinham mettido ao deserto, para achar occupação ou morrer, e que, para além dos sertões, subitamente, encontravam um paraiso cheio de raparigas moças, de gado, de caça, e de inimigos para matar! Esta canção pareceu-nos de boa promessa.

A quinze dias de marcha de Inyati começámos a atravessar uma região arborisada e farta em aguas. As collinas estavam espessamente cobertas do matto que os indigenas chamam *idaro:* e por toda a parte se estendiam bosques de *machabelas,* arvores que dão um fructo amarello, enorme, quasi todo caroço, mas deliciosamente fresco e dôce. As folhas e fructos d'estas arvores são o alimento querido dos elephantes; e decerto os immensos animaes andavam perto, porque a cada passo topavamos arbustos quebrados e desarraigados. O elephante por onde vai comendo, vai assolando.

Uma tarde, depois d'uma caminhada fatigante, chegámos a um sitio particularmente pittoresco e de amavel repouso. Era junto d'um outeiro todo vestido d'arvoredo. Ao pé serpeava o leito sêcco d'um rio, conservando ainda aqui e além poças de agua crystallina e fria, espesinhadas em redor pelas largas pégadas de feras. Em frente verdejava um bello parque de mimosas, machabelas e outras arvores ainda, raras e cheias de flôr: — e em torno era o matto, o matto silencioso, denso, impenetravel.

Decidimos ficar alli e construir um *scherm,* a pouca distancia d'uma das poças d'agua. O *scherm* é uma especie de acampamento entrincheirado, que se faz cortando grande quantidade de matto espinhoso e armando-o circularmente n'uma vasta e rude sebe que fórma defeza. Todo o espaço interior se aplaina como uma arena: ao centro amontôa-se herva sêcca, um capim chamado *tambouki,* que serve de divan e de cama; aqui e além, em volta, accendem-se alegres fogueiras.

Quando acabámos de arranjar o *scherm* — vinha nascendo a lua. O jantar estava prompto. Bem parco era elle, composto dos tutanos e lombos d'uma girafa, que n'essa tarde, ao fim da sésta, fôra morta pelo Capitão John com um tiro providencial. Mas depois de coração de elephante (a mais fina delicia que se póde ter), tutano e lombo de girafa são os petiscos superiores d'Africa, e grandemente os saborcámos sob o esplendor da lua cheia, que ia alta nos céos. Depois accendemos os cachimbos, e conversámos no vasto silencio em roda do lume.

Os meus companheiros não se fartavam de contemplar aquella scena de sertão, familiar para mim, com os meus quarenta annos d'Africa, mas que a elles só offerecia estranhezas — até na maneira por que as claridades alumiam, até na maneira por que a noite é silenciosa. Eu por mim, confesso, admirava sobretudo o nosso excellente Capitão John. Alli estava elle, no interior da Terra-Negra, em pleno deserto, estirado em cima d'um sacco de couro, — tão apurado, tão correcto, tão bem pregado, como se viesse de passear n'um parque luxuoso de castello inglez, em dia de caça ao faisão. Tinha um fato completo de cheviote castanho, com chapéo da mesma fazenda, polainas irreprehensiveis, luvas amarellas de pelle de cão, a face escanhoada, monoculo no olho, os dentes postiços rebrilhando em gloria! Nunca o sertão africano vira decerto um homem mais catita. Até trazia collarinhos altos (collarinhos de guttapercha), de que emmalára na mochila uma escandalosa porção — « por serem leves (dizia elle), faceis de lavar, e dar logo á gente um ar de aceio e distincção ».

Pois assim estivemos muito tempo, sob o magnifico luar, conversando e observando os Cafres, que chupavam a *dacca* nos seus longos cachimbos feitos de cornos de *eland*, e que, um por um, se iam enrolando nas mantas e estirando á beira do lume. Só Umbopa por fim ficou acordado, longe dos Cafres (a quem geralmente não admittia familiaridades), com o queixo encostado ao punho, os olhos perdidos na lua, n'uma d'aquellas abstracções em que por vezes eu o surprehendera desde o começo da nossa jornada.

De repente, da profundidade do matto, por traz de nós, subiu no ar um longo e rouco rugido. « É um leão! » exclamei. Todos nos erguemos, a escutar. Quasi immediatamente, junto á poça d'agua pura, visinha do nosso *scherm*, resoou como em resposta a estridente trompa d'um elephante. « *Unkungunlovo! Unkungunlovo!* » [1], murmuram á uma os Cafres, levantando as cabeças das mantas: — e momentos depois avistá-

[1] Elephante! Elephante!

mos uma fila de enormes e escuras fórmas, movendo-se devagar da beira da agua para o matto. O Capitão, com um salto, agarrára a espingarda. Tive de o segurar pelo braço:

— É inutil, não se faz nada. Nada de barulho. Deixal-os ir.

— Em todo o caso, disse o barão excitado, este sitio para um caçador é um verdadeiro paraiso! Se aqui ficassemos um dia ou dois?...

Estranhei: porque até ahi o barão, impaciente, viera-nos sempre apressando para diante — sobretudo desde que soubera em Inyati, pelo Missionario, que dois annos antes um inglez, chamado Neville, vendera alli o carrão em que viera de Bamanguato e se internára no sertão com um Cafre por serviçal. Mas ouvira o leão, ouvira o elephante — e os seus instinctos de caçador dominavam, irresistivelmente.

— Pois muito bem, filhos meus, disse eu, uma vez que se quer um bocado de divertimento, ter-se-ha; mas ámanhã. Por agora é tratar de dormir, e erguer com o primeiro luzir do dia, para apanhar esse rico gado antes que elle vá aos seus negocios. Toca pois a accommodar.

O Capitão John (extraordinario homem!) tirou o fato, sacudiu-o, metteu o monoculo e os dentes postiços dentro do bolso das calças, dobrou tudo cuidadosamente, guardou tudo ao abrigo do orvalho debaixo do seu *makintosh*, alisou o cabello, tomou um bochecho d'agua, e estirou-se de lado para dormir, com correcção e conforto. O barão e eu, depois de contemplar, rindo, estes requintes, embrulhámo-nos simplesmente n'um cobertor: — e d'ahi a pouco envolvia-nos aquelle somno profundo, absoluto, sem sonhos, sem movimentos, que é a recompensa e a consolação de quem moureja por estas terras negras.

Com o primeiro alvor da madrugada estavamos a pé, preparando para a acção. Tomámos as carabinas, munições abundantes, cantis cheios de chá frio (que é a melhor bebida, a unica, quando se caça), e partimos, depois de engolir de pé um almoço breve, acompanhados de Umbopa, de Khiva e de Venvogel.

Não tivemos difficuldade em achar o carreiro aberto e pi-

sado pelos elephantes, que, segundo Venvogel declarou, deviam ser uns vinte ou trinta, a maior parte machos e todos crescidos. Mas o bando afastára-se durante a noite; e eram quasi nove horas, já o calor ardia em céo e terra, quando pelos arbustos quebrados, pelas cascas e folhas d'arvores esmagadas, e pelos montes de bosta fumegante, percebemos que os bichos andavam cerca — e seguros. D'ahi a instantes, effectivamente, avistámos o rebanho todo, uns vinte a trinta elephantes (como Venvogel calculára), parados n'uma cova de terreno, quietos, tendo decerto acabado o primeiro repasto, e sacudindo com lentidão e magestade as suas immensas orelhas. Era uma vista soberba! Só as ha assim na Africa!

Estavamos separados d'elles por umas cem jardas. Agarrei um punhado de capim e atirei-o ao ar para tomar a direcção do vento: — porque se um elephante nos farejasse, bem sabia eu que, antes de podermos pôr as carabinas á cara, o rebanho inteiro abalava. A aragem, se alguma corria, soprava para nós do lado dos bichos: de sorte que rastejámos cuidadosamente através do matto, mudos, sem respirar, até nos aproximarmos umas quarenta jardas mal medidas. Justamente diante de nós, e de ilharga para nós, estacionavam tres magnificos elephantes machos, um d'elles com enormes dentes e o ar supremo de um Patriarcha. Avisei, baixinho, os companheiros que me encarregava do animal do meio: o barão apontou ao mais pequeno, ao da esquerda: o Capitão ao «Patriarcha».

— Agora! murmurei.

Bum! bum! bum! O elephante do barão tombou redondo, varado no coração. O meu cahiu pesadamente sobre os joelhos; mas quando pensei que ia desabar para o lado, morto, vejo a enorme massa que se ergue e larga galopando por diante de mim. Metti-lhe segunda bala na ilharga, que o abateu. Á pressa, com dois cartuchos mais na carabina, corri para elle e findei-lhe misericordiosamente a agonia.

Voltei-me então para vêr o que se passára com o elephante do Capitão, o «Patriarcha», que eu ouvira por traz de mim bramando de dôr e furia. Encontrei John excitadissimo.

Ao que parece, o elephante, apenas ferido, rompera contra elle (que meramente teve tempo de se desviar com um salto), e seguira, furioso e sem vêr, para a banda do nosso acampamento. O resto do rebanho no emtanto, espavorido, rompera para o outro lado, através da espessura.

Durante um momento ficámos indecisos entre seguir o «Patriarcha» ferido ou o resto da manada. Por fim resolvemos bater atraz do bando. Seguil-os era facil, porque tinham aberto um caminho, mais largo e liso que uma estrada real, esmagando o matto espesso como se fosse relva de primavera. Achal-os, porém, era mais complicado: e tivemos, durante duas infindaveis horas, de marchar sob um sol faiscante, antes de os avistarmos. Lá estavam todos outra vez muito juntos (excepto um dos machos): e pela inquietação com que se mexiam, pelo constante erguer das trombas desconfiadas, farejando o ar — era claro que esperavam, temiam outro ataque. Um dos machos afastado, á laia de sentinella, vigiava para o nosso lado, de tromba ameaçadora e alta. Entre elle e nós mediavam umas sessenta jardas. Se este cavalheiro nos presentisse, dava signal e o rebanho abalava, tanto mais facilmente quanto nos achavamos, bichos e homens, em terreno descoberto. De sorte que todos tres lhe apontámos, todos tres lhe atirámos. Bum! bum! bum! Morto! Mas os outros partiram, n'uma desfilada, como collinas rolando.

Infelizmente para elles, logo adiante havia um *nullaḥ*, isto é, uma ribeira sêcca, com as bordas abarrancadas do nosso lado e quasi a pique do lado fronteiro (sitio parecido áquelle em que o Principe Imperial foi morto na Zululandia). Pára ahi justamente se atiraram os elephantes em tropel. Quando chegámos á borda, démos com elles em medonha confusão, esforçando-se por trepar a outra ribanceira (escarpada e hirta), empurrando-se uns aos outros, n'um furor e egoismo verdadeiramente humanos, e atroando os ares de bramidos. A nossa opportunidade era escandalosamente brilhante. Sem outra demora, disparando tão depressa como carregavamos, démos cabo de cinco elephantes; e teriamos dizimado o rebanho

inteiro se elles de repente, abandonando a teima estupida de galgar a ribanceira, não largassem a fugir ao comprido do leito sêcco que se perdia ao longe na espessura. Estavamos cansados de mais para os perseguir, enjoados tambem d'essa vasta mortandade. Oito elephantes n'uma manhã, antes do *lunch*, é decente.

De sorte que, depois de descansarmos e vêrmos os Cafres cortar os corações a dois dos elephantes para servir á ceia, voltámos vagarosamente os passos para o acampamento, devagar, satisfeitos com a proeza, e calculando o valor do marfim, que no dia seguinte cedo os carregadores viriam serrar.

Ao passar no sitio em que o Capitão tinha ferido o «Patriarcha», encontrámos um rebanho de *elands*. Não lhe atirámos, porque não ha nada no *eland* que valha dinheiro, e mantimentos já traziamos, deliciosos e abundantes. O bando passou ao nosso lado, ligeiro e trotando; depois, adiante, onde se erguia um tufo de arbustos em flôr, parou; e todos a um tempo se voltaram, a olhar para nós, espantados.

O capitão nunca vira um *eland*. Quiz aproveitar a occasião, deu a carabina a Umbopa, e seguido de Khiva adiantou-se, de monoculo fito, para o tufo de arbustos em flôr. O barão e eu sentámo-nos á espera, n'uma pedra.

O sol ia justamente descendo, n'um grande esplendor de vermelho e ouro. O barão e eu contemplavamos, calados, aquella belleza de céo e luz, quando de repente ouvimos o bramido d'um elephante e vimos, escura sobre a vermelhidão do poente, uma vasta fórma avançando a galope, de tromba erguida e cauda espetada. Logo immediatamente vimos outra coisa horrivel: — o Capitão, e Khiva, o serviçal zulú, fugindo para nós n'uma carreira perdida, perseguidos pelo elephante! Era o grande bicho ferido, o «Patriarcha» que alli ficára, errando. Agarrámos n'um impeto as carabinas. Mas quê! Fera e homens, correndo para nós, vinham juntos! Se disparassemos, a bala podia varar John ou Khiva... E assim ficámos n'esta indecisão, com o coração a tremer, quando o pobre Capitão escorrega n'aquelles infames botins de bezerro com que teimava

em trilhar o sertão — e cae, estatelado, de face na terra, diante mesmo do enorme elephante que chegava bramindo!

Fugiu-nos a respiração! O pobre camarada estava perdido! Largámos ainda a correr para elle, desesperadamente. E o desastre veio, com effeito — mas d'um modo bem differente. Khiva, o Zulú (valente, heroico rapaz que era!), vendo o amo por terra, volta-se, e arremessa a zagaia a toda a força contra a tromba do elephante. A fera lança um uivo de dôr, arrebata o desgraçado Zulú, bate com elle no chão, põe-lhe uma immensa pata sobre as pernas, e enrodilhando-lhe a tromba no peito, rasga-o — litteralmente *o rasga em dois.*

Corremos, cheios de horror, fizemos fogo uma vez, outra vez, furiosamente — até que o elephante se abateu como um monte sobre os pedaços sangrentos do Zulú.

Foi um instante de indizivel consternação. Apesar de endurecido por quarenta annos de caça e carnificinas, eu proprio sentia um «nó na garganta», e creio que me fiz pallido. O barão tremia todo. E o pobre Capitão torcia as mãos, na dôr de vêr assim despedaçado o servo valente que dera a vida por elle.

Só Umbopa teve a palavra serena que convinha á disciplina. Veio, com os seus passos altivos e leves, contemplar os restos de Khiva, n'uma poça de sangue, junto á massa enorme do elephante, moveu a mão no ar e disse:

— Morreu. Bem d'elle, que morreu como um homem!

(Continúa).

Trad. E. Q.

A CAVALLARIA PORTUGUEZA [1]

NA EDADE MÉDIA

A Cavallaria, instituição — Cavallaria militar e Cavallaria de honraria — Formaturas, tactica e emprego habitual da Cavallaria na Edade Média

Esta disposição tactica encontramol-a já na época da fundação da monarchia; assim, segundo Duarte Nunes Leão, na batalha de Ourique, Affonso Henriques « partiu a sua gente em quatro batalhas. Na primeira metteu 300 homens de cavallo e 3:000 de pé; na retaguarda fez outra batalha com outros 300 de cavallos e 3:000 de pé. E outra de outros tantos, que todos eram 1:000 de cavallo e 10:000 de pé. Na primeira batalha ia o Principe com mui bons cavalleiros, entre os quaes ia D. Pero Paes, que levava a bandeira, e D. Diogo Gonçalves Valente, que era pessoa principal. A retaguarda ia encommendada a D. Gonçalo de Sousa. A ala esquerda ia encommendada a Mem Rodrigues, filho de Egas Moniz, e a outra a Martim Moniz, seu irmão [2]. »

Pelejar na dianteira constituia uma distincção; e a maneira, muitas vezes, de o rei dar uma prova de preferencia a uma terra, era consentir que os seus cavalleiros servissem n'aquelle corpo privilegiado da sua *hoste*.

[1] Continuado da pag. 386, numero do 1.º de setembro.

[2] Duarte Nunes de Leão, *Chronica de D. Affonso Henriques*.

A cavallaria ou concorria com a infanteria nas acções de maior monta, ou isoladamente nas empresas mais longiquas, rapidas e arriscadas; consoante o serviço que d'ella era exigido, assim se apresentava em unidade de maior ou menor força.

Quando se podiam reunir uns cento e cincoenta cavallos, era uso constituir-se, sob o commando de um *adail*, uma companha, e então, visto passarem de cem cavallos, era-lhes dado levar um pendão especial.

Os caudilhos ou coudeis eram escolhidos entre os principaes, sendo-lhes requerido nobreza de linhagem, poder e sabedoria [1], e era-lhes dada uma signa farpada sempre que representassem mais de cem cavallos [2].

Havia, porém, fracções de cinco, dez e cincoenta cavallos.

As formaturas mais usadas para as grandes unidades eram as que se denominavam *az, muro, mó, cunha, cerca* ou *curral*, e *tropel*.

No meu entender quasi todas estas formaturas tanto se empregavam na infanteria como na cavallaria.

Que a *az* era formatura de cavallaria deduz-se das proprias palavras da Partida II de Affonso o Sabio, que diz que « las azes tendidas fizieran porque pareceseen mejor en ellas *los cavalleros* e se muestran por mas delo que son, que es cosa que faz a-la mala gente tomar espanto e vencer-se mas ayna. »

Como se vê, era uma linha extensa de cavalleiros que assim se formavam para apresentar uma grande frente, que figurasse maior numero de tropa do que realmente havia. Estas *azes* ou *hazes* collocavam-se umas atraz das outras para maior effeito, e mesmo para se substituirem successivamente, quando a da frente se sentia exhausta. Com as filas unidas, mas n'uma só fileira, as companhas formavam ora para esperar ataque, ora para melhor envolver, pelos flancos, o inimigo.

O *muro*, que não era mais do que um quadrado compacto

[1] Affonso o Sabio, Partida II. Lei 4.ª

[2] Idem. Lei 13.ª

de gente, era evidentemente uma formatura de infanteria contra a cavallaria.

A *mó* era uma formatura circular contra os movimentos envolventes do inimigo.

A *cerca* ou *curral* era a formatura em quadrado, de tres fileiras de soldados em cada lado, guardando um espaço no centro. Sendo feita pela infanteria, era guarnecida exteriormente por uma sebe de lanças ou piques, cravadas no chão e inclinadas para o inimigo. Mas tambem a cavallaria, na minha opinião, tinha aquella formatura na Edade Média. Vimol-a, por exemplo, empregada na batalha de Bovines pelo conde de Boulogne que «fit un *bataillon* [1] carré d'*hommes d'armes* serrés sur deux rangs, forteresse vivante, herissée de lances au milieu de laquelle était un espace resté ouverte en guise de porte.»

Era ao meio d'esse quadrado que o conde ia descançar depois das cargas que pessoalmente dirigia.

A *cunha* ou *cabeça de porco* era em fórma triangular, começando no vertice da frente, em geral, por tres soldados, e indo successivamente augmentando ou dobrando o numero. Era a formatura de ataque contra o inimigo formado em linha ou *az*.

Que esta formatura em *cunha* ou *coinha* era tambem de cavallaria se deduz igualmente da Partida II, a que nos temos referido, quando trata da maneira de a ordenar: «E deve ser fecha d'esta guisa, poniendo primeiramente delãte tres cavalleros, e las espaldas delles seis, dose, é empos destes vinte e quatro, e assi doblando-los, y cresciendo-los, todavia, segun fuera la campaña [2].»

[1] Em França, como entre nós, batalhão significou n'esse tempo unidade de cavallaria. Vid. *Regimento de guerra* de Martim Affonso de Mello, o Moço, e *Portugal Restaurado*, onde o conde da Ericeira chama *batalhão* aos corpos de cavallaria, e *esquadrão* aos de infanteria. Na propria descripção da batalha de Bovines encontrámos o seguinte dizer: «Les cent quatre vingt *chevaliers* champenois formèrent un seul *bataillon*.» Ap. V. de Vaublanc, *La France aux temps des Croisades*.

[2] Partida II. Lei 14.ª

Para reforço da minha opinião de como as formaturas de *curral* e *cunha* pertenciam tambem á cavallaria, lembrarei que ellas eram já usadas pela cavallaria no tempo dos gregos.

A formatura em quadrado ou rectangulo, propriamente, era vulgarissima na cavallaria grega. O rectangulo tinha dezeseis cavallos de frente, sobre quatro de fundo e ás vezes oito, guardando os esquadrões, assim formados, um certo intervallo de que nem Polybio nem outros escriptores dão noticia certa, mas que se póde calcular correspondessem a metade do comprimento da frente, quando entre os esquadrões se collocava, segundo era uso, a infanteria ligeira (psilites), como fez Epaminondas na batalha de Mantinéa [1].

A formatura em cunha, isto é, em triangulo ou losango regular, com uma ponta voltada para o inimigo, era entre os gregos empregada geralmente quando carregavam em forrageadores [2]. Esse triangulo ou losango era formado pela reunião de duas *ilhas*, que nós chamariamos hoje esquadrões e que se compunham de sessenta e quatro cavalleiros, representando a fracção menor do *epitagma*, que é o nome que se dava á reunião de toda a cavallaria da *tetraphalangarchia* ou exercito.

Na infanteria grega o quadrado era o que havia de mais usual, e a fórma em triangulo, quando foi ensaiada por Cresus, na batalha de Timbrea, foi-lhe fatal por ser impotente contra a formatura em tenaz, que Cyro lhe oppoz com enorme vantagem. Ora, é claro que sendo na Edade Média imitadas ou reproduzidas as formaturas da alta antiguidade classica, não se

[1] Rocquancourt, *Cours complet d'Art et d'Histoire militaire*, tom. I.

[2] «Chargeant en fourrageurs, les escadrons grecs formaient bientôt une pointe, dont la tête était composée de cavaliers les plus courageux et les mieux montés.

«Il leur arriva ce que arrive encore aujourd'hui aux Tartares, aux Mamelucks, aux Cosaques irreguliers, et aussi à une meute de chiens qu'animent le cor et la vue du cerf. Cette pointe toujours irregulière, est devenue, entre les mains des tacticiens grecs et autres, que les ont copiés sans reflexions, tantôt un triangle, tantôt un losang irregulier. Voilà, du moins, ce qu'il y a de plus invraisemblable.» — Rocquancourt, liv. cit.

limitariam a adoptar as formaturas e disposições da infanteria, mas tambem da cavallaria, que era a força principal.

Além das formaturas que ficam summariamente expostas, havia como auxiliares d'ellas uns corpos envolventes chamados *cytharas*, que tinham por fim guardar e proteger os flancos das *hazes*, quando collocadas a tal distancia umas das outras, que pudesse o inimigo introduzir-se nos intervallos ou mesmo « porque quando las hazes se ajutassen, pudiessen venir mas ayna los de las alas dellas a ellas, por ferir los inimigos de traviesso, o tomar las espaldas. »

Havia tambem umas companhias, evidentemente de cavallos, chamadas *tropeis*, encarregadas de debandar as forças inimigas, quando abaladas, ou desbaratal-as na retirada.

* * *

Estas disposições tacticas eram empregadas nas campanhas formaes da *hoste* ou do *fossado;* mas não as maneiras mais frequentes da guerra nos primeiros tempos.

O que era habitual, quasi quotidiano, eram as correrias, as expedições e defezas mais ou menos desordenadas e livres, que a presença dos arabes no territorio da Peninsula tornava necessarias, quer resistindo ás invasões á mão armada, da parte dos mouros, que entravam constantemente a talar os campos ou a atacar as povoações; quer exercendo, pelo nosso lado, uma acção devastadora nos dominios do inimigo.

Essa era a maneira mais frequente da guerra na alta Edade Média.

Como a principal condição d'essas correrias era a presteza, claro é que só á gente de cavallo podia competir taes empresas.

Era portanto justificado o enthusiasmo que havia pelo cavallo, a cujo aperfeiçoamento o genio luminoso de Mafoma, o grande reformador musulmano, entendera dever applicar o influxo da religião e o seu prestigio. De modo que prometteu o céo a quem tratasse convenientemente d'esse animal precioso, auxiliar e companheiro das glorias humanas.

Na tradição prophetica dos mouros encontra-se que quando Allah quiz crear o cavallo, disse ao vento: «Desejo que de ti sáia um sêr; condensa-te!»

E o vento condensou-se, produziu o cavallo. D'ahi o haver o mouro consubstanciado na seguinte formula ás qualidades do cavallo de guerra: — O bebedor de ar é: — no combate, o primeiro a cahir sobre o inimigo; depois da victoria, o primeiro na pilhagem; e, no caso de derrota, o primeiro a afastar-se do perigo [1].

Em contacto permanente e em lucta com os arabes, partilhámos com elles esse enthusiasmo, esse culto pelo cavallo, e isso tanto mais facilmente, quanto na Peninsula Iberica, e sobretudo na antiga Lusitania havia uma alta tradição com respeito á ligeireza e valia dos nossos cavallos, das margens do Tejo e proximidades de Lisboa, deixando-nos Solino, Plinio, Terencio, Varrão e outros escriptores a informação unanime da crença que então existia d'esses cavallos serem gerados pelo vento [2].

Nos combates da Edade Média, portanto, sendo qualidades inapreciaveis a ligeireza e a velocidade, era legitimo o amor pelo cavallo, que rapidamente conduzia o soldado ao ponto do ataque e rapidamente o afastava do perigo.

Nas guerras formaes as marchas faziam-se tendo em vista todos os preceitos da estrategia e da tactica, que tinha os seus principaes fundamentos, embora rudimentares, perfeitamente assentes e principalmente as da poliorcetica ou arte de atacar e defender as povoações, a qual, para a sciencia d'aquelle tempo, representava a ultima palavra.

A *hoste* movia-se com todas as precauções, adoptando os

[1] Le general E. Daumas, *Les chevaux au Sahara.*

[2] «Spirante favonio vento concipiunt et sitientos viros, aurarum spiritu maritantur.» Solino, cap. XXXVI. «Olyssipo equarum é Favonio vento conceptu nobilem.» Plinio, liv. VIII e liv. IV. «In futurum res incredibilis est in Hispaniæ, sed vera est quod in Lusitania ad Occeanum in ea regione ubi est oppidum Olyssipo monte Tagro quædam é vento concipiunt certo tempore equæ.» Varrão, *De re rustica,* liv. II.

caudilhos ou coudeis as medidas necessarias para a segurança em marcha, passagem de rios, desfiladeiros e outros obstaculos, acampamento (aposentação) das tropas, etc.

Havia já regras estabelecidas para os serviços de exploração, de reconhecimento de terreno, de segurança em estação. A castrametação obedecia a preceitos rigorosos, a que os *aposentadores* tinham de obedecer, sendo por isso escolhidos para esses cargos, como para os de adais e outros, homens de competencia e saber.

Em tudo se encontrava em germen o que na Renascença havia de produzir os primeiros grandes progressos da sciencia da guerra.

Consoante a natureza do combate, assim se chamava á lucta travada por meio de preceitos regulares, ou *lide*, ou *torneio*, ou *fasienda* ou *espolanada*.

Lidar ou combater foi o termo generico para indicar a lucta em campo; mas nos primeiros tempos *lide* significava combate sem caudilhos nem insignias, entre forças que de subito se encontravam em conflicto, e não podiam attender aos preceitos das formaturas prescriptas.

Quando no combate tomavam parte os reis, — e era então obrigatorio o rufar de tambores e o clangor das trombetas, — ao combate chamava-se *batalha* ou então *fasienda* se, embora sem a assistencia dos reis, se attendia a todas as formalidades. *Torneio* era o combate em volta de uma praça sitiada ou mesmo entre forças que sahiam dos respectivos acampamentos, a combater, e a elles regressavam após a refrega. *Espolanada*, finalmente, era o combate entre os que atacavam e defendiam um logar ou povoado [1].

Nas correrias, porém, ou cavalgatas, como então lhes chamavam, as expedições tinham, conforme o seu destino, o nome de *fossado*, *algara*, *azaria*, *fronteira*, etc.

Cavalgatas, ou cavalgadas, lhes chamavam, pela razão da pressa com que era necessario montar a cavallo, subitamente e

[1] Partida II. Lei 27.ª

sem maiores preparativos. Eram verdadeiras irrupções nos campos e povoados inimigos, com o fim de os pôr a saque, colher os fructos novos, cortar a lenha das mattas, recolher os gados e os mantimentos, apoderar-se de tudo emfim que tivesse alguma utilidade, fazendo ao mesmo tempo o maior damno possivel ao inimigo, não só privando-o do que possuisse, mas partindo-lhe os engenhos, viciando-lhe e esgotando-lhe os poços, desviando-lhe os veios d'agua, etc.

Todos os meios eram licitos para incommodar e *roubar* [1] (era o termo) o adversario. Na rude linguagem sincera do tempo assim era designado o acto que, na hypocrisia contemporanea, se chama represalia de guerra, e que investiu, por exemplo, os francezes no direito de arrasar as preciosidades artisticas de Portugal, com uma selvageria que repugnaria á propria bruteza medieval.

Entre as correrias havia uma mais formal, chamada *fossado* [2], á qual eram obrigados todos, e era uma contribuição de guerra, que começa a apparecer no principio do seculo IX, como pesando sobre individuos não nobres, e representa um antigo encargo do codigo wisigodo — *cavallos ponere.*

Tinha por fim essa expedição, corrida ou cavalgada, como lhe queiram chamar, talar os campos inimigos, colher as melhores novidades do anno em fructos, cereaes e outros productos. Por isso se realisava annualmente « n'aquelles mezes em que os pães estavam em ferrã, quando não fosse maduro », e tomava o

[1] «El uno porque no podiã biẽ *robar*... Fallãdo los inimigos de partidos e *robando.*» Partida II. Lei 29.ª

[2] Talvez de *fossinagar,* que entre os lombardos significava campo cultivado e cheio de pastos e renovos. Viterbo, *Elucidario.* D'ahi as designações *herdade fossadeira,* em outros pontos chamada tambem *Cavallaria,* com o acrescimo de outros encargos e que queria dizer herdade sujeita á contribuição do *fossado,* a qual de pessoal passou a ser adstricta a povoações, passando, com a expulsão dos arabes a ser, em vez de annual, unicamente nas occasiões de guerra com Leão e Castella, e convertendo-se depois, do seculo XIII em diante, em simples contribuição predial, chamada *fossadeira,* paga em dinheiro, generos, bragaes (teias de linho). A. Herculano, *Historia de Portugal,* tom. III e IV.

nome da maneira por que essas expedições levavam a effeito a sua empresa.

« Em taes correrias, diz Alexandre Herculano, destinadas unicamente a procurar recursos, a destruir os inimigos e a attrahir por vontade ou por força as populações mosarabes á nova patria christã, deviam dar-se certas circumstancias... A natureza da expedição exigia que as marchas fossem rapidas, o apparecimento inesperado, a retirada segura; e só os troços mais ou menos numerosos de cavalleiros podiam satisfazer a estas condições indispensaveis para o resultado. Subitamente esses terriveis guerreiros appareciam n'uma provincia, n'um districto musulmano; se as guarnições das cidades e logares fortificados não alcançavam repellil-os no campo, acolhiam-se ás fortificações emquanto se appellidavam as tropas dos districtos visinhos. Entretanto, na corôa do outeiro, no viso da montanha, ou na garganta do valle, os invasores acampavam, entrincheirando-se em vallas, formadas com a terra das cavas ou *fossas*, que abriam em roda para não serem salteados emquanto faziam partir para o norte a população christã, e recolhiam os despojos dos sarracenos que haviam podido escapar ao seu odio [1]. »

Ao *fossado* iam todos, cavalleiros, escudeiros e villãos, tomando parte n'elle principes e bispos, sendo a expedição, quando possivel, realisada de fórma que os cavalleiros levassem pão nos alforges e podessem regressar no mesmo dia ao castello ou á povoação d'onde haviam partido, deixando n'elle parte da gente a guardal-os. Os cavalleiros iam o mais aligeirados [2] possivel, levando geralmente só lança e escudo, para poderem caminhar mais depressa, apprehender e retirar com mais presteza.

Esta era a principal condição de todas as expedições d'esta ordem.

Algara [3] parece ter sido uma somenos expedição, especie

[1] *Historia de Portugal*, tom. III.

[2] Foral da villa de Moz em 1162.

[3] Fazem derivar *algara* do arabigo *algar*, que significava, como ainda entre nós *algara*, cortadura do monte, ou sitio onde, por uma depressão no sólo, se

de partida de pouco numerosos cavallos, que ou sahia das diversas terras, em incursões nas dos inimigos ou do grosso da expedição que ia em fossado [1].

Apesar da sua menor importancia, comparativamente com o *fossado,* era comtudo uma expedição em fórma, devidamente acaudilhada, mas inferior em qualidade a uma outra que nos primeiros tempos se chamava *corredura,* e tinha um caracter de promptidão e rapidez extremas [2].

Azaria era uma expedição ou correria feita por conta e iniciativa dos habitantes de qualquer povoado, que se aventuravam a ir incommodar e affrontar o inimigo ou buscar mantimentos, em occasião que melhor lhe parecesse, e sem as formalidades do *fossado,* da *algara* ou mesmo da *fronteira.* Era uma correria subita, em partidas mais ou menos restrictas, e que tinha por fim guardar as costas dos que iam a monte ou aos coutados, quer do inimigo, quer proprios, mas constantemente ameaçados pelo arabe. A *azaria* tinha pois por fim cortar e carregar lenha e madeiras [3].

A *fronteira* consistia n'uma expedição aos limites da provincia ou do paiz, expedição com caracter propriamente defensivo [4]. Tinha por fim impedir as correrias (*ghaswats*) dos arabes ou os *fossados* castelhanos.

juntam as aguas, mas que d'antes propriamente significava atoleiro, paul ou tremedal. D'ahi o direito sagrado da *erecta,* isto é, de rehaver o cavallo perdido nas expedições, por se haver mettido em terrenos d'essa natureza, direito que preferia a todos os outros que davam partilha nos despojos mesmo ao quinto do rei. Viterbo, *Elucidario;* Herculano, *Historia de Portugal;* Foraes de Penamacor de 1187, em Castello Branco, pelos templarios em 1213, e carta de el-rei D. Diniz em 1229. Tambem fazem derivar *algara* de *algarú,* que vem do arabe *gazúa,* convocação de gente para a guerra. Viterbo, *Elucidario.*

[1] Partida II. Lei 29.ª

[2] «Por esso es llamada corredura, porque los que vã en ella, hã de yr ayna e venir-se, quanto mas ayna ellos venir pudiessem.» Partida II. Lei 29.ª

[3] Fazem derivar *azaria* de *aza,* que é como se chamava ao machado, d'onde a *azza* dos italianos, a *hacha* dos hespanhoes, e a *hache* dos francezes, o *axe* dos inglezes, tudo significando machado. Viterbo, *Elucidario.*

[4] Herculano, *Historia de Portugal;* Viterbo, *Elucidario.*

Havia ainda as *celadas* de que particularmente se occupa Affonso o Sabio; a expedição de *anaduva* ou *anadiva*, que correspondia a uma contribuição de guerra, para todos, e que tinha por fim levantar castellos e fortificações ou reparal-os; e ainda outras expedições, que seria longo enumerar aqui.

Perdido, com a expulsão dos arabes, o caracter de correria, na guerra, a pouco e pouco se foi tornando necessario dar maior unidade e harmonia ao exercito, estabelecendo as bases de uma organisação.

Foi o que começou a fazer-se no tempo de D. Fernando I.

Christovam Ayres.

*

VORREI MORIRE!

Canta uma voz... É noite... A noite é fria,
o céo gotteja estrellas... Sombra densa.
Dôce voz de mulher!... Paira, sombria,
na treva espessa uma tristeza immensa...

Canta: tem gritos de paixão fremente...
Abre-se o coração — gruta em ruinas —
para sorver-lhe a melodia ardente,
para escutar-lhe as notas crystallinas.

Canta: as notas soluçam... Ha queixumes
longos, tristes, sentidos, dolorosos...
Passam na noite, em lugubres cardumes,
todas as queixas dos perdidos gosos...

Almas, que morrem: corações partidos
em plena flôr, em plena mocidade —
n'aquelle canto exhalam-se em gemidos,
gemem na angustia da immortal saudade...

Aquella voz, aquella voz sublime
— voz de archanjo e mulher, forte e sonora —
no intenso arroubo, gemedôra, exprime
quanta magua de amor o mundo chora!

Os sons, que passam — passam orvalhados
de sangue e pranto... sôam, lancinantes,
os tristes ais dos peitos desprezados,
as supplicas perdidas dos amantes...

— «*Vorrei morire...*» — Como é cedo ainda!
Voz de mulher e moça — e falla em morte!
Lança na noite uma amargura infinda
essa queixa tristissima da sorte.

Dizem que a vida é bella, é boa a treva...
O vento lá por fóra, nos espaços
galopando febril, nas azas leva
um fremito de beijos e de abraços...

E, no entretanto, ha labios solitarios,
labios sedentos de gostosos beijos,
almas mortas nos tragicos calvarios
dos impossiveis e fataes desejos!

Quanta tristeza! Aos poucos se esvaece
a voz que canta... As almas dos Trahidos,
colhendo no ar as notas d'essa prece,
ungem na sombra os corações feridos.

Calou-se a voz. Na escuridão, furtiva,
não ha canção de brisa que suspire...
Róla... cae-me do olhar lagrima esquiva,
soluça o coração: *Vorrei morire!*

Medeiros e Albuquerque.

UM ECONOMISTA PORTUGUEZ [1]

(ANTONIO DE OLIVEIRA MARRECA)

IV

As palavras *livre-cambio* e *proteccionismo* são empregadas não só como designações de oppostas escólas no campo da sciencia, mas tambem como vozes de porfiada guerra nas regiões do egoismo. Se, na propria esphera das discussões scientificas, a critica dos argumentos ás vezes se uniu desgraciosamente á injuria, não é de estranhar que, trazido o pleito para os tribunaes em que o interesse domina ou perturba, se tenham proferido insultos, e calumniado intenções.

Cada uma d'essas escólas tem phrases de effeito: o livre-cambio diz-se defensor dos direitos do homem n'uma das suas mais importantes fórmas; o proteccionismo apresenta-se como advogado sollicito do trabalho nacional. O livre-cambio accusa de espoliador socialismo a protecção; o proteccionismo flagella com o vituperio de inimiga da patria a liberdade mercantil. O livre-cambio affirma que os seus inimigos fomentam systematicamente o atrazo das industrias; os proteccionistas asseveram que seus adversarios querem matar as fabricas nacionaes.

Apezar do tom decisivo com que tantas vezes são proferi-

[1] Continuado da pag. 370, numero do 1.º de setembro.

das estas razões contradictorias, não é raro achar nas obras dos proprios chefes das escólas a prova de que a opposição entre ellas, embora seja grande, não o é tanto como vulgarmente se julga.

Aqui temos Smith, o grande fundador da sciencia economica, ou ao menos geralmente proclamado assim; avaliassemol-o pelo que escreveu d'elle um pensador tão distincto como o famoso Friedrich List, e pensariamos que elle não teve na menor conta a existencia das nações, os elementos peculiares a cada uma d'ellas, ou que tratou da permutação dos productos como se todo o mundo constituisse uma vasta republica, ou realisasse os velhos sonhos da monarchia universal. E, se confiassemos nos clamores vulgares contra o livre-cambio, acreditariamos que elle deseja arrasadas immediatamente as alfandegas, sem attenção aos capitaes e ao trabalho já organisados de certo modo sob a influencia das tarifas aduaneiras.

Mas quem lêr a obra de Smith saberá que, muito ao contrario do que lhe attribuem, elle teve em tanta conta a existencia das nacionalidades quando estudou a questão das permutações, que escreveu o seguinte:

«Parece-me haver dois casos em que geralmente seria vantajoso estabelecer algum imposto sobre a industria estrangeira para animar a nacional.

«O primeiro, quando uma especie de trabalho é necessario á defeza do paiz. Por exemplo, a defeza da Gran-Bretanha depende muito do numero dos seus navios e dos seus marinheiros. É, pois, acertado o *Acto de navegação* que procura attribuir aos navios e marinheiros da Gran-Bretanha o monopolio da navegação do seu paiz, já por absolutas prohibições, já por fortes encargos sobre a navegação estrangeira.»

Depois de summariar as disposições principaes do *Acto*, Smith pondera as desvantagens, puramente ou restrictamente economicas, derivadas d'elle; reconhece que é desfavoravel ao accrescimo da opulencia, da qual o commercio é tambem origem; porém, acima da questão da riqueza material immediata, seu espirito vê a questão patriotica, as necessidades do orga-

nismo nacional, a superior conveniencia de o robustecer; porisso conclue n'estes termos:

«Diminuindo (por causa do *Acto*) o numero dos vendedores, necessariamente diminuimos o dos compradores; ficamos, pois, expostos a comprar mais caro as mercadorias estrangeiras, e a vender mais barato as nossas, do que se houvesse perfeita liberdade de commercio. Como, porém, a segurança do estado é coisa de maior importancia que a sua riqueza, o *Acto de navegação* é porventura o mais sabio de todos os regulamentos mercantis da Inglaterra [1].»

O segundo caso em que Smith entende que geralmente será vantajoso impôr taxas sobre a importação de mercadorias estrangeiras para animar a industria nacional, é quando o producto d'esta é objecto de algum imposto interior.

Ainda Smith se occupou das represalias aduanciras, ás vezes empregadas como resposta a fortes direitos lançados por nações estranhas sobre as mercadorias de um dado paiz; no seu entender, taes represalias podem ser de boa politica, se ha probabilidade de conseguir por ellas a revogação das taxas. «A vantagem de recuperar um grande mercado estrangeiro, será geralmente maior que o passageiro inconveniente de pagar mais caro, durante breve periodo, algumas especies de mercadorias. O prevêr os effeitos das represalias pertence talvez menos aos conhecimentos do legislador, cujas decisões devem ser determinadas por principios geraes e immutaveis, do que á habilidade do sêr insidioso e astuto vulgarmente chamado politico ou estadista, cujas opiniões se dirigem segundo a versatil e momentanea marcha dos negocios publicos [2].»

Estes trechos não deixam a menor duvida no espirito do leitor; instruem-n'o sufficientemente para se convencer de que Adam Smith não construiu uma theoria tão *abstracta*, ou an-

[1] Adam Smith, *Investigações sobre a natureza e as causas da riqueza das nações*, na tr. franceza de Germain Garnier, ed. Guillaumin. Paris, 1859, II, pag. 220 e seg.

[2] Obr. cit., pag. 225 e seg.

tes tão utopico systema, que desattendesse á divisão da humanidade em nações. Póde discutir-se a opinião d'elle ácerca das relações mercantis internacionaes; porém é inteiramente infundada a asserção de que as suas doutrinas foram estabelecidas sobre a hypothese de que os homens constituiam um só estado.

Acaso será menos injusta a critica segundo a qual a escóla de Adam Smith quer a immediata demolição das barreiras alfandegarias? Sejam as seguintes passagens da sua obra fundamental a resposta a esta pergunta:

« Quanto a manufacturas, basta pequenissimo lucro para que os estrangeiros as possam vender no nosso proprio paiz e por preço menor que as fabricadas cá... Se fosse permittida a livre importação dos productos das fabricas estrangeiras, muitas das do interior provavelmente soffreriam com isso; talvez algumas ficassem completamente arruinadas; e parte consideravel dos capitaes e trabalho, agora empregados em fabricas nossas, vêr-se-hia forçada a buscar outro emprego. »

« Quando, por avultados direitos ou pela prohibição de mercadorias estrangeiras, se tenham desenvolvido fabricas nacionaes a ponto de empregarem muitos braços,... a humanidade póde exigir que a liberdade mercantil não seja restabelecida senão por muito lentas graduações, com muita circumspecção e reserva. Se de um só golpe fossem destruidas essas prohibições e extinctos esses direitos, poderia o mercado interno ser logo inundado de mercadorias estrangeiras mais baratas, por maneira que muitos milhares de concidadãos nossos ficassem simultaneamente privados de seu ordinario officio, e desprovidos de todo o meio de subsistencia. Poderia ser muito grande a desordem proveniente de tal facto...

« O dono de uma vasta manufactura que se visse obrigado a abandonar o trabalho porque o mercado interno repentinamente se abriu á livre concurrencia dos estrangeiros, incontestavelmente soffreria damno consideravel. É possivel que sem difficuldade empregasse de outra sorte o dinheiro que usava gastar em salarios e materia prima; porém não conseguiria inverter sem grave perda o capital fixado nas officinas e outros in-

strumentos economicos. Justa consideração dos interesses d'este fabricante exige, pois, que não sejam violentas as mudanças, mas antes realisadas successivamente, com vagar, e annunciadas de longe [1]. »

J. B. Say, sobre o qual teem cahido accusações analogas ás que soffreu Smith, escreveu tambem que, apezar dos inconvenientes da prohibição de mercadorias estrangeiras, fôra temerario abolil-a subitamente; que uma doença não se cura n'um dia; que os proprios capitaes e trabalho, empregados em monopolios, devem ser tratados com cuidado; que talvez não seja demasiada toda a habilidade dos grandes estadistas para cicatrizar as chagas occasionadas pela extirpação do systema restrictivo: sendo, pois, tão difficil restituir a liberdade ás trocas, concluia Say que se devia ser muito cauteloso e reservado em tirar-lh'a.

Mas não só avisou os reformadores liberaes do cuidado indispensavel á transição d'um para outro regimen; tambem não foi d'um liberalismo radical em theorias de commercio entre nações. Quem julgar Say pelo que vulgarmente se affirma, ficará decerto surprehendido com estas palavras escriptas por elle: «Talvez um governo proceda bem, estimulando industrias que, apezar de causarem perda a principio, evidentemente devem ser proveitosas em poucos annos.» E logo recordou o exemplo de Colbert que adiantára 2.000 francos por tear em actividade aos fabricantes de sêda e panno; talvez a isto, observa elle, se devam as fabricas francezas d'estes productos. Approvou tambem que, para se crearem marinheiros e ter marinha, Luiz XIV désse o premio de 5 francos por tonelada a quem equipasse navios. Say formava, pois, ácerca das leis francezas, protectoras da navegação, juizo analogo ao que formulava Smith a respeito do *Acto* britannico. Relativamente á ingerencia do estado na industria, que não tivesse relações directas e intimas com a independencia ou poderio nacional, os encomios do professor do Collegio de França ás providencias do tempo do Rei

[1] Obr. cit., pag. 213, 229, 234 e 235.

Sol não estão plenamente de accordo com o expresso pensamento do professor de Glasgow [1].

J. B. Say teve Rossi por successor n'aquelle instituto parisiense; Rossi defendeu eloquentemente a liberdade de commercio; mas distinguiu com luminosa nitidez entre a economia de cada nação e a economia universal.

Se no mundo industrial e mercantil não houvesse barreiras politicas, dizia elle; se para as relações economicas estivessem completamente extinctas as differenças de nacionalidade; se todos os estados podessem constituir as precisas receitas sem embaraçar a circulação das mercadorias, — em taes condições a liberdade de commercio seria extremamente util. Mas por infelicidade esta hypothese, continúa Rossi, é romanesca; passando ao mundo real, n'elle podem achar-se estados incipientes, aos quaes a liberdade das trocas permittiria abrir commodamente a sua estrada social; e outros estados em que o rapido estabelecimento da liberdade mercantil seria uma revolução; comtudo, mesmo nos primeiros a doutrina liberal admitte excepções: nenhum pae de familia ignora que em certas circumstancias o sacrificio actual póde conseguir um lucro futuro ultracompensador; suspeitando da existencia de grandes riquezas mineraes no seu predio, certamente gastaria em pesquizas afim de opulentar os filhos com mais esta fonte de prosperidade. O mesmo póde succeder a uma nação: fidedignos inqueritos convencem-n'a da vantagem de fundar uma industria, próspera no estrangeiro; então o governo toma parte na empresa, ou lança

[1] J. B. Say, *Traité d'Économie politique,* ed. Guillaumin. Paris, 1849, pag. 187-189.

Richelot, annotando List, cita a seguinte passagem de Smith para o mostrar um pouco inclinado a admittir vantagens no proteccionismo: «Em verdade póde ser que por virtude d'estas leis um paiz adquira um genero de fabricas mais depressa do que o houvera adquirido sem ellas, e que no fim de certo tempo o respectivo producto se faça no paiz tão barato, ou ainda mais, que no estrangeiro.» Richelot esqueceu-se que immediatamente Smith considera as vantagens, d'ahi resultantes, inferiores aos damnos causados por tal legislação. Vide Smith, obr. cit., pag. 211, tomo II, e *Système national d'Économie politique* par Fréderic List, trad. de Henri Richelot. Paris, Capelle, 1851, pag. 272.

uma taxa pautal sobre a mercadoria que vier de fóra; taxa que deve ser temporaria, e cuja grandeza depende da grandeza de capital fixo; taxa que attráia sufficientemente os capitaes pela esperança de lucro.

Considerações politicas o levavam tambem a admittir excepções; vendo no estado, não um aggregado qualquer de individuos, mas sim um organismo com fim determinado, moral, necessario, e um meio indispensavel á especie humana para o seu progresso material e ethico, accrescentava: «A economia politica não é a dominadora do mundo, a legisladora universal das sociedades civis; ella quer a liberdade do commercio e da industria com poucas excepções: tem razão na esphera das suas idéas; mas ha casos em que a riqueza encontra a politica, essencialmente encarregada de prover á primeira necessidade de toda a nação, isto é, á independencia, á força, á defeza do paiz. Antes de pensar em ser mais ou menos rico, é preciso existir.» E, resumindo uma parte da sua doutrina, concluia: «Á liberdade commercial, sabiamente combinada com as exigencias da nacionalidade e da politica, se deve portanto pedir o amplo concurso de compradores e vendedores, necessario aos povos cuja industria foi sobr'excitada pelo monopolio [1].»

Conhecidas tão claras affirmações de tres dos mais notaveis economistas classicos, é evidente a sem-razão de attribuir á escóla de Smith uma intransigencia jacobina quanto ao regimen do commercio internacional; e comtudo as accusações teem partido não só de escriptores vulgares, mas tambem de altos espiritos, profundamente versados na historia da economia politica; basta recordar outra vez List que, apresentando-se como reformador de uma parte da sciencia, escreveu que um dos defeitos essenciaes d'essa escóla consistia n'um cosmopolitismo chimerico, sem comprehensão da nacionalidade, e não se preoccupando dos interesses nacionaes.

[1] *Cours d'Économie politique* par M. P. Rossi (1836-1838), Bruxelles, 1851, pag. 467 a 511.

V

A doutrina proteccionista estabelecerá doutrina mais severa? Acreditará que os direitos aduaneiros são sempre vantajosos? Seja o mesmo List quem nos esclareça n'este ponto.

Em primeiro logar, elle não admitte a utilidade das tarifas pautaes para a agricultura; fôra insensata a empresa de a animar com taxas protectoras, porque, no seu entender, esse ramo de trabalho só póde ser favorecido pela existencia da industria manufactureira no paiz; e a exclusão das materias brutas e dos productos agricolas estrangeiros só póde retardar a evolução industrial.

Em segundo logar, elle pensa que «a educação economica de um paiz pouco intelligente e pouco instruido, ou fracamente povoado relativamente á extensão e fertilidade do seu territorio, se realisa mais seguramente commerciando com povos adiantados, ricos, e industriosos; fôra prematura toda a restricção que visasse a crear ahi fabricas; a protecção poderá justificar-se unicamente quando a cultura intellectual, politica e economica, sob o influxo da liberdade mercantil, estiver assaz adiantada para que a importação de artigos estrangeiros e a falta de mercado para os productos do paiz obstem ao ulterior desenvolvimento d'elle. A industria manufactora prende-se a tantos ramos da sciencia e da arte, suppõe tanta experiencia, tanta pratica, tão radicados habitos, que só lentamente póde effectuar-se a educação fabril de um povo. Toda a protecção excessiva e prematura expia-se pela diminuição da prosperidade nacional.»

Em terceiro logar, List julga nocivos os favores aduaneiros «nos paizes que não tenham população consideravel e vasto territorio; um pequeno estado não póde tornar perfeitos os diversos ramos de trabalho. Toda a protecção constituiria n'elle um monopolio particular. Só allianças com nações mais podero-

sas, sómente o sacrificio de algumas das vantagens da nacionalidade, só esforços extraordinarias podem manter, e ainda penosamente, a sua existencia.» Nem o *Zollverein* lhe parecia sufficientemente grande (List escrevia em 1841); para ser perfeita, a associação aduaneira allemã necessitava estender-se a todo o littoral «desde as embocaduras do Rheno até ás fronteiras da Polonia, comprehendendo a Hollanda e a Dinamarca. A nacionalidade germanica alcançaria assim o que lhe faltava, isto é, pescarias e forças maritimas, commercio dos mares e colonias.»

O implacavel critico da escóla smithiana mais parece ter estabelecido um systema talhado cuidadosamente para o corpo germanico, do que uma solida theoria scientifica. Nações pequenas como Portugal, e ramos de trabalhos tão vastos como os agricolas, não teem que esperar d'elle; todas as providencias com que varios paizes, entre os quaes a Allemanha, procuram defender a sua lavoura contra a concurrencia dos Estados-Unidos, da India e da Australia, seriam condemnadas na escóla de List; n'ella ficariam sem explicação, e protestando clamorosamente, os grandes progressos economicos realisados por modestissimas sociedades politicas, taes como a Suissa e a Belgica.

Debalde se procurarão na obra de List robustas razões do seu pensar ácerca dos contrarios effeitos da protecção, conforme se exerça na industria ou na agricultura. Porque é util a concurrencia de estranhos na lavoura em todos os seus graus de desenvolvimento, e é perniciosa nas fabricas até um muito avançado ponto da sua evolução? E não é só n'esta base fundamental da doutrina que residem as contradicções; apparecem tambem quando List compara esses dois grupos do lavor humano: exaltando nimiamente a industria por offerecer carreiras a variadissimos talentos, occupar mais braços, fomentar a população, estimular as artes e as sciencias, portanto aproveitar e accrescentar as forças productivas do paiz, — logo deprime a agricultura, da qual chega a dizer que n'ella o merecimento dos homens se mede geralmente pela força physica. Só as manufacturas dão verdadeira grandeza e merecem protecção; mas se fôra

assim, como conciliar-se com tal proposição a outra do mesmo escriptor segundo a qual só devem intervir as tarifas aduaneiras quando a nação tiver, pela liberdade do commercio com adiantados povos, obtido solida cultura intellectual, politica e economica? Porque motivo o livre-cambio é superior ao protecionismo para dar estes elementos de riqueza a uma sociedade principalmente agricola, mas deverá n'um certo ponto do caminho da civilisação ceder o logar ao seu adversario? List não o explicou, embora esta questão seja fundamental.

Excessivamente injusto para com os fundadores da economia politica, é excessivamente facil em estabelecer principios ou formular regras; censura severamente J. B. Say por querer que a protecção, nos casos excepcionaes em que o escriptor francez a admitte, só seja dada quando se acredite que a respectiva industria poderá dispensal-a passados poucos annos; e comtudo List não quer direitos aduaneiros excedentes a 40 ou 60 por cento, por entender que se um ramo de trabalho os necessita maiores para subsistir, o mesmo vale confessar que não convém acclimal-o. Que differença essencial existe, porém, entre querer que o prazo da protecção não seja muito longo, e o impugnar que as taxas ultrapassem uma dada percentagem? Em ambos os casos se põem limites ao sacrificio para a educação industrial do paiz, a qual sendo, como nos individuos, dependente do tempo e das disposições naturaes, por isso mesmo pareceria exigir que se completasse o pensamento de Say com o de List, depois de os tornar ambos menos rigorosos. De todo o modo, ninguem pensaria que o sabio allemão, n'uma pagina muito anterior áquella em que reprehendeu o professor francez, tivesse deixado estas palavras: «Quando, sob o imperio de direitos convenientes e progressivos, as manufacturas de um paiz não florescem, é porque a nação não possue ainda as condições necessarias para ser industrial.» D'esta maneira List generalisa e defende a regra que violentamente reprehendeu em J. B. Say.

*

* *

A exposição de uma parte da doutrina de economistas classicos ácerca da liberdade de commercio internacional e o exame de algumas passagens da obra de um dos mais notaveis proteccionistas allemães permittem-nos asseverar que nem aquelles deixaram de ponderar o principio da nacionalidade e as exigencias da politica, bem como de abrir excepções ao livre-cambio ainda mesmo no terreno estrictamente economico, nem List deixou sequer as linhas principaes de uma theoria geral e harmonica do commercio das nações.

VI

Vejamos agora o que pensava Oliveira Marreca.

Em 1838, nas *Noções de Economia politica*, defendeu o livre-cambio, concluindo, porém, que, « apesar da incontestavel evidencia e rigor dos principios, applicados á totalidade das nações quando as consideramos como uma vasta associação regida pelas mesmas leis moraes, ou ao menos dominada por necessidades communs, nem por isso elles devem resistir a uma prudente e temporaria modificação occasionada pelas circumstancias especiaes de algum paiz, circumstancias sempre ou quasi sempre nascidas do inveterado predominio dos principios contrarios. » Quatro annos antes o seu compatriota Ferreira Borges seguia rigorosamente o livre-cambio; mas em 10 de janeiro de 1837 era referendada a nova pauta das alfandegas, a qual, embora especialmente destinada a pôr ordem no confuso e anarchico regimen aduaneiro, onerava com fortes direitos, e ás vezes até prohibia a importação de numerosas mercadorias estrangeiras. O progresso dos seus estudos economicos, porventura a creação e o desenvolvimento de fabricas no paiz, inclinaram Marreca para a escóla proteccionista. Acaso influiu tambem no seu espirito o desejo de vêr mingoada a influencia da Gran-Bretanha nos nossos mercados, e o ter na conta de desleaes os conselhos livre-cambistas de escriptores e homens de estado in-

glezes? No *Panorama* de 1843, pag. 252, disse elle que, ao vêr «a Inglaterra aconselhar o continente que desista da industria fabril, lembrava-lhe Roberto de Limoges, bispo de Lichfield, que por 1071-1072 publicou um decreto prohibindo aos clerigos saxões o uso dos alimentos nutrientes e livros instructivos, com receio, diz o historiador, de que o bom alimento e a sciencia lhes dessem demasiada força contra o seu bispo.» Marreca procurava que a sua patria fosse tambem manufactora e mercantil; contestava os que a pretendiam essencialmente agricola. Não acreditava na divisão do trabalho pelas nações de modo que uma permanecesse na lavoura, outra se désse exclusivamente ás fabricas, outra empregasse no commercio todos os seus thesouros economicos. A Inglaterra acaso não era tudo simultaneamente? Acaso cada povo não cuidava de abastecer de artigos indigenas o seu mercado? Mas se estas reflexões o levavam para o proteccionismo, logo deixava conhecer que não o tomava por systema definitivo. Se pensava muito na patria, nem por isso lhe esqueciam os interesses da humanidade. Acceitava as restricções, porém duvidava que fossem uteis ao progresso universal; acceitava-as, porque, não tendo Portugal braço omnipotente que as estorvasse, era necessario curvar-se ás condições geraes. (Pag. 221 e 236).

É no *Relatorio*, que já citámos, o da exposição industrial em 1849, publicado em 1850, que Oliveira Marreca se demora no exame das principaes condições economicas de Portugal, e se occupa com largueza da questão das pautas. O jurado contava entre os seus membros homens de muito saber como José Maria Grande, Guilherme Pegado, Andrade Corvo, Julio Maximo de Oliveira Pimentel, Marino Franzini, Almeida Garrett; o relatorio exprimia o pensar commum, exceptuando o de João d'Andrade Corvo, que assignou com declarações, talvez por não concordar na defeza do proteccionismo. Oliveira Marreca não vem designado como relator; mas não só biographos e criticos (Innocencio, e Lopes de Mendonça, por exemplo) o consideravam auctor d'esse trabalho, mas tambem Marreca fallava d'elle como de obra sua.

O fomento da industria fabril figurava-se-lhe extremamente necessario; Portugal tinha o sólo em grande parte pouco povoado; superabundava a producção agricola em numerosos logares; e se n'outros escasseava, certo era que mandavamos a terras estranhas muitos generos; mas fôra erro o firmar nos mercados alheios a principal esperança de progresso dos campos portuguezes; os paizes nossos competidores haviam de medrar, e do mesmo passo talvez decrescessem absoluta ou relativamente as nossas vendas. «Deixemos livre o vôo á exportação agricola; busquemos mesmo novos mercados aos nossos generos; mas consideremos o mercado indigena como a providencia da agricultura. É mais amplo este mercado, sem comparação nenhuma, que todos os outros juntos. É mais seguro e mais permanente.» Quando o consumidor está, por assim dizer, quasi á porta do productor, as operações mercantis são mais faceis, economisa-se nos transportes, ha maior probabilidade de prompto embolso. Mas as classes agricolas não podem consumir o sobejo da producção; é, pois, «forçoso crear novas séries de productores não agricolas que o absorvam.» Nem se diga que nos faltam elementos industriaes: são precisos braços? Abundam os homens que desejam empregar-se, e é grande o numero de ociosos. São precisos capitaes? Tambem hão de apparecer; o proprio facto de comprarmos tantos productos estrangeiros manifesta a existencia de recursos para alimentar fabricas; pois fundemol-as entre nós com esses mesmos recursos, compremos artefactos portuguezes em vez de os pagarmos a estranhos; ficará entre nós o lucro, entre nós o salario, e, com tudo isto, o estimulo de população util.

Nem são unicamente esses capitaes os que podem servir a tão patriotico fim; os estrangeiros tambem vão aonde os chama a grande probabilidade de elevado lucro; veja-se o que succede com os inglezes: cresceu-lhes a opulencia; accumularam economias sobre economias; mas, attingido certo grau de poder financeiro, os seus capitalistas frequentemente procuraram collocar parte de seus haveres fóra do paiz. E não procederam d'este modo sómente os argentarios; tiveram por companheiros

muitos empresarios e trabalhadores; todos elles foram propagando os conhecimentos fabris e as posses monetarias que se tinham constituido na Gran-Bretanha, e a tornaram outr'ora a maior força economica do mundo; todos elles, por esses mesmos factos foram creando concurrentes á sua terra natal; todos foram seguindo pelos diversos caminhos que pouco a pouco, mas persistentemente, vão diminuindo as differenças de riqueza moral e material dos povos cultos. Ao examinar o que se passou n'esse animadissimo theatro da arte fabril, « desengana-se o observador de que não ha esforço capaz de contrariar esta tendencia de quasi todos os paizes para utilisar as invenções mecanicas e as riquezas naturaes, nacionalisando o trabalho industrial. » E consultada a experiencia dos povos cultos, ella ensina que ainda os propriamente agricolas entraram de ensaiar os trabalhos fabris desde que os salarios attingiram certa altura, e os productos naturaes se multiplicaram até certo ponto.

Poderiam objectar-lhe que a fundação de fabricas em Portugal teria por consequencia o alto preço dos productos d'ellas. Marreca responderia que, apezar d'isso, em varias nações esse ramo de lavor social foi plantado e protegido por actos voluntarios, suggestões de patriotismo, causas accidentaes, favor artistico, impulso de imitação, e, mais que tudo, pela força imperiosa das necessidades humanas. « Se a todos estes estimulos prevalecesse o interesse de comprar artefactos no mercado mais barato, a propria Inglaterra, grande potencia industrial, seria hoje (1850) nação fabril mesmo de segunda ordem? Quando ella e a França começaram os seus ensaios, a Italia e a Flandres offereciam-lhes sêdas, pannos, e outros artigos de fabricação mais baratos e bem acabados do que os podiam obrar as duas nações que noviciavam n'uma carreira em que as outras eram já veteranas. Na mesma escala subalterna a respeito de todos os povos fabris da Europa se achavam os Estados-Unidos da America, quando, haverá pouco mais de quarenta annos, entraram a aprender os rudimentos da industria. Talvez se não cite uma só nação, onde o trabalho fabril se fundasse sobre o

principio da barateza ou os productos de uma manufactura principiante não subissem mais caros que os productos similares das nações mais adiantadas. »

A questão do baixo preço, a dos interesses do consumidor, parecia-lhe mal posta: ha muitos consumidores que não produzem, que vivem do trabalho de outrem; a questão, portanto, era, para elle, a justa ponderação do interesse dos productores; de contrario, entrariam generos estrangeiros, e a agricultura nacional pereceria; entrariam os artefactos inglezes e a nossa industria extinguir-se-hia. A egualdade de encargos e sacrificios quer que o mercado nacional sêja assegurado aos nossos industriaes, embora os lavradores soffram por algum tempo; quer que o mesmo mercado seja garantido á nossa agricultura, embora temporariamente os manufactores peream.

Que importa essa allegada carestia se, no parecer de Oliveira Marreca, ella faz associar a lavoura á industria, combinar as vantagens de ambas, promover a população, auxiliar os campos com a influencia das fabricas, favorecer estas pela clientela que lhes trazem aquelles, variar as applicações do capital e fixal-o em empresas nacionaes? Não decahiriam para a miseria as classes productoras se faltasse a procura de braços ou os salarios fossem tenuissimos? Pelo contrario, os favores ás manufacturas não augmentam a procura dos operarios, e os salarios?

Pensava, porém, o nosso economista que a escóla protectora tinha achado a formula do melhor systema de politica mercantil? O vigor de muitas paginas do relatorio, a abundancia dos argumentos, a analyse notavel que fez da questão da barateza, analyse que honraria qualquer dos seus mais illustres contemporaneos, e na qual provou illustrada independencia de espirito e excellentes dotes de criterio, — tudo isto levaria a suppôr que a pratica do proteccionismo era para elle uma necessidade ineluctavel, uma phase historica da economia de todos os povos progressivos. Mas logo depois de paginas tão dignas de leitura, depois de ter considerado nociva a liberdade mercantil absoluta, bem como a absoluta prohibição, e de achar

sufficientemente amplo o espaço *neutro,* resume a opinião geral dos membros da commissão:

« O jurado, comtudo, não julga que a formula actual de equilibrio economico, que esta hesitação constante entre a prohibição e a liberdade de commercio, seja o *ultimatum* do progresso social. Acredita, ao contrario, na necessidade de um principio superior, que aproveite o que ha de bom n'estes systemas contradictorios, e organise o que nenhum d'elles, per si só, poderia organisar. »

Dir-se-hia que depois de ter cuidadosamente construido todo aquelle edificio conforme o plano que julgára mais sabio, logo viera a reconhecer n'elle defeitos que o impossibilitavam de completamente satisfazer ao fim a que se destinára; mas tambem achava n'elle bellezas que o impediam de o demolir; e que lhe valeria o trabalho de o lançar por terra, se não podia traçar melhor desenho, nem pôr melhores forças em nova construcção? Conservou-o, portanto; mas declarou immediatamente a necessidade de principios superiores aos que o inspiravam, principios que assegurassem ao trato internacional o proveito maximo, principios ainda por descobrir.

E, após a declaração, deu conselhos aos nossos industriaes; advertiu-lhes que o jurado faria triste serviço á industria, e grave injuria á sciencia, se dissesse aos fabricantes que poderiam descançar á sombra das barreiras artificiaes ou naturaes; accrescentou que seria grave perigo ficar estacionario no meio dos grandes progressos realisados por povos estrangeiros; que nem uma muralha de ferro poderia proteger as nossas manufacturas contra a crescente concurrencia que de toda a parte as rodeava. E estas palavras eram proferidas diante da exposição dos primores de muitas de nossas melhores fabricas, quando já treze annos tinham decorrido sobre a publicação das pautas de fortes direitos!

Se não se podia dizer, logo, e sem maior exame affirmar, que a experiencia condemnára por insensatas muitas esperanças do proteccionismo, tambem não havia motivos para lhe decretar corôas triumphaes.

Comparado a outros escriptores protecccionistas, Oliveira Marreca não perde no confronto; antes se avantaja a muitos d'elles quando encara alguns dos pontos fundamentaes da questão; mas não conseguiu, nem podia, provar completamente o que desejava. Examinemos seus principaes argumentos.

É certo que a importação de productos estranhos mostrava que no paiz havia recursos para os comprar; os fabricantes de fóra não os mandavam de presente; mas uma coisa é a série de pequenas sommas possuidas por numerosos consumidores, outra é a união d'ellas em capital fundador de fabricas; uma coisa é o commerciar em varios pontos de um paiz, mandando vir talvez a credito mercadorias de fóra, outra é possuir ou colligir n'um só logar os fundos indispensaveis á creação de um estabelecimento fabril. Por outras palavras: além da questão da totalidade de capital, ha a ponderar onde existem as parcellas d'elle e como se empregam ou se podem empregar.

Mas ainda que assim não fosse, a argumentação de Oliveira Marreca só podia applicar-se a ramos de trabalho cuja organisação economica não ficasse em más condições por ser pequeno o consumo; se o mercado interno, accessivel a uma fabrica, só podesse absorver uma quantidade de mercadorias inferior á que ordinariamente produziria um estabelecimento bem montado, ou a manufactura portugueza se constituiria mal, ou os productos haviam de sahir por preço desproporcionado aos processos technicos empregados por ella; em qualquer dos casos, a creação da fabrica dar-se-hia em circumstancias que difficultavam o progresso fabril.

Não faltam os braços, dizia Oliveira Marreca; antes superabundam e cumpre dar-lhes trabalho. Mas aquelle facto e este dever não provam que esses braços estejam habilitados para numerosas profissões industriaes; e as artes fabris não pedem só força, requerem força disciplinada, exercida em certas direcções. Replicar-se-ha que as manufacturas devem ser protegidas, exactamente porque teem de servir como escólas? A ser assim, ter-se-hia de provar que as pautas aduaneiras são o melhor instrumento administrativo para promover a educação indus-

trial de um povo; e é exactamente este um dos pontos que os proteccionistas não teem illuminado com as suas discussões.

Pelo facto de lançar direitos fortes sobre mercadorias estrangeiras, as pautas não garantem, nem podem garantir, que os capitaes e o trabalho hão de associar-se para montarem no paiz fabricas que lavrem productos similares d'aquellas mercadorias; não garantem, nem podem garantir, que n'esse ramo das artes fabris a nação ha de principiar brevemente a ser ensinada por modo a ficar bem instruida no menor periodo possivel; não garantem, nem podem garantir, que, nos estabelecimentos erguidos á sombra protectora das pautas, se realisarão os melhores processos technicos, e se empregarão as melhores qualidades administrativas de que o paiz disponha; nem sequer promettem com segurança que os capitalistas hão de aproveitar os favores que as tarifas lhes offerecem. A historia industrial do nosso paiz, a contar das pautas de 1837, seria excellente explanação pratica do que acabamos de dizer.

Imagine-se que minuciosos estudos levam a concluir pela grande utilidade de implantar uma industria no paiz, se houvesse operarios devidamente instruidos n'ella; admitta-se tambem a conveniencia de os educar, e que os capitalistas particulares não querem correr com as despezas do ensino creando fabricas, ou mandando-os ao estrangeiro, ou contractando mestres de fóra; conceda-se, finalmente, que mais vale á nação o fazer ella propria, pelo thesouro publico, esses gastos immediatamente do que deixar que n'outro dia, por má ventura remoto, a iniciativa particular venha a colligir os elementos para a fundação d'essa industria. Já um economista allemão, ainda que admirador de List, e que reconheceu n'elle e em Carey o merito de haverem posto a boa luz o pensamento de que a economia publica deve positiva e collectivamente aspirar aos mais elevados graus da actividade material, sahindo, portanto, da phase agricola e attingindo grande desenvolvimento manufactor, —já esse economista disse: «A instrucção, a organisação e a protecção directa, seriam muito mais proficuas do que o lento processo dos favores aduaneiros; por estes se não garante

que em certo prazo os ramos industriaes protegidos estarão fortes para a concurrencia, contentando-se com os preços do mercado universal. Fôra, portanto, melhor solução o contractar com os respectivos pretendentes de favores que, em troca de um privilegio, elevariam a industria privilegiada a certo grau em tempo fixo, ao cabo do qual findaria o monopolio; haveria até direito a exigir d'elles que organisassem collectiva e corporativamente a manufactura, afim de ser promovida a desejada causa por systematica educação dos operarios, por obtenção de machinas, e sobretudo por organisações que obrigassem todos [1]. »

Apesar de serem graves os inconvenientes d'esta acção governamental sobre o desenvolvimento fabril, parecem-nos elles muito menores que os geralmente resultantes da tentativa de *crear industrias* pela influencia de fortes direitos pautaes; se as taxas aduaneiras são um convite aos capitalistas e emprehendedores nacionaes, o convite póde não ser correspondido, e até não ser comprehendido; o lançamento de 40 por cento *ad valorem*, ou de equivalente taxa especifica, sobre um producto estrangeiro não tem por necessaria consequencia ou companhia que a iniciativa particular conheça ou passe a conhecer as circumstancias especiaes da respectiva industria e reuna os elementos para lucrativamente a fundar. Os estadistas podem justamente analysar as circumstancias economicas de um povo, e comprehender que teria remuneração abundante o capital que, sob aquelle direito protector, se empregasse no alludido ramo fabril; mas de que valerá isto, se os homens de iniciativa e os de dinheiro não pensarem como os homens de estado, ou nem estudarem os calculos e os planos d'estes?

Pondo de parte as considerações politicas, por causa das quaes possa ser preciso fundar certas manufacturas independentemente da questão do preço, — que significação tem a affirmativa de que um paiz necessita de novas fabricas? Marreca ti-

[1] Dühring, *Cursus der National-und Socialökonomie*, 2.te Auflage, Leipzig, 1876, pag. 383.

nha-as por convenientissimas ao engrandecimento da agricultura, e indispensaveis ao mais util consumo dos productos da terra, sobrantes em muitos logares do paiz, amplificando-se e garantindo-se d'esta maneira o mercado interno para a lavoura e as manufacturas portuguezas. Sobre o mutuo auxilio d'estes dois grupos de lavor, e a importantissima superioridade do commercio interno sobre o externo, já Adam Smith tinha apresentado valiosas considerações, embora certos criticos digam o contrario [1], porém o reconhecimento d'esse auxilio e d'essa superioridade não basta para se concluir que todo o momento é proprio á fundação de manufacturas; se a ingerencia da lei, se os favores pautaes tivessem o poder que lhes attribuem os proteccionistas, bem depressa as mais atrazadas nações se ergueriam ao nivel das mais avançadas; e as mais pobres se transformariam em opulentissimas; ora a industria, sobretudo a d'este seculo, depende de tantos conhecimentos especiaes, e precisa de estar tão attenta aos progressos que annualmente enriquecem a technologia, que seria de desvairada imaginativa o querer que um povo atrazado se mettesse a produzir o que só é proprio de sociedades com intensa instrucção. Fôra excellente que pelo seio das nossas provincias se podessem com presteza erguer em boas condições e manter prosperamente numerosas fabricas de variadissimos artefactos; mas forças economicas assás robustas para realisarem tal *desideratum*, não existem entre nós; e foi pela mesma razão que, apesar das pautas proteccionistas de 1837, a iniciativa particular não se apressou a erigir manufacturas.

Nem é para esquecer que muito limitadas seriam as vistas economicas do legislador que se contentasse com que as pautas causassem necessariamente a creação de alguns estabelecimentos fabris; cumpre-lhe tambem pensar se elles se constituirão sobre

[1] Carey, que não póde ser suspeito ao proteccionismo, fez inteira justiça a Smith, n'este ponto. Veja-se a traducção franceza, *Principes de la Science sociale*, Guillaumin. Paris, 1861, tomo I, pag. 221 e 336. Veja-se tambem *Manuel d'Économie politique*, de Peshine Smith. Paris, 1854, cap. VII.

bases racionaes, e se ha probabilidades de que vão acompanhando os progressos realisados nas mais cultas nações; se começarem o trabalho com maus agentes, ou se crescerem n'um meio de tenue instrucção e debil concurrencia, é de crêr que durante longos annos, ou por toda a sua vida, vão ficando relativamente mais atrazados, isto é, que se distanciem, com funesta persistencia, do fim para que foram feitos. E quanto mais pequena é uma nação, bem como quanto menos densamente povoada e menos rica, maior é o perigo de tentar a fundação de numerosas industrias por obra e graça das pautas.

É excellente possuir boas fabricas; mas quando se recommenda a creação d'ellas pelo systema protector, acaso se tem estudado assás a economia nacional para poder affirmar que vale mais cultivar novos ramos de trabalho do que desenvolver os já existentes? Não sabemos que seja costume attender a esta ponderação; veja-se o que, por exemplo, tem succedido entre nós: quizemos ser amplamente industriaes; louvavel desejo, proficua ambição, se houvesse meios para o sermos; comtudo tem sido tão difficil o habilitar para as luctas do mercado universal qualquer das nossas artes fabris, que as manufacturas portuguezas entram por uma verba pequenissima no quadro das exportações, e ainda importamos fortes sommas em productos similares. É ainda a agricultura que nos ministra quasi todos os recursos para pagamentos directos. A subdivisão dos nossos debeis capitaes foi tal, e temo-nos instruido tão fracamente, que o trigo portuguez teve de pedir leis excepcionalissimas e direitos muito mais elevados que nas outras nações. Por outro lado, foi-nos necessario o incentivo dos compradores francezes para augmentarmos de milhares de contos a nossa riqueza em vinhedos; e ainda hoje precisamos de estudar muito para devidamente aproveitar todas as qualidades do sólo e do clima, que nos permittirão obter muito mais vasto logar no mercado de vinhos.

É muito erronea a proposição segundo a qual o nosso paiz é essencialmente agricola, se por ella se pretende dizer que não devemos entregar-nos á industria, e que nos circumscreva-

mos ás lides campestres. É muito erronea, porque a propria lavoura, quanto mais se desenvolve, tanto mais attrae as manufacturas, tanto mais facilita a creação d'ellas, tanto mais amplifica para os fabricantes indigenas o mercado interno; mas pela importancia relativa que ainda hoje tecm as aldeias na economia portugueza e pela grande superioridade numerica da população d'ellas, póde ainda agora asseverar-se que somos essencialmente agricolas; e com maior motivo se applicariam estas palavras ao Portugal da primeira metade do seculo XIX; é, porém, evidente a vantagem de fazermos todos os esforços para dilatar com a possivel rapidez as manufacturas; sobre este ponto não póde haver fundamentado desaccordo; e seria perder forças o provocal-o, ou mantel-o. A desharmonia só póde razoavelmente dar-se quanto aos meios de attingir tão momentoso fim [1].

Os que negam ás pautas qualidades proprias de meio presentaneo e indefectivel para engrandecer a industria nacional, não teem menor desejo de a vêr desenvolvida e aperfeiçoada do que o teem os mais emperrados proteccionistas; e a opinião de Dühring, acima exposta, é uma das manifestações de descrença do effeito attribuido ás tarifas pelos seus advogados; descrença muito significativa em tal escriptor. Não assentamos que seja livre de muitas consequencias nocivas o alvitre recommendado por elle; mas, como já dissemos, terá em geral menores inconvenientes e trará menos difficuldades que os fortes direitos; as pautas, como auxiliadoras da educação industrial de um povo, parece-nos que terão de ir cedendo o seu preten-

[1] É muito erradamente que ás vezes se attribue aos fundadores da economia politica o affirmarem que umas nações devem ser exclusivamente agricolas, outras exclusivamente industriaes. Além do que já dissemos de Smith, lembremos as seguintes palavras de J. B. Say: «C'est par une distinction futile qu'on classe les nations en nations agricoles, manufacturières et commerçantes. Si une nation réussit dans l'agriculture, c'est une raison pour que ses manufactures et son commerce prospèrent; si ses manufactures et son commerce sont florissants, son agriculture s'en trouvera mieux.» (Obr. cit., pag. 144). De List é que póde dizer-se que estabelecia para certas zonas aquella divisão.

cioso e desproporcionado papel ao ensino technico, geral n'umas terras, adequado n'outras ás circumstancias locaes; além do technico, o ensino primario despojado de todas as inutilidades e ampliado com noções de immediata applicação na maioria das manufacturas, servirá directamente ao possivel engrandecimento fabril da nossa patria; engrandecimento, não só pela quantidade da producção, mas tambem pelo preço, pela faculdade de concorrer sem medo com os industriaes de outras nações.

Venhamos agora á questão dos braços; as pautas protectoras, dizem os defensores d'ellas, determinam o emprego de muitas pessoas que aliás ficariam na miseria. Mas porque estavam desoccupados esses trabalhadores? Por falta de habilitações, ou por não haver capitaes disponiveis, ou por já terem chegado ao maximo desenvolvimento as industrias existentes? Mas se carecem de habilitações, que ramos de trabalho poderão prosperar com a obra de taes individuos? Se não ha capitaes disponiveis, não se podem crear novas fabricas. Se as industrias existentes já chegaram ao maximo desenvolvimento, mal se comprehende que a nação não tenha assás iniciativa experimentada para cultivar alguma nova arte fabril sem o auxilio pautal. Além d'isto, são frequentes os exemplos do desemprego de numerosissimos operarios sob o regimen da protecção. Nos Estados-Unidos tem succedido, como lembra Lexis, que, apesar das pautas, as crises industriaes teem obrigado muitos trabalhadores a passar das fabricas para a agricultura; e em quantos casos a emigração não é preferivel a instituir fabricas em tão más condições, que talvez sejam forçadas a contribuir para augmentar o quadro das miserias do proletariado[1]! Além d'isto, os defensores do industrialismo usam esquecer as vantagens reaes da vida dos campos sobre a das fabricas, e a necessidade de engrandecer a agricultura pelo emprego de capitaes, pelo trabalho de operarios intelligentes, pela actividade de em-

[1] W. Lexis, *Handel*, no *Handbuch der politischen Œkonomie*, pag. 1110, vol. I da 1.ª ed. — Tübingen, 1882.

prehendedores muito illustrados. Sobretudo um paiz pequeno e atrazado, como o nosso, mal póde esperar, ainda quando fossem exactos os principios proteccionistas, que por obra das pautas simultaneamente progridam muito a agricultura e as manufacturas; o estado presente das questões agricolas (cereaes, vinhos, credito, escólas) é uma das provas de que Portugal não tinha forças para realisar os progressos que o proteccionismo sonhava. Se a industria fundamental, a da terra, ainda está tão atrazada, como poderiam ter ascendido a alto grau de aperfeiçoamento as manufacturas que as pautas pretenderam favorecer? Forçosamente a maioria d'ellas tiveram ou de fundar-se em bases pouco solidas, ou de progredir com demasiada lentidão. A culpa não foi dos fabricantes; a culpa foi... de não se terem comprehendido as nossas condições economicas.

Oliveira Marreca, embora defendendo a acção pautal, já vimos que exhortava os manufactores a progredir. Perante a exposição não tinha só palavras de alegria; deixava conhecer a sua tristeza. Acaso acreditava, ao menos, que a protecção garantiria altos salarios? Se acreditasse, não continuaria assim as suas exhortações aos donos de fabrica:

« Os deveres d'estes são grandes. Ensina-os a prudencia a buscar as economias e reducção das despezas na distribuição de trabalhos bem ordenada, na expedição de processos; não na reducção de salarios. Reducção legitima, se é fundada em uma baixa consideravel no preço dos artigos de subsistencia do operario; mas que, faltando-lhe esse fundamento, sobre violar as leis da justiça e os dictames da humanidade, paralysa sempre a industria, e redunda na diminuição das compras de artefactos, e na abstinencia de compradores, cujo maior numero pertence ás classes assalariadas. »

Se a protecção pautal assegurasse a larga remuneração dos trabalhadores, para quê esta invocação dos principios de justiça e humanidade? Se as relações do trabalho com o capital se tornassem favoraveis ao operario desde que as tarifas impedissem a concurrencia de productos estrangeiros, não seria preciso pedir o melhoramento d'aquellas em nome de considera-

ções mais elevadas que a lei dos salarios. A razão e a historia provam que o problema de taes relações não póde ser bem resolvido nem pela liberdade de commercio, nem pelo proteccionismo: as luctas do operariato rebentam em todos os centros industriaes, qualquer que seja a legislação aduaneira. Apesar de tantos elogios ao proteccionismo como defensor dos trabalhadores (tantas vezes esquecidos *de facto* quando se elevam direitos aduaneiros), elle não póde provar que as tarifas de fortes taxas tenham contribuido para erguer e conservar mais elevada a remuneração dos operarios, do que sob o regimen contrario.

Se a escóla liberal não póde render-se aos argumentos de seus adversarios, não defende, porém, e já o vimos, a incondicionalmente rapida diminuição ou extincção dos direitos aduaneiros; nem sequer, em nosso entender, póde affirmar que ás vezes não seja até necessario o eleval-os. Tudo depende das condições especiaes de cada industria; ha de ser o exame d'ellas a base indispensavel da deliberação. Um direito levianamente abatido póde causar enormes damnos, quer ás respectivas manufacturas, quer aos ramos de labor com que ella se relacionava; ainda quando tivesse acaso sido um erro o plantal-o, não se ha de condemnar á morte só por isso. Um direito que hontem era bastante ou até demasiado, póde hoje ser insufficiente. Um direito indevidamente conservado, póde ser a manutenção de um monopolio de facto, a causa de uma iniqua distribuição de riquezas, e até o indevido favor a productores estrangeiros com revoltante prejuizo do trabalho nacional.

Rodrigues de Freitas.

DESTINOS POLITICOS

DO BRAZIL

No momento actual são muitas as questões discutidas na politica do Brazil. Todas se resumem e se entrelaçam nos dois pontos simultaneos d'esta dupla interrogação: Continuará a existir a monarchia? Continuará a existir unido o Brazil?

Estas duas interrogações exprimem n'aquelle paiz a questão republicana e a questão federativa. Ellas não podem ser separadas, porque ambas revelam a duvida em que parecem postas a fórma do governo e a unidade da nação. A republica e fragmentação do paiz são, aos olhos de uns, hypotheses inseparaveis, ligadas como o effeito está ligado á causa; dizer monarchia, na opinião de outros, é dizer unidade nacional.

D'ahi um debate apaixonado acompanhando os incidentes diarios de uma crise grave, fatal mesmo, se a inconsistencia do moderno caracter latino, em terra tropical, não désse garantia de que, por qualquer modo, com uma solução qualquer, ou talvez sem ella, tudo acabará em completa calma, por falta de persistencia nervosa na massa da população brazileira e nas classes capazes de dirigil-a.

O momento de agora é psychologico na vida da nação brazileira. N'uma raça em que as impressões são tão promptas quanto superficiaes, embora as reacções sejam tão lentas, como

na raça brazileira, esse momento é muito breve. O *dilettante* e o psychologo não têm tempo a perder para observar o organismo em crise, recolligir as antecedentes, registrar os symptomas e então exercer a mais tentadora faculdade do espirito, a de ir ao encontro do futuro, a de tentar satisfazer a tão natural impaciencia do conhecimento do que vai haver ámanhã, depois, e ainda mais tarde. Prognostiear é tanto officio de medico como prazer de todos; e quem não é um pouco medico n'este mundo?

No caso do Brazil, a psychologia social é obscura e por isso interessante. Dizer o pensamento nacional é querer talvez entrar nos dominios da adivinhação, a menos que, desnorteado com as pretendidas e contrarias expressões d'esse pensamento, o observador não comece por negar, no cerebro do paiz, a existencia de todo e qualquer pensamento. Se admittirmos que as questões mais graves são as mais discutidas, veremos no Brazil nas phrases ditas e escriptas, dois vocabulos mais repetidos do que os outros; são elles: republica e federação. As phrases acompanham actos de verdadeira agitação. Até que ponto exprimem as palavras da imprensa e os conceitos dos politicos a verdade das coisas brazileiras no presente? Estão com effeito imminentes as mudanças que uns apregôam e annunciam e outros temem e reprovam?

Estas perguntas ficarão talvez respondidas para quem conseguir avaliar as forças activas de destruição e as forças resistentes de conservação da sociedade brazileira actual, e para quem puder verificar se ella tem, não só vitalidade immanente e sufficiente para conservar-se, como tambem energia bastante para progredir.

I

A idéa republicana é a fórma mais apparente das tendencias que chamaremos destructivas, ou antes, é a idéa que, por necessidade de momento, resume em si todas as idéas de des-

truição. Para estudal-a é preciso conhecer os seus partidarios e estudar o seu fundamento na logica da historia brazileira.

Ha mais de sessenta annos o Brazil recebeu um systema de governo complexo e adeantado, ao qual não se havia o paiz amoldado pela adaptação lenta do seu desenvolvimento historico. Este é o facto culminante da existencia politica do Brazil, a anomalia inicial a que se prendem, mais ou menos, todas as inconsequencias da vida politica da nação. Desde a independencia houve immensa desproporção entre o estado da civilisação nacional e as aperfeiçoadas instituïções dadas ao paiz. Emquanto o papel dos europeus d'aquelle tempo era o de crear governos bastante liberaes para a civilisação do povo, na America do Sul, a missão quasi impossivel dos directores das novas sociedades politicas foi a de crear povos na altura das instituições livres, organisadas de proposito e applicadas na occasião.

Quem estudar a historia do Brazil independente verá a desproporção entre a civilisação real do paiz e o adeantamento das suas instituições originando um desequilibrio sensivel ainda hoje. Os algarismos demonstram que nenhum paiz dotado de um governo livre apresenta tão grande numero de qualidades moralmente negativas quantos são no Brazil os analphabetos, os rusticos isolados no interior e os representantes das raças inferiores ainda não extinctas ou annulladas pela absorpção na raça civilisada. Uma prova mais forte do que a das estatisticas temos no facto de ter sido a sociedade brazileira a que por mais tempo foi compativel com a escravidão, só por ultimo abolida, ha apenas um anno. Por mais terreno que a civilisação possa ter ganho no Imperio, não se póde pretender sériamente que o seu desenvolvimento tenha sido tal que o Brazil não possa mais supportar a monarchia constitucional representativa e sinta-se hoje acanhado dentro de uma fórma de governo com a qual se contenta a alta cultura de tantos povos. É isto comtudo o que pretende a opinião republicana brazileira.

Sustenta esta opinião que a republica é o regimen unico compativel com o grau maximo da civilisação de um povo. A existencia das monarchias do velho mundo não é levada em

conta e a Inglaterra, a Allemanha, o resto da Europa com excepção da França actual e da Suissa são talvez nações de civilisação inferior. Dizem mais os republicanos brazileiros que o seu paiz, fazendo parte d'um continente politicamente dividido em muitas republicas, deve adoptar a fórma republicana. É uma theoria de pura symetria geographica applicada ás instituições. Adoptada ella no velho mundo, veriamos os Suissos rereclamando a monarchia, a bem da uniformidade continental. Esse espirito de uniformisação politica em vista d'um accidente geographico, esquece que os Brazileiros, distinguindo-se dos outros americanos inglezes e hespanhoes, na origem e na lingua bem podem tambem distinguir-se d'elles pelo modo de governo. A leitura de todos os manifestos, circulares, discursos e outros documentos republicanos brazileiros não revela outras razões allegadas. Todas resumem-se nos argumentos da republica, fórma adeantada de governo e na americanisação do paiz; nenhuma outra idéa descobre-se no estudo da agitação republicana.

O povo é estranho ao movimento e se elle vier a agitar-se, é de temer que seja n'um desvario inconsciente. Esta inacção, esta não interferencia do povo verdadeiro, das grandes camadas da população brazileira nos acontecimentos publicos é sempre observada. Um pintor brazileiro, Pedro Americo, no seu grande quadro *A Proclamação da Independencia do Brazil*, retraçou o facto com toda a verdade e toda a philosophia. Vê-se n'essa pintura o Principe Regente, a cavallo, de espada desembainhada, cercado da sua guarda de honra, dos gentis-homens da sua camara, de varios capitães-móres e de officiaes de ordenanças. Os couracciros, os officiaes, os da côrte brandem as espadas ou agitam os chapéos e no quadro ha a vida admiravel d'aquelle momento historico. A um canto, um homem de côr guiando um carro, arreda os seus bois da estrada e olha admirado para o grupo militar; ao longe, destacando-se no fundo illuminado d'uma tarde que cae sobre a paizagem melancolica, um homem do campo, um *caipira* retem o passo á cavalgadura e voltando tranquillamente o rosto vê, de longe, a scena que não comprehende. Esses dois homens são o povo

brazileiro, o povo real, a maioria da população que não participou da independencia e muito menos toma parte na agitação republicana promovida em nome d'elle.

O que se está chamando no Brazil o movimento republicano é um movimento de descontentes, todos formando minoria na classe dos privilegiados possuidores da terra ou dos individuos a quem couberam parcellas de instrucção superior — homens feudaes ou homens de penna — collocados acima do pobre e do illetrado. O descontente politico é mais vezes um mau fermento nas sociedades do que um factor de progresso ou um operario de regeneração. Nos paizes quentes e sem uma elevada organisação moral, é um bilioso não refreado pela educação, sem a nobre faculdade de respeitar, degradado na selvageria de linguagem porque lhe faltam musculos para manifestações mais viris d'uma coragem em que não foi creado. A organisação social brazileira, baseada na escravidão, a incompleta e artificial apparencia de educação que a classe dirigente póde receber, multiplicaram no paiz o numero dos desclassificados de todo o genero, descontentes por fatalidade, entre os quaes figura em primeira linha o bacharel, quasi sempre verboso, sabendo mais ou menos umas regras abstractas, ignorando o resto, pobre, sem educação e de má saude.

Os bachareis constituem quasi que exclusivamente a classe dos politicos. Ora a politica vem a ser, em toda a parte, mais ou menos, a arte de ganhar eleições e de obter empregos. No Brazil, o caso aggrava-se porque a deficiente organisação social e economica não dá ás actividades as occasiões de successo normalmente possiveis no commercio, nas industrias e nas artes. D'ahi resulta a procura de empregos publicos, por mais que estes se tenham multiplicado, augmentando sempre, e os assumptos referentes ao Estado, isto é, eleições, cargos, etc. etc., justo objecto da attenção de todos os cidadãos, mas não negocio de classe alguma, transformados no fito unico, no meio de vida da grande maioria dos brazileiros sabendo lêr e escrever, divididos em dois partidos, o dos que estão nos empregos e o dos que estão fóra d'elles, como se diz nos Estados-Unidos, os *in* e os

out. Este systema póde funccionar sem grandes riscos, commentado apenas pelas lamentações dos idealistas, exprobrando aos partidos a sua falta de principios, ao passo que estes, de accôrdo com a civilisação da sociedade de que são naturaes representantes, vão desempenhando alternadamente a missão de governar o paiz e de provêr-lhe ás necessidades successivas. Não acontece porém assim no Brazil, onde até hoje, desde a adopção das formulas do systema parlamentar representativo, nenhum partido conseguiu o poder ganhando uma eleição. Em todos os outros paizes da America, com excepção do Canadá e dos Estados-Unidos, onde aliás dois chefes d'estado foram assassinados e um installado pela fraude, póde-se dizer que acontece o mesmo. Em todas as republicas hespanholas, até hoje, nenhum partido ainda obteve o poder pelo voto eleitoral. O partido no governo ainda foi supplantado senão por meio de uma revolução.

Como cahem e sobem os partidos no Brazil? Não é pela derrota ou pela victoria eleitoral, e quarenta e tantos annos de continua paz interna mostram que não é tambem pela violencia das revoluções. Nos paizes em que o ganhar uma eleição geral é para o vencedor a conquista do poder, o vencido não tem de quem se queixar; não lhe resta senão appellar pacificamente do povo para o povo melhor informado, na primeira eleição futura. Nos paizes americanos onde a sorte das revoluções decide do poder, os vencidos de hoje, aniquilados, não perturbam o paiz ou, contidos pela força, esperam o ensejo de uma revolução que os faça vencedores ámanhã. No Brazil, o systema é mais simples. O Imperador designa o partido que tem de estar a governar o paiz até o mesmo Imperador dar de novo esse agradavel encargo ao partido adverso. Até hoje, apesar das leis eleitoraes as mais livres, de todos os protestos dos patriotas, ainda não foi possivel a victoria eleitoral da opposição, ás vezes até completamente excluida da camara dos deputados. A força das coisas e a fraqueza dos homens, mais do que a vontade do soberano, entregaram ao Imperador a missão singular e perigosa de fazer de opinião publica, desde que esta não existe

ou não se póde manifestar nas eleições. Esta anomalia persistente desde o começo do longo reinado do Senhor D. Pedro II, tem poupado ao paiz as revoluções que podem ser crises passageiras de organismos jovens e sãos, mas em vez d'ellas, no meio da tranquillidade brazileira, tem originado males, uns latentes e outros visiveis, comparaveis ás feridas pallidas, sem dôr, nunca cicatrizadas, porque se alimentam de caries profundas.

Os partidos estão convencidos da inutilidade de todos os seus esforços pela conquista do poder, se em soccorro d'elles não vier a intervenção imperial. D'ahi resultam a fraqueza das opposições, a insolencia dos governos e a situação falsa e desmoralisada dos chefes politicos, dependendo directamente, não do corpo eleitoral, mas do Imperador, eixo unico do Estado, em torno do qual gira toda a machina da vasta monarchia brazileira.

Esta tem sido a força e a fraqueza do governo monarchico no Brazil. Nos primeiros tempos do Imperio o facto era inevitavel. A ventura do Brazil tendo por monarcha um homem bom, contribuiu muito para a felicidade da nação. O mal está em não se haver o povo educado na época propria, está no habito contrahido. O que podia ser tolerado como uma excepção temporaria no systema de governo, tornou-se a essencia do mesmo governo. Os homens mais eminentes do Brazil têm attribuido sem razão a permanencia d'esta monstruosidade constitucional ao Imperador, quando é evidente que elle só não póde transformar n'um povo livre um eleitorado, cuja maioria vota sempre com o governo. Muito menos póde o Imperador, sem a cumplicidade dos politicos, manter a sua exprobrada omnipotencia.

A culpa não cabe ao Imperador; é incrivel que elle possa desconhecer quando perde a monarchia com ter sempre de intervir na attribuição do poder ora a um ora a outro partido. De nada ou de pouco lhe vale a irresponsabilidade constitucional diante dos perigos de uma indeclinavel responsabilidade moral. O partido despedido do poder pelo Imperador não se queixa dos adversarios nem de si mesmo, queixa-se do Imperador. O

empregado que perde o seu emprego, o politico que deixa a posição official é fatalmente levado a dizer mal d'aquelle por quem o mal lhe veio. Tantas vezes quantas o Imperador tem tirado um partido do poder, tantas tem levantado contra si os clamores dos decahidos sem conquistar a gratidão dos favorecidos no momento.

Hoje, no fim de tantos annos de reinado, o Soberano do Brazil poderá verificar que não existe um politico brazileiro de algum valor, que na sua esphera grande ou pequena não tenha mais ou menos atacado o Imperador. Se o individuo fosse mau, o caso seria menos grave e mais natural. O Imperador porém, é innegavelmente bom aos olhos de todo homem justo e isto faz com que haja quem queira concluir d'ahi que o mal não vem do homem mas da instituição, não é devido ao Senhor D. Pedro II, mas á monarchia. Cada vez que se dá uma mudança de politica, uma parte da nação torna-se descontente. São descontentes temporarios, até á chamada ao poder do partido decahido. Esta situação tem dado em resultado a perda do respeito pelo throno e contribuido para a diminuição de todo respeito social em geral. As ultimas mudanças politicas têm sido assignaladas por explosões de descontentamento, ainda mais violentas do que as anteriores. Alguns dos descontentes declaram-se taes para sempre e de verdade e a fórma d'este descontentamento (que a experiencia mostra não ser sempre incuravel) é, por ora, no Brazil — o republicanismo.

Em 1888 e 1889 esta expressão ultima e suprema de descontentamento tornou-se mais commum, e quem o diria? porque a escravidão teve de ser abolida. Nos Estados-Unidos, em situação identica, a existencia da nação correu risco gravissimo. No Brazil ha quem pense que a monarchia está ameaçada por ter annuido á extincção da escravatura. Verdade é que, ha pouco tempo, outros affirmavam que o throno ia cahir porque tolerava a escravidão.

O bacharel, a entidade fallante e escrevente no meio brazileiro, nem sempre póde ser empregado, nem sempre póde tirar lucros da vida de advogado. Póde, porém, sempre, ser re-

publicano, isto é, fallar ao povo em nome d'elle povo, sem que este o ouça ou o tenha nomeado seu representante. O romance nacional e o theatro ainda não crearam o typo, mas elle, sob os seus aspectos tropicaes, isto é, mais exuberante, é um mixto do Julião de Eça de Queiroz e do Homais de Flaubert. Até pouco tempo, junto da classe dos proprietarios territoriaes, o bacharel occupava uma posição de real inferioridade. Para o fazendeiro rico e vaidoso, o bacharel realmente habil ou com facilidades de successo na politica, podia ser um genro acceitavel, na falta de um filho, educado tambem para bacharel. Era um commensal protegido, um assalariado de certa ordem, consultor nos casos eleitoraes, nos apuros das dividas e das hypothecas difficeis e, nas festas domesticas, o orador dos brindes n'outro tempo soluçantes de lyrismo, hoje modernisados com os vocabulos do positivismo, corrente já nos remotos confins das provincias. O altruismo e a evolução em vez das brizas e dos lirios.

Demais, o bacharel, hoje, é chamado a outros feitos. Muitos dos antigos proprietarios de escravos, devedores insolvaveis dos bancos e dos capitalistas, condição que já muito os dispunha para o papel de descontentes, injuriam a monarchia pelo crime imperdoavel de haver presidido á liberdade dos escravos. O bacharel é o porta-voz do escravista despeitado. A vingança de um quer ser servida pela ambição de outro. Um quer destruir a monarchia que lhe tirou o negro, outro, parasita social improductivo, cliente devendo obediencia ao patrono, verdadeiro escravo a quem não aproveitou a abolição, escravo sabendo grammatica e entendendo da lei, como os tinham os grandes romanos, esse bacharel, sicario movido do odio alheio, quer tirar proveito de alguma coisa nova que surja no Estado. Por traz do orador, do jornalista, está muitas vezes o antigo e impenitente senhor de escravos transformado em apostolo de todas as liberdades, excepto da do negro. Quem quizer ter uma idéa do que, ao serviço do ex-senhor, póde produzir o bacharelismo agricola, deve lêr os manifestos com que, em linguagem grandiloqua, com uma adjectivação pedantesca e uns conceitos historiados, uns fazendeiros de uma parochia do interior de Mi-

naes Geraes, têm vindo adherir á republica, nas columnas pagas dos jornaes do Rio de Janeiro. Não se encontra ahi a simplicidade da convicção nem a seriedade de um acto de patriotismo. Não fallavam assim os republicanos da America em 1776 quando se revoltavam contra o rei de Inglaterra e combatiam contra as suas tropas. Os republicanos hespanhoes, com o cavalheirismo que é a gloria da sua nação, não atacam uma rainha, mãi de um rei-criança. Estes exemplos são desprezados pelos republicanos brazileiros e pobre é a idéa que da civilisação brazileira dariam os libellos republicanos se elles fossem bastante litterarios para serem conhecidos fóra do circulo em que apparecem. A imprensa tem no Brazil uma influencia muito superior ao seu merecimento. Ella divulga esses documentos estimulantes da rhetorica latente de centenares de individuos dominados da paixão da publicidade, sentimento equivalente nos paizes novos ao amor das côres vivas e dos ornatos brilhantes, caracteristico do selvagem.

Será comtudo temerario affirmar que a agitação republicana não é capaz de chegar a seus fins, apesar dos convencidos, dos homens de valor e de caracter, que são republicanos, não poderem guiar os seus correligionarios porque os irresponsaveis e os mais audazes são os chefes reaes do movimento. N'um paiz indisciplinado em que tudo é flaccido e desaggregado, qualquer agitação prolonga-se em ondulações até aos extremos. Um corpo solido póde não se alterar com o movimento recebido, o liquido reproduz a minima oscillação e só com o repouso volta a seu nivel. O Brazil é na realidade um paiz indisciplinado. Como Portugal, elle foi formado socialmente debaixo da disciplina da Egreja e teve dois seculos do ensino dos jesuitas. A Egreja perdeu a sua auctoridade, os jesuitas desappareceram e ninguem os substituiu. Os paizes da Europa têm a força das tradições; a Inglaterra a disciplina do puritanismo, regendo tambem pelo seu prestigio a grande communidade norte-americana; a Allemanha achou na disciplina militar o correctivo da destruição de auctoridades feita pelos seus philosophos. No Brazil nada d'isso existe. A escravidão tornou a idéa e o senti-

mento do dever social da obediencia coisas humilhantes e repulsivas.

A educação não suppre o pouco prestigio das auctoridades e a instrucção desegual e falseada não dá á classe dirigente um criterio seguro. Por uma anomalia singular, o ensino official é quasi sempre republicano. Nas escólas superiores faz-se politica republicana na aula de chimica; ha medicos, ha parteiros que leccionam republica de envolta com as materias do ensino. E o ensino entendido assim é mais facil para os alumnos e principalmente para o mestre nunca indifferente á popularidade que as suas idéas e mais ainda o seu pouco rigor criam-lhe entre os discipulos.

Entre os politicos, passam como dogmas novos erros antigos a respeito de certos paizes estrangeiros, sempre citados e nunca imitados. Uma das forças do republicanismo é a ignorancia em que vive o publico brazileiro da historia das republicas hispano-americanas e do que hoje se vai passando n'aquelles paizes. Mais longe, praticamente, d'estes visinhos a quem por uma falsa e artificial solidariedade se quer imitar, do que das nações da Europa mais civilisadas, sem relações commerciaes com elles, sem conhecimento das suas individualidades e das suas coisas publicas, sem lêr os seus jornaes, sem ouvir as suas queixas, o politico brazileiro não tira lição alguma da experiencia d'aquellas republicas. E como no Brazil muitos dos homens que têm sido chefes de governo, ou por scepticismo, por fadiga do clima ou desanimo, chegam a ter horror á leitura e ao estudo, o que entre o povo lhes dá ainda mais reputação de talento e em certo circulo é até um attestado de seriedade, não é coisa admiravel que as mais arriscadas affirmações republicanas possam passar sem exame.

O que temos dito mostra apenas a acção moral do partido republicano. É preciso não esquecer o seu meio de acção material. Tem elle consistido até hoje nas intrigas militares. Os republicanos, desejando mudar a fórma do governo do paiz porque a monarchia não é bastante liberal, e desejando restaurar a liberdade politica pensam assegural-a por meio de uma

insurreição militar. Os restauradores da dignidade civica dos cidadãos acceitam a republica nascida da indisciplina dos quarteis. Esta indisciplina é todos os dias insufflada á tropa pelos jornaes republicanos; qualquer official pouco respeitoso dos seus superiores é incensado e engrandecido; qualquer velleidade de caudilhismo manifestada por um general ignorante é logo afagada e um simples sargento, desde que é insubordinado é logo um heroe com que a causa republicana póde e deve contar. É facil avaliar o perigo para a civilisação brazileira d'um conflicto entre a tropa e o regimen legal. Seria para o Brazil uma decadencia moral incalculavel, um retrocesso de meio seculo e a perda do conceito honroso de que elle goza no mundo quando comparado ás republicas militares da America hespanhola.

Temos indicado as probabilidades de successo com que a causa republicana póde talvez contar no Brazil. As forças d'essa causa correspondem a grandes fraquezas nacionaes. A indisciplina geral, a artificialidade da educação, a organisação ainda cahotica da economia social e a insubordinação do exercito são os grandes elementos da esperança republicana e os fundamentos da sonhada e nova ordem de coisas.

Um traço final e este bem caracteristico é a legenda acreditada no Brazil do Imperador ser republicano. A palavra republicano exprime popularmente no Brazil toda opposição á elegancia e ao luxo. A simplicidade de vida do Imperador, simplicidade que toca ás raias da philosophia menos preoccupada das fórmas, uma democratisação de attitude social levada ao extremo, tem dado apparencias materiaes de verdade a essa legenda talvez confirmada por algum dito tão espirituoso quão pouco sincero e mais de litterato que de rei. Humanitario systematico como toda a geração do tempo da sua mocidade, ao Imperador talvez repugne a repressão material de uma tentativa revolucionaria. Uma vez o seu throno em perigo, é possivel que elle profira as palavras do rei Juba no *Catão* de Garrett:

..... Nasci, amigo,
No throno; mas se o throno ha de custar-me
Uma só violencia, um só gemido,
..... — abjuro o throno.

ACTO III, SCENA VII.

Esta crença na extrema abnegação do Imperador deve contrariar aos que sustentam a monarchia não pela dynastia mas para o bem do paiz. Ella é, no emtanto, uma das esperanças dos republicanos.

E quando e como se poderão realisar essas esperanças? Vimos como é fraca a força de resistencia do que existe. É tal a inconsistencia dos elementos conservadores mas de outro lado é tão artificial e desnecessaria a agitação republicana, que, por certo, não errará quem disser que a republica, possivel de um dia para outro, poderá nunca vir a ser uma realidade brazileira.

A republica tem a vantagem de ser um governo contra quem pessoa alguma no Brazil tem queixas pela simples razão de que esse governo ainda não começou.

A monarchia brazileira tem o merito e na pratica o melhor titulo dos governos, isto é, o de já existir. N'uma época em que a paz e a estabilidade são a ambição de todos os paizes, n'um tempo de reacção universal contra o absoluto dos principios em favor da relatividade das conveniencias, quando a unidade nacional e a ordem publica já tem uma tradição monarchica no paiz, é possivel que o throno seja salvo por um ultimo, instinctivo e invencivel sentimento de conservação social que poderá se fazer sentir no momento decisivo. Haverá talvez a consciencia incerta de que, quando morre n'um paiz uma fórma de governo, a nação póde soffrer uma morte temporaria, ás vezes precursora da desorganisação final.

Ora, as nações morrem, dividem-se ou se esterilisam por falta de ideal ou de uma missão historica. Os exemplos não faltam; o povo que já não tem uma missão a desempenhar, desapparece ou immobilisa-se.

Qual a missão que a historia e a fortuna destinaram ao

Brazil? Em relação aos povos da America hespanhola e meridional, ao Brazil cabe o destino de ser predominante na vertente atlantica do continente como o Chile será e já é hoje soberano do lado do Pacifico, ao passo que os outros povos hespanhoes da America terão de ser arrebatados no circulo de attracção dos Estados-Unidos e que a Republica Argentina, em sua prosperidade, terá um grande desenvolvimento dentro dos seus limites mediterraneos. Em relação a si mesmo e ás populações da Europa a que se impõe a necessidade fatal da emigração, o destino do Brazil, o ideal da sua nacionalidade é o do rapido povoamento do territorio, o da utilisação immediata dos recursos naturaes e da creação de um grande meio para as gerações futuras.

Pelo lado internacional, a missão do Brazil tem sido desempenhada pelo Imperio com mais acerto e unidade de acção, apesar de fraquezas e inconsequencias innegaveis, do que poderia têl-o sido pela republica. A diplomacia exige estabilidade, resolução, e pensamento não interrompido, da parte dos governos. Nada nos poderá levar a crêr que o Brazil republica teria sido mais feliz do que os povos republicanos seus visinhos que, desilludidos e lamentando os erros dos seus governantes, attribuem sempre á diplomacia brazileira um atilamento, uma energia e uma superioridade, bem longe, ás vezes, da realidade.

O problema interno do destino brazileiro formulado como um *desideratum* de grandeza fundada n'uma população civilisada e forte, prosperando pelos recursos utilisados de um vasto territorio, ainda está longe da sua solução. Um espirito superficial seria capaz de desanimar ao seguir a lentidão do desenvolvimento do Brazil através de quasi quatro longos seculos decorridos depois da descoberta. Só pelas grandes qualidades colonisadoras dos portuguezes, pela fecundidade das suas allianças com a raça indigena que elles tiveram de subjugar a força de coragem e valentia, é que o Brazil poude ser feito, apesar de todos os erros do governo de Portugal. Os descendentes dos Portuguezes têm progredido desde que lhes coube a

responsabilidade da direcção da nacionalidade, tal qual ella existia já em 1822, isto é, unificada pela origem, pela lingua e pela religião, pela invencivel força das coisas, apesar das divisões politicas do territorio, capitanias ou provincias, datando de tres seculos. Os Brazileiros têm ganho por certo em civilisação, mas comparado a outros paizes novos, mais novos do que elle, o Brazil é um retardatario. A consciencia d'este atrazo nacional é revelada pela preoccupação dos patriotas esclarecidos, e com mais ou menos propriedade, pela imprensa e pelo parlamento, orgãos admittidos da critica social. As causas de raça e de educação não são discutidas quando se aponta o mal e esquecem todos que ainda perduram os effeitos da grande causa de infecção nacional — a escravidão. Recuando deante do irremediavel ou desanimando com a idéa de uma reforma nacional de costumes, superior ás suas forças, erguem-se os representantes espontaneos da opinião publica, pedindo o impossivel ou pelo menos o difficil ou sejam novas instituições ou mudanças nas existentes, em todo o caso apenas alterações em effeitos de causas permanentes. Já vimos que uns pedem a republica. Outros pedem mais liberdades provinciaes.

II

Embora estas reformas sejam de caracter secundario como são afinal todas as reformas politicas que de pouco valem sem a reforma primaria dos costumes, os brazileiros que fallam em nome das provincias partem de um principio verdadeiro e têm em seu favor a experiencia. Essa experiencia demonstra que na vastidão do territorio brazileiro onde são tão diversas as necessidades de regiões distantes, é impossivel ao governo central o governar com acerto, sendo inevitaveis o desconhecimento das provincias e o sacrificio dos interesses regionaes.

O regimen colonial não poude furtar-se á necessidade da creação de poderes parciaes no territorio. As divisões estabelecidas originaram historicamente as provincias brazileiras, man-

tidas pelo Imperio e fortalecidas pelo accrescimo do poder provincial. A independencia do paiz tornou-se real só pela adhesão successiva de cada uma das provincias, verdadeiro acto de soberania effectiva e acto creador de direitos, praticado pelas provincias ao iniciar-se a nova ordem politica. Por esse facto capital a existencia das provincias foi definitivamente consagrada e o paiz escapou ás consequencias do erro revolucionario, da imitação franceza do retalhamento do territorio, da uniformidade artificial, causas em França da quebra das tradições da nação e dos dois grandes males modernos d'aquelle paiz, a morte da vida provincial e a omnipotencia parisiense. Os adeptos das idéas francezas, tão fataes á administração no Brazil, contemplando na carta imperfeita as desegualdades da divisão politica do paiz, lendo nas vagas e atrazadissimas estatisticas officiaes provas de grandes differenças entre as provincias, quanto á população, ao commercio e á producção, lamentam por certo a apparente heterogeneidade nacional. Os norte-americanos, menos theoristas, accommodam-se com as desegualdades geographicas, economicas e demographicas dos estados da União e não vêem inconveniente nas mil milhas de superficie de Rhode-Island e nas 262,000 do Texas, nos 62,000 habitantes de Nevada e nos 5.000,000 de New-York. Nas suas linhas geraes, as provincias brazileiras têm a sua indestructivel razão de ser historica, e a coexistencia d'ellas com vida propria, mais ou menos autonomica, é a causa mais forte da unidade do Brazil.

O paiz póde ser comparado ao corpo humano. Se o esqueleto do homem fosse inteiriço, desprovido de articulações flexiveis, seria tambem incapaz de resistir ás pressões exteriores, ao esforço do individuo e ao menor choque elle se partiria. As provincias representam os differentes ossos, uns menores, outros maiores, com destinos differentes, tendo livres e não ankylosadas como n'um corpo doente, as suas francas articulações sem as quaes não haveria vida possivel no organismo, nem o movimento que, nas nações, chama-se progresso. Fortalecer o organismo nacional robustecendo as articulações, dando liberdade ás provincias, não é destruir a unidade do Imperio, é hygiene

politica e social, é dar á vida do paiz plenitude, inteireza, vigor e duração. Sómente a politica que assim entender o seu dever merecerá o nome de conservadora.

Considerada theoricamente, isto é, segundo as leis organicas brazileiras, a provincia tem uma largueza tal de attribuições que um estrangeiro, enganado pela apparencia, poderá chamar o Brazil uma monarchia federativa. A provincia, ao contrario do estado norte-americano e do cantão suisso não tem limite quanto ao numero de força publica policial e permanente que póde arregimentar, percebe direitos de exportação e faz frequentes invasões nas attribuições fiscaes do governo geral. Ella legisla soberanamente sobre instrucção primaria e secundaria, sobre a divisão judiciaria e ecclesiastica, decreta impostos sobre materias já tributadas pelo governo geral, e, nos ultimos tempos da escravidão, duas provincias sustentadas pela opinião nacional, conseguiram não ser estorvadas no seu proposito de, por meios indirectos porém efficazes, abolir a propriedade servil no seu territorio. Ao passo que as novas constituições dos estados da União americana, conformando-se á força da opinião corrente, prohibem aos governos dos estados o levantamento de emprestimos de qualquer natureza, os commettimentos industriaes ou financeiros, a garantia de juros a estradas de ferro ou a bancos, as provincias do Brazil podem levantar e tem levantado emprestimos internos e externos, sem mais limites do que o seu credito ainda novo, e garantido juros, dado subvenções a estradas de ferro, a bancos, a estabelecimentos industriaes, a companhias de vapores.

A provincia brazileira, na apparencia, não necessita de mais liberdades e franquezas. Da pratica diaria da vida das provincias nenhum brazileiro póde tirar com sinceridade esta conclusão. O regimen actual das franquezas provinciaes é inefficaz pela falta de recursos, pelo atrazo, pela pobreza de algumas provincias quando não é essencialmente falseado na applicação. Nas provincias, investido de grandes attribuições, está o presidente que o governo geral nomeia e demitte livremente, sempre um partidario activo, passando rapidamente pela admi-

nistração sem que lhe chegue o tempo para conhecer o serviço publico e as condições da provincia a que é quasi sempre estranho. A experiencia mostra que um presidente, apoiado pelo governo que o nomeou, póde administrar despoticamente uma provincia contra a opinião publica, contra a assembléa provincial. A responsabilidade do presidente da provincia como a dos ministros é letra morta no Brazil. O poder do ministerio não tem outro limite real além da vontade do Imperador; o poder do presidente não tem outro correctivo pratico além da vontade do ministerio. Se o parlamento resiste ao ministerio, o Imperador concede a este a dissolução da camara dos deputados e o ministerio faz eleger uma camara obediente. Como o Imperador não é homem de partido o arbitrio ministerial é mais ou menos contido ou punido de surpreza por uma demissão. Os ministros porém são partidarios, sustentam até o fim os seus presidentes e dão a estes as facilidades de um dominio illimitado.

As provincias mais civilisadas e dispondo de recursos utilisaveis nos seus melhoramentos vêem muitas vezes a sua energia tornada infructifera e a sua boa vontade contrariada. Os homens esclarecidos d'essas provincias, tendo n'ellas interesses reaes, são patriotas do unico patriotismo sincero e capaz de grandes coisas, o que vae do particular para o geral; elles amam primeiro o logar e a região onde vivem, amor que dá corpo ao sentimento da nacionalidade em vez de enfraquecel-o, como o amor do Suisso pelo seu cantão, do Americano pelo seu estado não impede o ardente patriotismo d'estes dois povos. O politico, habitante do Rio de Janeiro, desprendido dos interesses provinciaes, exercendo alternadamente no governo ou fóra d'elle o agradavel encargo de governar ou a tarefa enervante de censurar os que governam, esse naturalmente julga intempestivas as exigencias das provincias reclamando uma reforma, coagindo a rotina parlamentar a um esforço de trabalho e a inacção ministerial a dar passos para deante. O atrazo incontestavel do Brazil, a muitos respeitos, prova que o governo central não tem sabido nem podido cumprir a sua missão. É ver-

dade que ha provincias incapazes de fazer muito por si mesmas, mas será isto razão para prender outras mais favorecidas da sorte e mais adeantadas? As provincias de pouca população, de recursos mingoados e de civilisação incipiente julgadas ainda não preparadas para mais liberdade, poderão conservar temporariamente a sua organisação actual tendo na communhão brazileira o mesmo papel dos Territorios dos Estados-Unidos.

Não é difficil organisar uma lista de factos provando que muitas vezes os bons desejos e o espirito progressivo das provincias têm sido contrariados e annullados pelo poder central. Ainda na questão da abolição da escravatura e da organisação do trabalho se fez sentir esta acção perniciosa. Em 1872 a assembléa provincial do Rio de Janeiro promulgou leis auctorisando a construcção de engenhos centraes e a introducção de 12,000 immigrantes. Os presidentes da provincia, representantes do governo geral impediram a execução d'essas leis. Mais tarde S. Paulo, temendo a agglomeração de escravos no seu territorio votou impostos sobre a entrada d'elles e os presidentes, por todos os meios contrariaram e protelaram a execução da medida aggravando muito as difficuldades da provincia. A assembléa provincial de Minas votou ha pouco uma série de medidas favoraveis á immigração e o presidente impediu a execução de todas ellas. É indeclinavel alterar um systema que dá taes resultados. Deixar as provincias com as suas liberdades theoricas, querer governal-as de mais a pretexto de salvar a unidade do Imperio é aggravar descontentamentos já bem visiveis, é preparar talvez o desmembramento do paiz.

É difficil a tarefa de reorganisar os poderes provinciaes. Ha exagerações perigosas, ha temores capazes de peiar o espirito reformador e de esterilisar todos os esforços. A autonomia provincial não deve ser a autonomia aliás apenas theorica das provincias da Republica Argentina. Apesar das circumstancias e da civilisação do Brazil serem outras que não eram as d'aquelle paiz quando adoptou a fórma federativa, apesar do regimen provincial em vigor ter já constituido um aprendizado

de autonomia, os legisladores brazileiros devem ter muito em vista a historia argentina. Só uma verdadeira predestinação historica para a unidade salvou aquelle paiz no fim de cincoenta annos de dissensões armadas e de luctas entre as provincias. Se o governo do Brazil fosse o politico machiavelico que os Argentinos suppõe, essa unidade hoje não existiria e pelo menos duas provincias argentinas teriam proclamado a sua independencia, tantas têm sido as propostas, sempre desattendidas, que o governo imperial tem recebido de governadores de provincias solicitando auxilios para as suas revoltas contra Buenos-Ayres. O proprio Rosas, o defensor feroz do federalismo entendido á hespanhola, quando viu derrocado o seu poder, poude vêr tambem, ao lado das tropas brazileiras, soldados argentinos commandados por dois governadores de provincias da Confederação. Mais tarde, quando os Argentinos foram alliados do Brazil contra o Paraguay, as suas forças tinham de abandonar o campo para irem impedir ou reprimir revoltas de governadores de provincias. Este periodo de caudilhismo terminou na Republica e se não é provavel vir elle jámais a principiar no Brazil, nem por isso deixa de ser uma grande lição historica. O mal argentino que o Brazil deve temer é o de dar ás provincias uma autonomia illusoria. Aos poderes provinciaes devem caber attribuições limitadas porém exercidas com toda a verdade. É preciso não continuar velhos sophismas e muito menos generalisar novos. É preciso não corromper ainda mais o caracter politico nacional erguendo instituições para falseal-as como acontece tambem na Republica Argentina, onde o estado de sitio é frequentemente proclamado nas provincias sob o nome de intervenção nacional e onde, por motivo da eleição do governador, um batalhão é mandado á provincia, supprime a liberdade do eleitorado e faz sempre vingar a vontade do Presidente da Republica.

Será preciso apontar para o Mexico, para a Colombia e para Venezuela?

As lições norte-americanas são mais animadoras. As provincias do Canadá, onde apesar do systema apontado de pe-

quenos gabinetes responsaveis com assento nas legislaturas não ter dado grandes resultados, offerecem talvez ás provincias brazileiras um typo mais attingivel. Os Estados-Unidos, onde o povo de cada Estado tem pelo seu governo particular uma dedicação só comparavel á sua lealdade para com o governo federal, offerecem um nobre exemplo que não deve comtudo induzir os Brazileiros ao erro de uma imitação servil das fórmas, erro que tanto tem custado a outros paizes latinos da America, onde as tradições de governo local não existiam e onde faltava a instrucção. As constituições dos estados da União variam, mudam rapidamente, tornam-se cada vez mais casuisticas e diffusas, envolvem a legislação toda que perde o seu caracter scientifico e, como acontecia a respeito de fallencias e ainda hoje acontece a respeito da validade dos casamentos e de outros pontos, as contradicções de estado a estado criam nas relações privadas e na ordem publica situações criticas, fataes talvez para a sociedade de um outro paiz.

Na questão da autonomia das provincias brazileiras, questão que basta existir para ter de ser resolvida sem que lhe aproveitem adiamentos ou subterfugios, o Brazil terá de contar um pouco, no meio das suas difficuldades, com a *vix medicatrix natura*, força que nos paizes novos póde bem entrar nos calculos da politica. A prudente lentidão com que se fazem reformas constitucionaes permittirá um accordo sobre as modalidades da autonomia desejada. O poder da primeira auctoridade executiva da provincia, hoje mais forte praticamente do que o do governador de Estado nos Estados-Unidos, terá de ser diminuido quer este poder lhe venha do governo central, quer lhe seja conferido por eleição. O poder legislativo provincial deverá dividir-se em dois ramos? assumirá funcções executivas? serão as leis organicas das provincias formuladas por estas dentro dos limites da constituição nacional? em vez de muitas constituições feitas pelas provincias dará a nação uma lei fundamental unica para todas ellas? Eis ahi algumas das questões que terão de ser discutidas.

Para os espiritos educados nos systemas europeus, na ad-

miração das idéas napoleonicas e na concepção romana do Estado, tudo isto é anarchia, subversão social e paradoxo.

O Brazileiro porém tal qual elle começa a se desprender da sua formação ethnographica, tem a sensibilidade da raça africana, a paciencia do indio temperando a força do Portuguez que elle mesmo é um calmo ao lado do Hespanhol. Poderão exprobrar-lhe o ser talvez incapaz de enthusiasmo prolongado, avêsso a todo o fanatismo, mas o que elle é, na verdade, é um opportunista de instincto que, ao contrario do Francez, não pretende á gloria de bater-se por uma idéa. Faltou á nação brazileira uma edade heroica; a independencia, a liberdade, ella não as conquistou na lucta e no soffrimento e o brazileiro não tem por ellas a ardente idolatria de outros povos, porque as coisas valem o preço do sacrificio que custaram. Um povo assim formado, afeito aos compromissos e ás condescendencias, tem, n'esses mesmos defeitos apparentes, verdadeiras qualidades para uma espectativa e uma conformidade que o tornam capaz de vencer com o tempo difficuldades contra as quaes outros se revoltariam inutilmente. Demais o Norte-americano, o Suisso e o Brazileiro são os unicos povos que têm clara a noção e a educação de uma dupla soberania, a soberania local do seu estado, do seu cantão ou da sua provincia, e a soberania superior da nação. É coisa que já está nos habitos do paiz. O cidadão tem já o costume da dupla obediencia que presta, sobretudo na qualidade de contribuinte, ao estado e á provincia. Dentro dos tres circulos concentricos da soberania do municipio, da provincia e da nação a actividade dos povos desenvolve-se livremente. Esta distincção, subtil para os olhos europeus, na America é noção pratica elementar; o cidadão não se considerará desobrigado para com o Estado se a sua provincia tiver uma esphera de acção mais ampla do que a actual.

Uma razão muito poderosa para não se acreditar na possibilidade da provincia erguer-se hostil contra o Estado é a identidade do pessoal que governará a provincia e que, representando-a na capital do paiz, tomará tambem parte no governo geral da nação. Como hoje acontece, aos partidos nacionaes

corresponderão nas provincias partidos provinciaes fazendo estes parte integrante d'aquelles. A provincia autonomica será governada pela influencia dos homens que hoje são seus deputados e seus senadores, e d'entre os quaes são tirados hoje os ministros de Estado. Serão estes homens que hão de erguer a sua provincia contra o centro governativo do paiz, onde elles têm um theatro mais vasto do seu valor politico, exercem funcções representativas, têm, em uma palavra, a sua parte segura de poder?

Outra apprehensão vaga, outro temor gravemente manifestado contra a autonomia provincial é que uma vez ella decretada ninguem representará nas provincias uma certa coisa indeterminada e intitulada o *pensamento politico* do governo. Esta expressão deriva tambem das idéas francezas. Os prefeitos de Napoleão III eram sempre os depositarios d'esse pensamento politico. Estudado de perto era elle apenas o pensamento de ganhar as eleições. Que mal poderá vir para o paiz da ausencia de tal pensamento no governo de uma provincia? N'um paiz em que a opposição nunca poude ganhar uma eleição geral não é preciso tomar cautelas para não enfraquecer a influencia eleitoral dos governos.

A autonomia das provincias não quebrará a unidade do Imperio porque essa unidade, fundada já na tradição historica, no facto de hontem e de hoje, na lingua, na religião, terá ainda uma garantia infallivel no exercicio reservado ao poder central de todas as grandes funcções da vida nacional.

Esse poder central será o orgão da representação exterior do paiz e, como monarchia, a fonte da honra e da graça para toda a nação. Elle terá o exercito e a marinha e deverá reerguer o prestigio d'essas duas grandes escólas de unidade nacional, como as chamam os Italianos. Foi principalmente para crear estas escólas que a Italia, á custa de tantos sacrificios, organisou as forças de mar e de terra, e fazendo o soldado italiano e só italiano, com um só chefe e uma só bandeira, quiz que os cidadãos obrigados todos ao serviço militar não fossem mais Piemontezes, Toscanos ou Napolitanos mas só Italianos.

Na historia recente do Brazil, na guerra do Paraguay ha um exemplo d'este fortalecimento de unidade do paiz pela confraternisação militar fortificada no soffrimento, como quando se aboliu a escravidão esta unidade se manifestou no unisono jubilo nacional.

A maioria da nação brazileira, professando e querendo a religião catholica como religião do Estado, ao poder central caberá a direcção das altas relações da Egreja com a nação. A sua influencia moral e real se exercerá nos estabelecimentos de instrucção publica superior já existentes, pelo grande numero dos seus funccionarios espalhados pelo paiz, pela direcção dos correios, dos telegraphos, dos portos, pela sua auctoridade exclusiva de crear e de regular a moeda, pelas suas alfandegas, pelo seu privilegio de cobrar direitos de importação e, na esphera internacional, pela direcção que só elle poderá dar ás relações do paiz com o resto do mundo.

Tem-se dito, sem que na proposição haja uma verdade absoluta, que os governos parciaes têm tido a tendencia de restringir a liberdade civil e politica, mas essas liberdades não ficam á mercê dos governos parciaes. Ellas são consagradas pela Constituição nacional que se impõe a todos os governos locaes. E se esta suprema investidura do Estado, se todas as attribuições capitaes, enfeixadas nas mãos do poder central, não bastam para manter a unidade brazileira, é porque esta unidade é impossivel e nada póde preserval-a.

Alliviada dos encargos locaes, a missão do Estado poderá ter um desempenho util e efficaz. A divisão do trabalho, tão fecunda na ordem economica, dará na ordem politica, resultados preferiveis aos da organisação centralisada. O parlamento que hoje perde metade de seu tempo em questões locaes estereis ou que elle não póde resolver com acerto, ganhará muito em elevação moral e ficará mais livre. A monarchia, isenta das funestas responsabilidades que hoje lhe dá o encargo inteiro da nação, será a representação suprema da patria, a magistratura que ninguem disputará, será a ordem, a paz e a unidade, assentando sobre a base larga e firme da união de provincias for-

tes e não fracas ou descontentes como hoje. A sua influencia moral ganhará com o seu progresso e a sua democratisação. A missão nacional do povoamento e da utilisação do sólo será mais rapidamente cumprida e melhor succedida se, em vez de ser mal dirigida de um ponto unico e distante, ella fôr desempenhada pelas provincias limitando cada uma os seus esforços, por isso mais efficazes, dentro do proprio territorio. O elemento estrangeiro é no Brazil a civilisação. O immigrante é o professor nacional do trabalho, o factor e o mestre primeiro da producção da riqueza. Iniciado a principio na pequena communidade provincial, o immigrante mais facil e mais rapidamente se interessa pelas coisas da sua terra adoptiva e fórma parte da nacionalidade. As communidades provinciaes, coexistentes na nação, terão por certo rivalidades, mas ellas originarão uma competencia que é o estimulo ao progresso. As provincias ensinarão umas ás outras os meios de adiantamento moral e material que forem adoptando e em vez da legislação unica que trata egualmente coisas e pessoas deseguaes, as leis provinciaes terão um caracter experimental que falta á legislação uniforme de outros paizes.

Se a monarchia no Brazil, até hoje associada tão intimamente á vida do paiz, não separar-se d'elle na phase nova em que elle tem de entrar, póde-se dizer que ella firmará o seu proprio prestigio, garantindo a sua gloria e a sua existencia. Assim a educação nacional se modifique, e dos variados elementos estranhos e indigenas com que se está formando a nacionalidade brazileira do futuro, sáia um povo que, em relação ás instituições herdadas de seus antepassados, tenha aquelle nobre sentimento de confiança, de dedicação e de lealdade para o qual, na lingua politica da Inglaterra, se inventou a bella palavra — *loyalism*. Erga-se até elle o caracter nacional e renove a monarchia os seus titulos não só á lealdade, mas ao reconhecimento dos Brazileiros.

Leipsig — Setembro, 1889.

Eduardo Prado.

OS FILHOS DE D. JOÃO I [1]

Inclyta geração, altos infantes.
CAMÕES, *Lus.* IV, 50.

IV

AS VIAGENS DO INFANTE D. PEDRO

D. Pedro era inteiramente outro homem: contemplativo, cavalheiresco, humano, prudente, sabio. Era louro. Tinha nas veias o sangue da mãi e assignalada na face a ascendencia. Assim que voltou de Ceuta, formou logo o pensamento de uma grande viagem, piedosa e politica, para sua instrucção, contando vagamente com aventuras quixotescas em que cumprisse o legado da mãi moribunda de defender as donas e donzellas, planeando ir á moda christã visitar o Santo Sepulchro, e de lá internar-se quanto podesse na direcção mal determinada dos reinos do Preste Joham das Indias, conforme as instantes recommendações do irmão que explorava tudo em beneficio da sua idéa. Estudasse o caminho por esse lado, emquanto elle, D. Henrique, ia iniciar em Sagres as viagens de exploração do mar. Trouxesse-lhe de fóra tudo o que por lá encontrasse ácerca da sciencia dos mappas e das viagens dos genovezes e venezianos, tão celebradas no mundo d'então.

A terra, cuja extensão se calculava, pois se lhe conhecia

[1] Continuado da pag. 319, numero do 1.º de setembro.

já a redondeza, apparecia porém como um vasto enigma e o maior problema do tempo. Acordada a curiosidade desde os primeiros movimentos das Cruzadas, a fé excitava-a com o empenho de christianisar todas as regiões do mundo. Parece-nos elle hoje mesquinho para o illimitado das nossas cogitações e dos nossos meios de acção. Fallamos instantaneamente de um extremo a outro, percorremos em breves mezes toda a extensão do globo, conhecemol-o em todos os seus pormenores, exploramol-o na sua superficie inteira: póde dizer-se que realisámos o velho symbolo religioso e imperial, aguentando-o sobre a mão, e sopesando-o! Por isso mesmo lhe tomamos cada vez maior desgosto. Mas no principio do seculo XV, o mundo tinha um encanto de sereia, uma seducção de mysterio, uma attracção de enigma. Nada se sabia ao certo dos mares, nem das terras, nem das gentes, fóra d'um acanhado recanto em volta do Mediterraneo; e tinham passado os tempos obscuros da Edade-média, em que povos e principes, cada qual no estreito ambito dos seus paizes, viviam absorvidos pelo cuidado exclusivo da sua organisação interna. Acalmada a crise que revolucionára as populações da Europa latina, desabrochava a flôr da curiosidade aryana, encantadora, mas venenosa: essa ancia de saber, que é ao mesmo tempo a nossa corôa e o nosso supplicio!

D. Pedro tinha sómente dois annos mais do que D. Henrique: vinte e quatro em 1416, á volta de Ceuta, quando o rei lhe deu o ducado de Coimbra. Impaciente por partir para a sua jornada, teve de a adiar por causa das complicações de 1417 com Castella, e em seguida pela expedição a Ceuta em 1418. Só depois d'essa data póde ter partido, porque n'esse anno o vimos no Algarve com seu irmão D. Duarte reunindo as reservas para soccorrer D. Henrique em Ceuta, caso fosse necessario. Diz-se que só largou de Barcellos em 1424 [1].

[1] O Abb. de Castro, no seu *Resumo historico da vida e acções do infante D. Pedro,* propõe a éra de 1416 em vez da de 1424, tradicionalmente acceite. Tal substituição não póde admittir-se.

A descripção da viagem consta de um folheto que entrou na litteratura popular *de cordel,* chamado *Livro* (ou *auto,* como dizia a 1.ª ed. 1544) *do*

Levava o infante comsigo doze companheiros, em memoria dos doze discipulos de Christo, diz piedosamente o chronista da viagem, mas este numero sagrado era tambem classico nas historias de Cavallaria desde os tempos de Carlos Magno. Fossem doze, ou os que fossem, partiram direito a Valladolid, onde então estava a côrte de Castella. O rei D. João II, filho de Catharina de Lencastre, era primo-irmão do infante, filho de D. Philippa; pois o casamento de Henrique III fôra a solução que por fim tinham tido as pretenções do duque de Lencastre á herança da corôa castelhana. Havia quatro annos (em 1424) que, depois d'uma menoridade de dezeseis, o rei João II tomára aos dezoito as redeas do governo. Metade do largo periodo da menoridade do rei, até 1412, governára como regente o infante D. Fernando, eleito n'esse anno para a corôa de Aragão, vaga pela morte do rei obeso Martinho em quem se esgotava a linhagem dos velhos condes de Barcelona, e que acabou tristemente das pimentas que tomava, a vêr se conseguia ter successão. Quatro annos apenas, de 1412 a 1416, durou o reinado aragonez de D. Fernando, que na regencia de Castella se enchera de gloria, batendo o granadino na campanha de 1407-8, e tomando-lhe Antequera em 1410, depois de concluida a tregoa. Seu filho Affonso V succedeu-lhe; e as duas familias reinantes, de Castella e do Aragão, tão estreitamente aparentadas, mais se ligaram ainda pelo casamento de João II com a prima, irmã de Affonso V, Maria de Aragão, irmã tambem da que foi esposa do nosso rei D. Duarte.

Mas se, com este casamento do rei de Castella, as duas grandes monarchias da Peninsula andaram mais um passo no caminho da fusão, realisada ao depois em 1504, foi tambem essa a causa das graves perturbações que agitaram o reinado de João II. Logo que principiou a governar, o rei entre-

Infante D. Pedro de Portugal, o qual andou as sette partidas (partes) *do mundo, feito por Gomes de Santo Estevam, um dos doze que foram na sua companhia.* V. Innoc. *Dicc. Bibliogr.*

Sobre a biographia do infante D. Pedro, consulte-se Soares da Silva, *Mem. do reinado de D. João I,* I, 315-79 e IV, 463-506.

gou-se de corpo e alma a D. Alvaro de Luna (de quem mais tarde fallaremos com vagar) que fez condestavel, conde de Santo Estevam, dando-lhe seis cidades e setenta fortalezas; isto, quando os irmãos da rainha, os infantes de Aragão, Henrique e João (que no proprio anno do casamento da irmã, herdára pela esposa a corôa de Navarra) imaginavam ter subido com a rainha Maria ao throno de Castella [1].

Estas deploraveis historias que de futuro se haviam de ligar tão intimamente á trama dos acontecimentos de Portugal durante a regencia do infante D. Pedro, não agitavam porém ainda a côrte castelhana, onde o condestavel Alvaro de Luna reinava omnipotente, na occasião em que o infante por lá passou a caminho de Jerusalem. D'essa visita vieram decerto as relações de estreita amizade que ligaram D. Pedro ao condestavel de Castella, determinando o segundo casamento de João II, com a filha do infante D. João, indigitada esposa de Affonso V pelos inimigos de D. Pedro.

Todas essas historias distantes, ainda estavam, repetimos, na massa dos futuros imprevistos, quando o moço infante e a sua cavalgada deixavam galhardamente a côrte castelhana, depois de apertada a amizade com o rei, rapaz de vinte annos tambem, e com o seu querido e omnipotente condestavel. Um e outro foram acompanhar os cavalleiros andantes até uma legoa fóra de Valladolid. Tinham dado ao infante, além de um grosso presente de vinte e cinco mil peças de ouro, um thesouro maior ainda no interprete, ou lingua, Garcia Ramires, pratico no latim, no grego e nas linguas d'esse Oriente remoto, o turco e o hebreu, o chaldaico e o arabe, para onde os cavalleiros se propunham jornadear. Ao lado do infante, seu fiel Achates, galopava Alvaro Vaz d'Almada, fadado para um destino igual...

Atravessando a Hespanha, atravessando a Italia, pelos caminhos mais directos, foram dar a Veneza, sem que do trajecto ficassem noticias. Estas longas jornadas da Cavallaria eram

[1] Ch. Romey, *Hist. d'Espagne*, IX, 16 e 17.

communs. Em Veneza desfizeram-se dos cavallos para seguirem viagem por mar. A republica attingia n'esse proprio momento o fastigio do poder a que chegára, desde os tempos obscuros em que, apavorados pela invasão de Attila, os venetos se tinham miseravelmente escondido nas lagunas do Rialto, refugiando-se entre os lodos das ilhas. Distantes éras! Diversa fortuna! Nos dez seculos decorridos, tinham assistido á derrocada do Imperio occidental, e encostados a Byzancio saqueavam dia a dia o Imperio oriental, emquanto do lado opposto o arabe, depois o turco, o desmembravam. Esses dez seculos tinham sido um caminhar constante. Rainha no Adriatico, Veneza disputava a Milão o dominio da Lombardia, imperando no Mediterraneo com as suas colonias espalhadas em toda a velha área grega.

Attingindo no seculo XV a culminancia do seu poder, Veneza, sobre a rêde de canaes onde vogavam silenciosamente, negras como esquifes, dez mil gondolas cruzando-se debaixo de quinhentas pontes, apresentava ao viajante um aspecto ao mesmo tempo deslumbrante e singular. O esplendor dos palacios, o luzido dos marmores, as illuminações das vidraças coloridas estonteavam a vista, sem que os ruidos das grandes cidades ferissem os ouvidos. A rua que liga a praça de S. Marcos ao Rialto era uma feira onde todos os generos preciosos appareciam expostos á venda em bazares interminaveis: pedrarias e perfumes, alfaias e especiarias, brocados, marfim, os productos do Oriente e os da Europa, entre os quaes os vidros e os livros de Veneza tinham uma primazia eminente. O arsenal e o thesouro, um encerrado no seu cinto de muralhas torreadas, outro escondido nas cryptas de S. Marcos, guardado com o corpo milagroso do patrono da cidade, com as corôas de Chypre e de Creta, e com os dois carbunculos tamanhos como ovos de franga, eram das maiores maravilhas da cidade singular nascida do casamento com o Adriatico, todos os annos celebrado ainda [1].

[1] V. *Itinerario da Terra Santa, etc.* por Fr. Pantaleão Daueiro (Lisboa 1596, 2.ª ed.). Este itinerario valiosissimo servir-nos-ha para completar a narra-

O commercio inteiro das regiões distantes vinha parar a Veneza. Os seus navios mandavam nos proprios mares da terra dos turcos. Commissarios e mercadores seus penetravam em toda a metade oriental do mundo; e em 1270 Marco Polo publicára as suas viagens que pareciam phantasticas, e por isso o seu livro andava em todas as bocas. A republica, em agradecimento a D. Pedro pelas liberdades de que em Portugal gozavam os venezianos, offereceu-lhe, como guia para a viagem ao Oriente, o livro de Marco Polo [1], preciosa dadiva que elle reservou para seu irmão Henrique, juntando ao livro os mappas novos. Enfardando cuidadosamente os presentes, partiram os romeiros, via de Chypre, para a Palestina. Embarcaram, e descendo o Adriatico, ladeando o Peloponeso e Creta, sempre em aguas da Republica, foram para léste dar a Nicosia, capital de Chypre e côrte dos Lusignans, que reinavam sobre a ilha desde 1191, quando Ricardo Coração-de-Leão, depois de a conquistar aos arabes, a dera a essa familia franceza. Acharam a rainha em prantos porque seu marido, Hugo IV, andava captivo dos egypcios.

tiva summaria de Gomes de Santo Estevam. Posterior um seculo, Aveiro visitou a Terra Santa quando ella já tinha passado, com toda a Syria e o Egypto, para o dominio da Turquia, sem por isso sahir do regimen musulmano. Fr. Pantaleão seguiu a derrota que depois ficou adoptada, de desempenhar em Jaffa, e subir a Jerusalem por via de Rama (p. 107). D. Pedro foi primeiro ao Cairo, pois a Palestina pertencia ao Egypto. Esta circumstancia depõe a favor da authenticidade (parcial, como veremos) da narrativa de Gomes de Santo Estevam. Aveiro não data a sua viagem, mas dizendo que sahiu de Roma no pontificado de Paulo IV, é facil affirmar que ella se fez nos annos de 1556 a 1559, quasi quarenta antes da impressão do itinerario, e cento e vinte depois da de D. Pedro.

[1] «E no tempo que ho Iffante dom Pedro de gloriosa memoria, nosso tio, chegou a Veneza. E depois das grandes festas e honrras que lhe foram feitas polas liberdades que elles tẽe nestes nossos regnos, como por ho elle merecer, lhe offerecerom em grande presente ho liuro de Marco Paulo que se regesse por elle, poys desejava de ueer e andar pollo mundo...»

Trad. de Marco Polo, por Valentim Fernandes, pref. da edição de 1502, rarissima, no ex. da Biblioth. de Lisboa. Cf. Santos, *Memoria sobre dois antigos mappas*, etc. 276.

— Amigos, de que geração sois? perguntava a rainha chorosa.

E dizendo-lhe o infante quem era e d'onde vinha, a triste senhora observou melancolicamente:

— Prouvera a Deus que as provincias de Hespanha estivessem perto do nosso senhorio, e nos poderamos soccorrer uns aos outros: assim os inimigos da fé seriam menos poderosos!

O turco era n'essa época o terror medonho do mundo. Sentiam-no vir, como em seculos distantes se ouvira crescer o trovão aterrador dos cavalleiros de Attila. Toda a metade oriental do Mediterraneo, para além da Italia, estava sendo um verdadeiro inferno, desde que o imperio byzantino começára a cahir a pedaços das mãos impotentes dos Paleologos.

A pobre rainha de Chypre chorava sósinha as consequencias de um caso cruel. Em 1365 o Lusignan fôra incendiar Alexandria aos mamelukos, em cujo poder estava o Egypto, tendo passado por varias mãos depois dos arabes. Em 1424 os mamelukos assaltaram Chypre, tomando e saqueando Famagusta; no anno seguinte tinham voltado, prendendo o rei que depois fizeram seu tributario. O infante D. Pedro, ao passar em Chypre em 1425, achou a ilha n'uma desolação e a rainha debulhada em lagrimas [1].

Largando Chypre e a sua attribulada rainha, foram ao acampamento, ou côrte, de Amurat II, sultão dos turcos, em Patras, no golfo de Lepanto [2]; foram provavelmente com cartas e recommendações de Veneza, pedir salvo-conducto para se internarem no Oriente, e obtiveram-no mediante vinte e seis

[1] O *Livro* de Gomes de Santo Estevam, que vamos seguindo, tem sido tomado como uma fabula. A nós parece-nos verdadeiro, até certo ponto. Além de outras provas que se irão vendo, está esta da visita a Chypre, e da rainha afflicta pelo captiveiro do marido. Ora é facto, segundo se vê no texto, que Hugo IV cahiu prisioneiro dos egypcios em 1425; e esta data resolve tambem o problema do começo da viagem do infante, que n'isto encontra uma razão mais para se fixar em 1424.

[2] O *Livro* diz que primeiro foram procurar o turco em Mandua (?) e que depois é que foram a Patras. Mandua será Nicomedia?

peças de ouro. Amurat commandava os turcos havia quatro annos, tendo em 1421 succedido ao primeiro Mahomet. Passado o furacão de Tamerlan, quando o imperio esteve a ponto de naufragar em Angora (1402) onde Bajazet ficou prisioneiro, e concluido o periodo sangrento das guerras civis entre os filhos do sultão captivo, Mahomet reconstituira a unidade do imperio com a victoria magnifica de Semendria sobre os gregos (1412). Datava d'ahi a grandeza da Turquia. Alastrando-se como uma vasta cheia, dominava tudo, desde o Egeo até ao Danubio, incluindo a Bulgaria, a Macedonia, a Thessalia, a Thracia, e impondo a suzerania á Servia, á Valachia, e aos restos miseraveis do imperio grego, reduzidos a Byzancio onde os Paleologos dormitavam. Acampado em frente, em Nicomedia, Amurat II, em 1423, cercou pela segunda vez a cidade de Constantino [1]; e foi então que se ouviu nos Dardanellos o ribombar surdo dos canhões; mas Constantinopla salvou-se pela revolta dos irmãos do sultão que se levantaram em Nicea, obrigando Amurat a ir lá estrangulal-os. João II pôde ainda morrer no seu throno (1448), porque só ao cabo de cinco annos Byzancio cahiu ás mãos de Mahomet II.

De Patras seguiram os viajantes para Constantinopla, a visitar a magnifica cidade, agora tão decahida no imperio, mas cada vez mais brilhante no seu luxo, no desvairamento das suas festas e na folia constante do seu viver: Constantinopla que succedia a Antiochia, e de que Paris é hoje o paradigma, porque todas as civilisações carecem de um centro de gaudio cosmopolita. A cidade, mal saradas ainda as feridas do cerco de 1423, estava prevenida com um triplo cinto de fossos e corcovas, contra o annunciado ataque dos cavalleiros de Rhodes. Em Rhodes, como em Chypre, como na Syria, o movimento das Cruzadas deixára pequenos nucleos de nações, formados por gente do norte, e que teriam crescido com os despojos do imperio byzantino, se os turcos não viessem substituir-se-lhes des-

[1] O primeiro cerco de Constantinopla data de 1397.

truindo successivamente esses ephemeros estados neo-feudaes. Rhodes, conquistada em 1310 pelos cavalleiros de S. João de Jerusalem, depois da queda da Syria christã ás mãos de Saladino (1187) era o ninho fortificado d'essa Ordem, denominada depois pela ilha que tiveram até 1479, quando Mahomet II os expulsou de lá. Rhodes fôra tomada a Byzancio, e os cavalleiros pensavam tambem em herdar Constantinopla, sem nunca poderem passar de planos. A velha metropole do mundo grego, n'uma caducidade garrida, dormiu socegada atraz dos seus fossos e corcovas.

Mas estes aprestos de guerra faziam escassear os mantimentos: não havia carneiro, nem vacca; comia-se dromedario, o cavallo d'esse Paris de outras éras. Partiram por terra. Jornadearam por desertos em que se perderam. O roteiro nota grandes serras cobertas de neve. N'um ponto diz que viam a terra de Jerusalem, n'outro que deixavam á mão esquerda o norte da Noruega. Montavam dromedarios ao uso da região «e cada dromedario leva quatro homens com todo o necessario para elles: pão, agua, mel, manteiga, figos, passas, com tres ou quatro saccos de tamaras, que é o mantimento da cavalgadura.» Tudo isto nos está dizendo que não sahiram das regiões da Asia-menor, e que a visinhança da Noruega é uma phantasia como tantas que se encontram nas viagens remotas, em tempos antigos — e tambem modernos. Outra phantasia é o verem Jerusalem, que decerto viam apenas com os olhos d'alma, pois esse era o primeiro destino da viagem do infante.

Provavelmente, de Constantinopla passaram á Asia e perdendo-se talvez nas serras da Armenia, vieram parar de novo á costa do Mediterraneo, onde embarcaram para Alexandria. De outra fórma, vindo por terra, pela Syria ao Egypto, teriam encontrado primeiro a Palestina.

O *grão Babylão* que foram visitar a Babylonia, não é mais do que o sultão baharita do Cairo. Chamavam muitos a esta cidade Babylonia do Egypto, confundindo-a com o velho Cairo, ou Babul, fundado por Amru em 658, a meia legoa da cidade moderna de que é um arrabalde, no ponto onde o Nilo

recebe o canal de Trajano [1]. Quando o infante D. Pedro visitou o Egypto ainda os turcos lá não tinham chegado. Destacado do califado arabe de Bagdad no principio do seculo x, cahira no poder da dynastia apostolica dos fatimitas, que teve por quasi dois seculos toda a Africa mediterranea. No ultimo quartel do seculo xii o Egypto voltou a reconhecer o califado de Bagdad (que já era então, como o papado de Roma é hoje, apenas uma instituição religiosa) mantendo a sua independencia politica sob os novos sultões ayubitas, em cujo tempo (1171-1254) se deram as crueis tragedias de Saladino na Syria e a expedição do santo rei de França, em que ficou captivo. Foi um periodo de anarchia sangrenta, terminando com o assassinato do sultão pelo chefe dos seus mamelukos, Ibegh, o fundador da nova dynastia baharita que durou até ao principio do seculo xvi, quando o imperador Selim trucidou os mamelukos e annexou o Egypto á Turquia (1517).

Ao tempo da viagem do infante D. Pedro, em 1425 ou 1426, a Syria, portanto, era dos mamelukos. Depois da catastrophe de 1291, em que o reino christão de Jerusalem fôra definitivamente aniquilado, o rei de França obtivera, em 1336, que a guarda do Santo Sepulchro se confiasse a monges christãos [2]. Comprehende-se pois que, para ir a Jerusalem, como era seu designio, o infante quizesse primeiro obter o salvo-conducto

[1] Pietro della Valle, *il pellegrino,* nas cartas da sua viagem pelo Egypto, pela Syria, pela Persia e pela India, onde viu de pé, e em plena força ainda o nosso imperio, escreve do Cairo a 25 de janeiro de 1616: «Ma io, a dir la verità, sono andato pensando un' altra cosa, non sò, se totalmente a proposito: cioè, che il Cairo. dal suo primo fondamento, sia stato sempre dove adesso è il nuovo, e che il Cairo vecchio sia l'antica Babilonia di Egitto, colonia gia di quei Caldei, che, como narra Strabone & anche Diodoro Siculo, havuto del Rè di Egitto quel sito da habitare, ivi la edificarono e dal nome dell' altra Babilonia loro patria cosi la chiamarono.» *Viaggi* (ed. Veneza, 1661), i, 283. — «O Soldão do Grão Cairo: a que muytos chamam Babylonia...» diz Aveiro. *Itiner.* 181 v.

[2] V. *La terre saincte, ou description topographique très particulière des saincts lieux & de la terre de Promission,* etc. par F. Eugène Roger, recollect. mission. em Barberie. Paris, 1646, 4.º. Embora posterior pouco mais de dois seculos, a descripção do missionario, minuciosa e eruditamente feita, e luxuosa-

do sultão do Egypto; mas é no Cairo que pela primeira vez o chronista accusa o segundo intento da jornada: ir ao Preste Joham das Indias! Descobrir esse reino tão encantado como as ilhas do Oceano, entrava decerto nas idéas combinadas antes da partida com o infante D. Henrique. A viagem terrestre de um irmão completava o plano emprehendido no mar pelo outro. Diz o roteiro que se demoraram no Cairo quatorze dias, e que o sultão quiz que lhe contassem como eram os reinos do poente e lhe dessem noticias de Hespanha.

*
* *

D'ahi largaram para Jerusalem, por terra. Do Cairo para a Palestina, a estrada das caravanas seguia, como ainda hoje, em linha recta para oriente, passando pouco acima de Suez. É o que o chronista chama a provincia de Centurio onde viu que «quando nasce uma criança d'ahi a nove mezes lhe põem uma verga de ferro na cabeça, e assim fica com pouco juizo, mas mui forte de cabeça.» Ora, entre os varios povos que na terra seguiram esse uso ou rito antiquissimo da macrocephalia, deformando de varios modos os craneos tenros dos recem-nascidos, estão justamente os egypcios, e os egypcios de Suez, propagando-se d'esse ponto o uso para norte e para oeste, entre os kabylas. A especie de deformação do Egypto é a que Vesale chamou lateral ou temporo-parietal, commum aos macrocephalos de Hippocrates, aos abases do noroeste do Caucaso, e aos antigos habitantes do norte europeu: flamengos, belgas e outros. Consiste na compressão lateral do craneo em toda a sua extensão, no sentido anterior ou posterior, e obliquamente, de baixo para cima, produzindo o entumecimento da fronte e do

mente impressa, tem para nós o maximo valor historico. É tambem bibliographicamente um primor. D'ella nos servimos no texto para completar os apontamentos de Gomes de Santo Estevam; e o *Itinerario* de fr. Pantaleão Daueiro, utilisando tambem as *Viaggi* de Della Valle, já citadas, que visitou a Terra Santa em 1616.

occiput, como nos macrocephalos de Hippocrates, ou de um dos dois isoladamente, ou por fim o estreitamento da abobada superior do craneo e o alargamento da sua base. Esta deformação, que só se praticava, ou se pratíca, sobre as crianças do sexo masculino, obtem-se por meio de compressões manuaes, ou pela applicação de compressas e apparelhos apropriados [1]. Gomes de Santo Estevam descreve um d'esses nas palavras transcriptas.

A estrada transpõe uma das gargantas dos montes que limitam por oeste o deserto de Tih, habitado por tribus de *alarves* [2] quasi selvagens, que andavam nús, alimentando-se de hervas e carne crúa, errando entre as montanhas e o deserto, onde desciam para assaltar os viajantes. Chegando a meia largura da peninsula que termina no monte Sinai, dividindo as aguas do mar Rôxo nos dois golfos de Suez e de Akabah, a estrada vira para norte, bifurcando: um ramo vai a Gaza, e segue na costa por Jafa até Cesarêa, outro ramo toma as cumiadas dos montes de Judá em direitura a Jerusalem. Foi esta ultima a derrota que seguiu D. Pedro.

Por ahi entrou na Terra Santa, chão predestinado para theatro da epopêa do mundo, desde o Paraiso e o seu Peccado, até á Redempção pela morte de Jesus, e ao Juizo Final que encerrará a Historia no valle escuro de Josaphat. Dividiam n'este tempo a Terra Santa em quatro provincias. A primeira é Galilêa, entre o Libano e Samaria, indo a metade superior do Jordão á Phenicia, e a inferior de Saphet aos montes Gilboe, com o lago Tiberiade, e até ás serras de Zabulon. Na Galilêa ficam, além dos montes Gilboe, Hermon e o Thabor, e as ruinas das velhas cidades de Nazareth e de Nain, de Salem,

[1] Magitot, *Éssai sur les mutilations ethniques,* no Rel. do Congresso Intern. de Anthropol. e Archeol. prehist. de 1880; pag. 549-612.

[2] Alarve era o termo generico com que se designavam os mouros ou arabes nomadas, mais ou menos salteadores. A exactidão perfeita da narrativa de Gomes de Santo Estevam encontra-se em Della Valle que com os mesmos traços descreve as tribus nomadas das visinhanças do Sinai. «Se altro no trovano, mangiano radici e foglie di herbe, se pur dell' herba hanno ventura di trovare.» *Viaggi,* I, 346.

*

Bethulia, Tiberiade, que deu o nome ao lago, Canna, Sephoris e Bethsaida. Depois vem a Phenicia, desde o Adonis, fronteira da Syria, ao longo da costa mediterranea, até ao castello do Peregrino: faxa de seis legoas de largura por vinte e cinco de extensão, sobre a qual assentam Biblis e Barut, Patron e Sidonia, Tyro, Ptolomaida, Caipha e Sarepta. Depois, Samaria; depois, a Palestina propriamente dita, com os seus quatro portos de Jaffa, Gaza, Ascalonia e Cesarêa em ruinas; com as cidades santas de Ramatha e Lidda, Bethlem, onde nasceu Jesus, Hebron e Emmauz, Azotus e Jerichó, escondida entre hortas e palmares, vergeis e canaviaes de assucar, regados pelas linhas de agua que vão dar ao Jordão, depois de banharem a vasta campina de Galgala [1], tapetada d'essas rosas vermelhas que se tingem de branco, e revivem sempre, apesar de sêccas, logo que se immergem n'agua [2].

A terra da promissão, tantas vezes alagada em sangue, e sempre abençoada por Deus, era ainda o jardim onde o leite e o mel corriam em ribeiros. O romano cobrira-a de cidades e monumentos; a santa imperatriz Helena, primeira mulher de Constancio Chloro e mãi de Constantino, o que converteu o imperio ao christianismo, coalhára-a de igrejas e mosteiros, consagrando os momentos divinos da historia dôce de Jesus. Agora a desolação via-se por toda a parte, as ruinas a cada lado, depois das invasões dos arabes e egypcios: especialmente depois da conquista de Saladino que em 1187 expulsára os christãos de Jerusalem, annexando o reino ao sultanato de Damasco; e depois

[1] Aveiro, *Itin.*, 214.

[2] Eug. Roger, *La terre sainete*, 18 a 20 e 149. A rosa de Jerichó, *Anastatica hieros.* é uma crucifera que, depois de sêcca, sempre que se mette na agua, absorvendo-a por capillaridade, abre, parecendo reverdecer. De tal phenomeno vem a superstição antiquissima da influencia d'esta planta sobre os partos; e o commercio que d'esta reliquia fazem ainda hoje os judeus e mouros da Palestina. Na occasião das dôres immerge-se o pé da flôr sêcca em agua, e o parto é feliz quando termina antes da rosa estar completamente aberta. Retira-se da agua, liga-se, sécca, e guarda-se para outra vez. Quanto á mudança de côr, de que falla o missionario, não se observa nos exemplares que vêm para a Europa.

do incendio da cidade santa pelos turcos do Egypto em 1244, até á data de 1291 em que, tomada S. João d'Acre, toda a Palestina ficára em poder d'elles. Fôra um longo seculo de destruição feroz!

Mas se as cidades cahiam por terra despovoadas, se os mosteiros abandonados se despedaçavam, transformando-se os santuarios em estrebarias, essa terra, igualmente sagrada para o judeu, para o christão e para o musulmano, continuava a desabrochar em flôres e fructos, como um verdadeiro paraiso que era. Os sycomoros, as acacias, as palmeiras, os aloës e as cevadilhas, os jujubeiros, os terebinthos, e todas as arvores mediterraneas, fechavam-se em mattas, cobrindo com a sua sombra os tapetes de rainunculos e narcisos, de anemonas, jacintos e nardos, de açucenas e lirios, flôres bulbosas, de um aroma inebriante, que trepam nos vallados, bordando os caminhos, entremeando-se com o aconito cuja raiz basta pegar-lhe para se cahir em syncope, com o kermes d'onde se tira a purpura, com a mandragora e as solaneas cujos venenos religiosos contribuem para a exaltação mystica d'essa terra eleita por Deus. Nas encostas dos montes trepa a vinha, e os meloaes cruzam a rêde dos seus braços como polvos; a oliveira ensombra os altos, e pelas varzeas estendem-se os pomares de amendoas, os figueiraes, as amoreiras que dão a sêda celebre da Phenicia, e os algodoaes entremeados pelos bosques de cana saccharina. Mais para longe, as searas louras ondeam ao vento, e nas serras pastam os rebanhos de cabras de orelhas pendentes, como podengos, cujo cabello fino de setim faz os ricos chamalotes da Syria e de Damasco, e as manadas de ovelhas e carneiros de cauda tão farta e gorda que suppre aos judeus o toucinho nas comidas [1]. A Judêa dorme em paz nas suas ruinas [2] comprimida sob o pé do egypcio, bafejada pela aragem fresca do norte que se côa pelas neves eternas do Libano, defendida dos ventos do deserto pela cortina dos montes de Seir e da Idu-

[1] Aveiro, *Itin.*, 53.

[2] «... inda que terra sancta está toda ou quasi destruida...» *Ibid.*, 54 v.

mea. No coração da terra, dividindo-a de norte a sul em duas, o Jordão, bordado de tamargueiras e altos canaviaes [1], transposto o lago Tiberiade, distribue para ambas as margens uma rega invisivel e abençoada, evaporado no ar pelo calor fecundante do sol [2], até se ir perder no sumidouro do mar Morto, que o mesmo sol aspira constantemente, sorvendo as aguas da lagôa pôdre de Sodoma, cujas emanações mephiticas levam nos ares a peste a Jerusalem [3].

Antes d'ahi entrar, a caravana do infante obliquou para oriente, deixando a direcção norte, e descendo ao deserto de Judá foi pelas margens do mar Morto metter-se no valle do Jordão, que subiram até á fonte onde reza a lenda ter sido baptisado S. Paulo. «Ganham-se ahi cem quarentenas de perdão». De lá partiram para Nazareth «d'onde foi a linhagem de Nossa Senhora».

Nazareth, que quer dizer flôr, fica na planicie olhando a oriente, com o horisonte limitado por um circulo suave de montanhas arborisadas. Era uma villa de duzentos fogos mouros que habitavam sacrilegamente no meio das ruinas venerandas. Em baixo, no centro da cidade velha, ficava a casa de Sant'Anna, onde Nossa Senhora recebeu a Annunciação: a casa construida pela imperatriz Helena, porque a verdadeira fôra levada pelos anjos para Loreto [4]. Sobre os alicerces d'essa levantou a santa imperatriz outra, cuja porta dá para o lado de Jerusalem, e estava encerrada dentro d'uma basilica, transfor-

[1] Della Valle, *Viaggi*, I, 463. — «O Jordão vay naquella parte (junto a Jerichó) muyto fundo, & estreyto: não tem area, mas hum lamaçal quasi como greda, da qual lama me disse o Abbade Caly que tomasse e ao sol sequasse para trazer comigo a Franquia, affirmando-me ser terra miraculosa e muy medecinal para febres... Da outra parte vay o terreno mais alto, & em algũ rochedo, & de hũa, & outra cuberto de arvoredo muyto espesso, o mais d'elle tamargueyras altissimas, mostardeiras & grandissimos carriços.» Aveiro, *Itin.*, 217 v.

[2] Eug. Roger, *La terre saincte*, 3, 4.

[3] «A causa de ser alli a peste tam continua he o mao cheiro que vẽ do mar de Sodoma, quando no verão continua Leuante; porque passa por aquelle maldito mar & conrõpido o ar causa peste.» Aveiro, *Itin.*, 149 v.

[4] Aveiro, *Itin.*, 267 v.

mada agora em estrebaria pelos mouros. Duas columnas de porphyro marcavam o logar da Virgem e o do Archanjo ao communicar-lhe a ordem celestial. E por entre as ruinas desconjuntadas brotavam anemonas e chalcedonias, rainunculos, narcisos, cyclamens e iris, enchendo o ar de uncções devotamente perfumadas. Logo ao pé visitaram a fonte da Virgem e os jardins plantados por Santa Helena; mais acima, para o poente, a duzentos passos, a mesa do Messias, lapide redonda onde Jesus ceou com os doze apostolos. Por toda a parte viam e se benziam da piedade de Santa Helena que, repudiada pelo marido por causa do seu christianismo, mereceu por isso mesmo do filho o titulo de imperatriz e do céo o logar de santa [1].

Estavam outra vez na região montanhosa e desciam agora, nas serras samaritanas, provavelmente a estrada que por Sebasta ou Samaria, Silo e Arimathia, vem direita a Jerusalem. Tanto assim que, antes de entrarem por fim na cidade, visitaram a aldeia de Emmauz, sacrosanta, afastada apenas duas legoas para noroeste. D'ahi a Virgem Maria fugira para o Egypto com o Menino Jesus. A lembrança d'estes casos ingenuamente piedosos, enchia de encanto o generoso espirito do infante. Foram vêr a palmeira que se baixou ao passar a Virgem, para ella colher as tamaras que deu a seu divino filho [2]. Ao pé da palmeira está uma fonte que por essa occasião brotou, e d'onde beberam a Virgem e o seu esposo S. José. A suave lenda do homem-deus enchia-os de contrição. Emmauz, a duas legoas e meia de Jerusalem, deserta, demolido e abandonado o seu mosteiro, no sitio onde milagrosamente Jesus appareceu aos discipulos, erguia-se no cimo da montanha fechada n'um ninho cinzento de olivaes. Pelas encostas pedregosas, tornadas ferteis á força d'arte, com as levadas e cisternas abertas a ferro na rocha dura, as pendentes ingremes, que as aguas desnu-

[1] Eug. Roger, *La terre sainete*, etc. 48 a 54.

[2] «Un' albero antichissimo di Terebinto che ha certi rami molto bassi & é fama che gl' inclinasse alla Madona una volta che di la passava.» Della Valle, *Viaggi*, I, 478.

dariam, ficavam interceptadas por escadas de socalcos successivos sustentados com muros [1]. Além, está a fonte onde o Redemptor lavou os pés com os seus dois discipulos Cleophas e o outro, e essa agua milagrosa era fresquissima e de muito sabor [2].

Porque não entraram logo em Jerusalem? Talvez quizessem preparar-se visitando primeiro todos os logares introductorios ao drama sagrado da paixão de Christo. O facto é que, torneando a cidade, foram primeiro a Bethlem, do lado do sul, na estrada que, seguindo pelos montes de Judá, entronca em Hebron com a que vem de Gaza, da costa.

Em Bethlem visitaram o presepe do natal do Redemptor, e a sepultura de S. Jeronymo, deixando a sua esportula de um cruzado por cabeça. A igreja, levantada por Santa Helena sobre o sagrado presepe, que é uma gruta de quinze passos de comprimento por quatro e meio de largura, e nove ou dez de altura, estava de pé, coberta ainda pelo seu tecto de cedro, mas os infieis tinham-lhe arrancado os revestimentos de marmore. O convento, em torno, fôra saqueado; e jazia deserto em ruinas, levantando no ar um esqueleto de muralhas torreadas. Das ruinas, no alto da calçada que vem do nascente subindo para Bethlem, viam desenrolar-se a paizagem opulenta, na qual se divisava perto Engaddi reclinada no seu valle mystico, onde entre os pampanos das videiras cresce o balsamò dôce da Judêa. Ao pé, ficava o sitio do apparecimento do anjo aos pastores, mais a gruta cujo saibro augmenta o leite das mães [3].

[1] Eug. Roger, *La terre saincte,* etc. 161. — Della Valle, *Viaggi,* I, 420.

[2] Aveiro, *Itin.,* 237.

[3] «Il paese, al mio gusto, é il piu vago, è 'l piú delitioso che possa imaginarsi.» Della Valle, *Viaggi,* I, 479. — Eug. Roger, *La terre saincte,* 161, 75 e 7.

«A terra desta Capella & toda a mais daquella furna he quasi como branca & desfasse como farinha, a qual tem particular virtude de accrescentar o leyte as molheres & aos outros animaes brutos que se crião e não só usão della molheres christãas, mas tambem as Turcas & Mouras, bebendo-a com agoa e a dão ordinariamente a seus animaes pera o que digo. Chamão todos áquella terra leyte de nossa Senhora.» Aveiro, *Itin.,* 186 v.

De Bethlem caminharam para norte, em direcção de Jerusalem que lhes appareceu ladeada pelas suas collinas, cada uma das quaes ficou bemdita por uma sacrosanta lembrança. A torrente do Cedron, bifurcando, abre entre os seus dois braços um planalto em que Jerusalem assenta. Por léste corre apertada contra o monte das Oliveiras, de cujo cume dominante, ahi onde houvera o templo de Astaroth, Jesus subiu ao céo, deixando marcada no sólo a sua derradeira pégada, que mouros e christãos beijam sofregamente. Santa Helena puzera n'esse logar uma igreja octogonal, agora arruinada [1]. Na vertente oriental do monte fica Bethphagé; na de occidente, estendem-se, abençoados pela paixão do Salvador, os jardins de Gethsemani, sobre o Cedron, que para o sul corre apertado contra o Candal, em cujo cimo se erguia o palacio dos Erros de Salomão. Na quebrada entre o Olivete e o Candal passa o caminho de Bethania, deixando á direita os tumulos dos Apostolos. Para oeste de Jerusalem, ao longo do segundo braço do Cedron, por onde segue o aqueducto de Bethlem, subindo para o norte, encontra-se o monte do Mau-conselho, onde se tomou a resolução fatal: *Expedit ut unus moriatur homo!* (Joan. II, 50) ladeado pelo do Escandalo da idolatria no tempo de Salomão [2]. É na base d'estes cerros que o Cedron bifurca, abrindo-se em dois valles, e deixando em meio o espaço da cidade. Para o sul, vai correndo, perder-se no mar de Sodoma, a oito legoas de Jerusalem, depois de lavar a Gehenna onde em antigos tempos fôra o templo de Moloch: esse deus phenicio cujas entranhas esbrazeadas se alimentavam com crianças vivas, inferno immundo para onde vasam os despejos da cidade que a torrente leva no seu caudal intermittente [3]. Acima do monte do Mau-conselho, ladeando Jerusalem pelo poente, erguem-se as eminencias em que o rei David destruiu os philisteus; depois, o morro em cuja

1 Aveiro, *ibid.* 145 v. — Roger, *ibid.* 138.

2 «Perche la sopra furono edificati i Tempij & adorati gl' Idoli dalle concubine con permission di Salomone.» Della Valle, *Viaggi*, I, 438.

3 Roger, *La terre sainete*, etc. 138.

base ficam os sepulchros dos Juizes de Israel; depois, a garganta obscura da piscina, d'onde nasce este braço do Cedron; depois, a montanha, com os seus dois cumes, ladeada ao fundo pela gruta de Jeremias, junto da qual passa o caminho de Damasco. Ficam ahi os tumulos dos reis de Judá e foi ahi a conversão de S. Paulo.

Antes de entrarem em Jerusalem, D. Pedro e os seus companheiros metteram-se pela garganta asperrima do Cedron, do lado de léste, subindo o terrivel valle de Josaphat, cujo comprimento mede meia legoa, com quatrocentos a quinhentos passos de largura, e onde os turcos e judeus têm o cemiterio em sepulturas escavadas na rocha das encostas [1]. Foram até ao alto [2], até ao tumulo de Nossa Senhora, que é onde por este lado começa a torrente cujas alluviões tinham soterrado quasi a capella construida por Santa Helena [3]. Estavam ahi diante da ponte da estrada de Bethania, que vai dar á porta dos Rebanhos, ou de Santo Estevam, pois junto d'ella foi lapidado o proto-martyr. Viram as pégadas dos apostolos, quando faziam vigilia ao cadaver de Nossa Senhora, no momento em que os anjos a levaram ao céo; viram junto á porta os pés e mãos de Nosso Senhor marcados na rocha com a profundidade de dois

[1] «I sepolcri di Gierusalem non sono tombe... ma fatti a guisa d'un altare da dir Messa ó d'una pietra sola, o di piu, secondo i luoghi: e sopra questi tumuli (per dir cosi) come altari si metteva il cadavero disteso dentro ad una cella o cameretta che era o fabricata a posta, overo cavata a forza di scarpello; come erano le piu nel sasso vivo de' monti, che da tutti i lati ce n'e abbondanza; & in una di queste celle, vi erano o più tumuli overo uno solo, secondo per chi haveva da servir la sepoltura.» Della Valle, *Viaggi*, I, 433, 4.

[2] Roger, *La terre saincte*, etc. 123, 4.

[3] *Ibid.*, 129. O sepulchro da Virgem tem duas camaras: á direita a de Sant'Anna e S. Joaquim, á esquerda a de S. José. Tudo está soterrado. «Questo tempio é molto basso sopra terra e per andare al Sepolcro della Nostra Signora si scende anche sotto terra da cinquanta scalini: cosa che mi fa credere che la Valle in quei tempi fosse assai più cupa che adesso no è; riempiuta forse dalla pioggia e dalla terra che il torrente deve portar da i monte intorno.» Della Valle, *Viaggi*, I, 433.

dedos; e penetrado por um sagrado terror, Garcia Ramires disse:

— Aqui havemos de ser julgados no dia do Juizo: deixemos um signal para nos encontrarmos juntos.

Mas o infante D. Pedro, inspirado por uma piedade mais pura e por isso menos realista, observou que seria tentar a Deus, e, estranhando as palavras de Garcia Ramires, respondeu severamente:

— Nunca Deus queira que taes signaes fiquem n'este logar!

Oliveira Martins.

CHRONICA FINANCEIRA

Lisboa 28 de Setembro de 1889.

A situação geral dos mercados monetarios europeus, não póde dizer-se muito animadora, ao findar de setembro.

O banco d'Inglaterra que, em 8 d'agosto, elevára a sua taxa de 2 $^1/_2$ a 3 $^0/_0$, e, tres semanas depois, de 3 $^0/_0$ a 4 $^0/_0$, acaba de a subir novamente a 5 $^0/_0$, *maximum* a que nos ultimos annos tem attingido officialmente o preço do credito no principal estabelecimento do mundo.

A gravidade da situação do mercado inglez deprehende-se facilmente do que fica exposto, desde que, no curto prazo de 7 semanas, o juro subiu ao dobro e attingiu o maximo dos annos anteriores.

Em qualquer outro mercado tão rapida elevação do preço do credito, no seu estabelecimento regulador, teria, quasi que exclusivamente, importancia local. Com o banco d'Inglaterra, porém, não succede outro tanto, pois é sabido que Londres é o mercado em que se centralisa quasi todo o movimento monetario universal. N'elle se reflectem sempre, com maior ou menor intensidade, todas as operações importantes dos mercados da Europa e da America.

A alta ou a baixa do juro em Londres tem, por isso mesmo, influencia em todas as praças que, salvo circumstancias ex-

cepcionaes, regulam o seu movimento, (dando-lhe maior ou menor expansão), pelas tendencias do mercado inglez.

Em virtude d'esta influencia crê-se, como infallivel, que o banco imperial allemão elevará tambem a sua taxa de desconto de 4 a 5 %, acompanhando, assim, mais uma vez o banco d'Inglaterra, na adopção da unica medida que, até hoje, se tem reconhecido como verdadeiramente efficaz para defeza das reservas metallicas dos bancos emissores. E tem sido consideravel a sahida d'ouro do banco regulador do mercado de Berlim nas ultimas semanas.

O banco de França, fortalecido com as enormes sommas de ouro que desde a abertura da exposição têm affluido ás suas caixas, já por effeito da expansão do commercio francez d'exportação, já pelo das despezas que nacionaes e estrangeiros têm feito em Paris, parece que sustentará a actual taxa de 3 %, se as suas reservas não continuarem a diminuir, como começaram, segundo se vê dos ultimos balancetes. O de 26 de corrente accusa a sahida de 11.385,000 francos em ouro.

Diversas são as causas que têm contribuido para a situação pouco fortalecida do banco d'Inglaterra. Entre ellas, avultam presentemente duas: uma, as remessas d'ouro para o Brazil; outra, as repetidas emissões do thesouro inglez que tem de concluir até aos primeiros dias d'outubro o reembolso dos antigos consolidados 3 % que não acceitaram a conversão.

A primeira das duas causas apontadas é, presentemente, a que maior pressão exerce no mercado inglez, tanto mais que para o Egypto têm sahido tambem importantes sommas e não se conta com mais remessas da Australia, d'onde as entradas têm sido, aliás, pouco avultadas, relativamente fallando.

Para a Escossia e Irlanda, em principios d'outubro, devem seguir sommas importantes, como é proprio da época, em que a circulação metallica alli, bem como a de notas representativas de pequena importancia, attinge sempre valor avultado.

O alto premio a que subiu o ouro na Republica Argentina d'onde a Inglaterra importa, na actual quadra, valiosas quantidades de lã, é ainda outro motivo de se recearem novas e

avultadas remessas d'ouro para Buenos-Ayres, e consequente depauperação das reservas metallicas do banco d'Inglaterra.

Comquanto a alta do juro não tenha influenciado muito os mercados financeiros, inclusivè o de Londres, a baixa do consolidado inglez dá perfeita idéa da gravidade da situação do mercado monetario inglez, visto que tendo-se desinteressado d'este titulo os demais mercados europeus, por occasião da conversão do 3 %, não são corrigidas pelas arbitragens as oscillações de preço que se manifestem.

A attitude dos mercados financeiros é, apesar do que dissemos com respeito á probabilidade d'uma época proxima de carestia de juro, bastante animadora.

Paris dá o impulso á alta e todos os demais mercados, mais ou menos, o seguem, no que diz respeito a valores internacionaes, exceptuando, porém, os fundos italianos que em França continuam a ser muito offerecidos, invertendo-se o producto das vendas em fundos portuguezes e hespanhoes, especialmente em portuguezes, cujas optimas condições, quanto a rendimento e segurança, estão sendo devidamente apreciadas no mercado francez.

O mercado nacional, abundantemente provido de recursos, manteve-se indifferente ás perturbações dos mercados externos. Assim o desconto de bom papel, até tres mezes, realisa-se com toda a facilidade, havendo tomadores a 4 $^1/_2$ %.

O papel cambial tornou-se abundante com a alta do cambio do Rio sobre Londres. Não póde, no emtanto, contar-se com remessas muito importantes, e sim bastante inferiores ás que n'outras épocas acudiam ao mercado nacional, logo que o cambio sobre Inglaterra ascendia a 27 d.

Para afastar os capitaes represados no Brazil duas causas contribuem presentemente. Uma de caracter mais permanente, a do juro ser, nas nossas praças, bastante inferior ao normal no Brazil, paiz novo que retribue mais elevadamente o capital. Outra, temporaria, mas que exerce agora intensamente a sua acção: a subscripção para o banco nacional do Brazil, (organisado por um grupo francez de que é chefe o banco de Paris

e dos Paizes-Baixos), calculando-se para o novo estabelecimento um lucro liquido de 15 a 18 % annuaes sobre o desembolso.

As transacções bolsistas têm sido mais que regulares, se tivermos em attenção as influencias contrarias á capitalisação que predominam presentemente nos mercados financeiros nacionaes, taes como a ausencia de muitos frequentadores da bolsa, em *villegiatura* nas praias e thermas do paiz, e a seducção que offerece aos nacionaes a exposição de Paris, a qual representa, no anno corrente, para Portugal, segundo se calcula, a despeza anormal de 3.000 contos, que se, em absoluto, não deixa de ser importante, relativamente o é mais ainda, como mais tarde poderá apreciar-se.

No emtanto, o progresso das receitas dos caminhos de ferro, o das receitas aduaneiras, o maior movimento dos algarismos do commercio externo, não traduzem situação desanimadora. Pelo contrario, relativamente, já se vê, ao estado periclitante da nossa economia alguns annos antes, em que todos os elementos se conspiravam para que a nossa situação se apresentasse difficil.

Os ultimos preços cotados adiante são em relação a transacções realisadas.

Designação	Cotações
Inscripções d'assentamento	65,25
» de coupons	65,30
Fundos externos	67,25
Emprestimos de 1888, 4 p. c. (com premios)	22,200
» 1888, 4 1/2 p. c. (assentamento)	90,500
» 1888, 4 1/2 p. c. (coupons)	90,400
» 1889, 4 1/2 p. c.	90,300
Fundos hespanhoes externos	71,20
Obrigações districtaes de 5 p. c.	93,500
» » » 4 1/2 p. c.	91,500
» municipaes » 5 p. c.	93,500
» » » 4 1/2 p. c.	90,900
» prediaes » 6 p. c. (assentamento)	94,000
» » » 5 p. c. (assentamento)	93,700
» » » 5 p. c. (coupons)	94,500
» » » 4 1/2 p. c.	91,500
» » » 4 p. c.	88,200

Designação	Cotações
Obrigações do banco ultramarino.	87,500
» da companhia das aguas.	86,200
» » nacional de caminhos de ferro. .	84,000
» do caminho de ferro através d'Africa	88,000
» do credito real do Brazil	44,800
» dos caminhos de ferro do norte e léste, 4 p. c. .	83,000
» da mala real portugueza.	85,500
Acções do credito predial portuguez	47,500
» banco de Portugal	148,000
» » nacional ultramarino	59,500
» » lusitano	112,500
» » commercial de Lisboa	128,000
» » Lisboa & Açores, 1.ª emissão	117,000
» » » » 3.ª emissão	113,000
» » do povo	9,200
Acções da companhia lisbonense d'illuminação a gaz . . .	132,000
» » dos ascensores mechanicos	78,000
» » carris de ferro.	87,000
» » da fabrica de papel do Prado . . .	114,000
» » de algodões de Xabregas.	165,000
» » fiação de Torres Novas	46,000
» » de seguros Probidade.	118,000

A. B. dos Santos.

O Secretario da Redacção

Manoel da Silva Gayo.

About

O nariz de um tabellião..... 300

Affonso Daudet

O nababo. 2 vol..... 1$200

Affonso Lamartine

Poesias..... 600

Alberic Second

O dia de São Nunca. 600
A viscondessa Alice. 2 vol..... 600

Alexandre Dumas

Sophia Printemps. 2 v. 600

Alfredo Musset

Contos..... 300
Novellas..... 1$000
Pedro e Camilla..... 300
O segredo de Javotte. 300

Aloysio Azevedo

O Coruja..... 700
O Homem..... 700
Mysterios da Tijuca. 600

Alvarenga Peixoto

Obras poeticas..... 600

Alvares d'Azevedo

Obras poeticas. 3 vol. 2$000

Alvaro Dias Patricio

A cornucopia dos salões. 700
Novissimo e completo manual de dança... 800

A. Feliciano de Castilho

Garcia de Rezende, excerptos..... 720
Padre Manoel Bernardes, excerptos. 2 vol. 1$500

Antonio Ferreira

Obras completas, annotadas e precedidas d'um estudo sobre a vida e obras do poeta por J. C. Fernandes Pinheiro. 2 vol..... 2$000

Antonio Gonçalves Dias

Obras posthumas, precedidas de uma noticia da sua vida e obras. 6 vol..... 6$000
Poesias. 2 vol..... 2$000

Antonio Henriques Leal

Antonio Gonçalves Dias, noticia da sua vida e obras..... 1$500
Pantheon maranhense. 4 vol..... 6$000

Antonio Manoel dos Reis

Thesouro litterario ou collecção de maximas e pensamentos..... 4$500

Assolant

Confissão d'um badense..... 300
O doutor Judasshon. 300

Augusto de Carvalho

O Brazil em 1870, estudo politico..... 250

Augusto de Castro

Barba de Milho, parodia phantastica do *Barbe Bleu*..... 400

Aymard

Ourson, o cabeça de ferro..... 600

Belot

A mulher de fogo. 2 vol..... 600

Belot e Dautin

O matricida. 2 vol... 600
Dacolard e Lubin. 2 vol..... 600

Bernardo Guimarães

A escrava Isaura.... 600
O ermitão de Muquem. 600
O garimpeiro..... 600
Folhas do outono.... 600
Historia e tradições da provincia de Minas Geraes..... 600
A ilha maldita — O pão de ouro..... 600
Lendas e romances... 600
Mauricio ou os paulistas em S. João d'El-Rei. 2 vol..... 1$200
Novas poesias..... 600
O seminarista..... 600
Rosaura, a engeitada. 1$000
O indio Affonso..... 300

Betoldi

O Beri-beri na provincia de S. Paulo, carta ao dr. Miranda Azevedo..... 200

Bettencourt Sampaio

Flôres sylvestres..... 600

Boissonade

A Biblia desmascarada..... 400

Brown

A conquista do ar... 1$000
Viagem no dorso d'uma baleia..... 600

Bruno

Chiquinho, encyclopedia da infancia.... 600

Bruno Seabra

Flôres e fructos..... 600

Burreau

Como e por que me tornei espirita..... 600

Caetano Felgueiras

Tetéyas..... 300

Camillo Flammarion

Deus na notureza. 2 v. 1$200
Os mundos imaginarios e os mundos reaes... 1$000
A pluralidade dos mundos habitados 2 vol. 1$200
Narrações do infinito. 1$000

Cantora Brazileira

Nova collecção de hymnos, canções e lundus, tanto amorosos como sentimentaes... 500
Nova collecção de modinhas brazileiras... 500
Nova collecção de recitativos..... 500
Os 3 vol..... 1$000

Carlos Ferreira

Rosas loucas..... 1$800
Com uma linda cartonagem..... 2$400

Casimiro d'Abreu

Obras completas..... 600

Clemence Robert

Marquez de Pombal... 300

Climaco d'Oliveira

Tristes e intimas..... 700

Corrêa Junior

Da côrte á fazenda de Santa Fé, impressões de viagem..... 400

Debay

Hygiene e physiologia do amor..... 600
Physiologia do matrimonio..... 1$000
Venus fecunda..... 1$000

Demersay

Historia geral do Paraguay..... 360

Demophilo

O catecismo constitucional..... 300

Domingos J. G. de Magalhães

(Visconde de Araguaya)

I. *Poesias avulsas.* 1$200
II. *Suspiros poeticos e saudades*.... 1$200
III. *Tragedias: Antonio José — Olgiato — e Othello*..... 1$200
IV. *Urania*..... 1$200
V. *A confederação dos Tamoyos*... 1$200
VI. *Canticos funebres*..... 1$200
VII. *Factos do espirito humano*.... 1$200
VIII. *Opusculos historicos e litterarios*..... 1$200
IX. *A alma e o cerebro*..... 1$200
As mesmas obras em papel superior, cada volume..... 2$000

Draper

Conflictos da sciencia com a religião..... 1$600

Duarte Badaró

Fantina..... 300

A REVISTA DE PORTUGAL é publicada no 1.º de cada mez, n'um volume de 130 a 150 paginas.

Um *BOLETIM BIBLIOGRAPHICO* acompanha cada numero da Revista, dando noticia e descripção de todas as obras, nacionaes ou estrangeiras, que forem enviadas á Redacção.

Os *ANNUNCIOS* são inseridos n'um supplemento especial collocado no fim do numero.

ASSIGNATURA

Portugal e ilhas adjacentes

Um anno	Seis mezes	Tres mezes
6$000 reis	**3$200 reis**	**1$700 reis**

Numero avulso. . . . . **500** reis
Pelo correio. . . . . **540** »

Colonias, Hespanha, Brazil e outros paizes da União Postal

Um anno	Seis mezes
7$200 reis fortes	**3$800 reis fortes**

A REVISTA DE PORTUGAL assigna-se no Porto na livraria dos editores e administradores LUGAN & GENELIOUX, *em todas as livrarias de Portugal, e nas principaes livrarias do estrangeiro.*

Porto — Typ. de A. J. da Silva Teixeira — Cancella Velha, 70